



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES-CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA-PPGF**

MARCELA CÁSSIA SOUSA DE MELO BENICIO FIGUEIREDO

**A BARBÁRIE DA REFLEXÃO:
O ALERTA DE GIAMBATTISTA VICO SOBRE OS RUMOS DA VIDA CIVIL**

**JOÃO PESSOA
2020**

**A BARBÁRIE DA REFLEXÃO:
O ALERTA DE GIAMBATTISTA VICO SOBRE OS RUMOS DA VIDA CIVIL**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação de Filosofia do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Doutora em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Giuseppe Tosi

**JOÃO PESSOA
2020**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F475b Figueiredo, Marcela Cássia Sousa de Melo Benício.

A barbárie da reflexão : o alerta de Giambattista Vico sobre os rumos da vida civil / Marcela Cássia Sousa de Melo Benício Figueiredo. - João Pessoa, 2020.

137 f. : il.

Orientação: Giuseppe Tosi.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Filosofia. 2. Filologia. 3. Vida civil. 4. Barbárie.
I. Tosi, Giuseppe. II. Título.

UFPB/BC

CDU 1(043)

Elaborado por WALQUELINE DA SILVA ARAUJO - CRB-15/514

MARCELA CÁSSIA SOUSA DE MELO BENICIO FIGUEIREDO

**A BARBÁRIE DA REFLEXÃO:
O ALERTA DE GIAMBATTISTA VICO SOBRE OS RUMOS DA VIDA CIVIL**

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Giuseppe Tosi
Orientador-UFPB



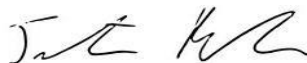
Prof. Dr. Gilfranco Lucena
Membro Interno – UFPB



Prof. Dr. Sertório de Amorim e Silva Neto
Membro Externo- UFU



Profa. Dra. Nicole Louise Macedo Teles de Pontes
Membro Externo- UFRPE



Prof. Dr. Jonathan Molinari
Membro Externo- UFPA

À Tulipa

AGRADECIMENTOS

Esses agradecimentos não vão sair aleatoriamente da ponta dos dedos, enquanto digito, nem tampouco da ponta do lápis enquanto faço anotações de nomes que não poderiam faltar numa provável lista.

Eis que me dei conta de que esses agradecimentos são sentimentos, daqueles sentimentos profundos, mas que habitam na superfície, bem ao alcance, daqueles que eu posso sentir assim que fecho os meus olhos ou mesmo antes disso.

Esses sentimentos aos quais reverencio aqui, possuem rostos e nomes e são o que, de imediato, visualizo na minha memória, no momento em que penso “Quem esteve nas trincheiras comigo?”.

No entanto, nesse caso, opto por descrevê-los enquanto sentimentos, sem nomes, primeiro porque quero reverenciar os feitos, as atitudes, os sentimentos que essas pessoas representaram e representam, segundo para que tais agradecimentos possam passar ao leitor desta tese, alguma sensação de proximidade, uma vez que, provavelmente, cada pessoa que lê, tem ou mereceria ter pessoas/sentimentos assim na sua vida.

Obviamente, eu sei de cada um(a) que esteve e, não por acaso, continua comigo e é por isso que me nutro da certeza de que, sem muito esforço, cada um(a) saberá se identificar nas linhas a seguir:

Reverencio a **DEDICAÇÃO** daquelas pessoas que sempre estiveram e estão comigo, que me auxiliaram nos meus, literalmente, primeiros passos, que continuam me erguendo e re-erguendo das eventuais quedas e que, além de me incentivarem a continuar andando, são os que me ajudam quando preciso parar e respirar.

Reverencio a **CUMPLICIDADE** daquelas pessoas que, espontaneamente, sempre estão/são, de alguma maneira, presentes (em todos os sentidos dessa palavra). Que compartilham comigo lágrimas e gargalhadas, sonhos e vivências, inseguranças e experiências.

Reverencio a **GENEROSIDADE** daquele que não soltou a minha mão, que sempre entendeu todos os “corsi e ricorsi” da minha vida durante essa pesquisa e que sempre me direcionou as palavras mais acolhedoras e incentivadoras.

Reverencio a **ATENÇÃO** dos que aceitaram participar desse momento e da melhoria dessa pesquisa.

Reverencio o **AMOR** em forma e cheiro de flor.

E, por fim, reverencio a **FORÇA** de quem resistiu e ainda resistirá muito.

“Escrevo para aquelas que, no meio das horas,
sentem uma pontada forte lá dentro, aquela pontada
que diz que estamos perdidas, aquelas que respiram
fundo quando o pensamento invade

acho
que
estou
enlouquecendo
depois
voltam a si
e mesmo
cheias de incertezas
continuam”.

(Ryane Leão)

RESUMO

A presente tese tem como tema central a preocupação com os rumos da vida civil, tendo como base o alerta feito pelo filósofo italiano Giambattista Vico (1668-1744) sobre uma barbárie da reflexão. Nossa hipótese é a de que a importância do alerta viquiano, feito no fim do século XVII, está em tornar recorrente a preocupação com a hipertrofia da objetividade científica em detrimento de outras dimensões da vida que constituem a civilidade. Para confirmar tal hipótese, seguiremos um percurso que se inicia com a formação intelectual viquiana, o seu apelo à tradição retórica, passando pela sua proposta pedagógica, sua teologia civil com o relevante papel da providência divina e a importância do senso comum, até formularmos a gênese do mundo civil das nações, compreendendo a tripartição histórica e, por fim, com esse embasamento conceitual, chegarmos à discussão sobre a barbárie da reflexão. As obras viquianas são relevantes, pontualmente, em cada parte desse percurso. Destacamos, no decorrer dessa pesquisa, a defesa viquiana por uma estreita relação entre a Filologia e a Filosofia, ou seja, entre o particular e o universal e, com isso, explicitamos a preocupação viquiana na busca pelos princípios e desenvolvimento do mundo civil das nações. Nessa pesquisa, a filosofia viquiana nos auxilia na tentativa de compreendermos os ciclos históricos que formam uma sociedade, seus valores, seus costumes, suas decadências e possíveis regenerações. Sendo assim, tal estudo nos direciona o olhar para a importância de uma orientação que vise à formação de um ser social. O que vale ressaltar na investigação, portanto, é o modo como Vico expõe tais conceitos em seu pensamento e de que maneira o seu projeto representa algo inovador no seu tempo. Por fim, tal processo nos incentiva a considerar os riscos que afetam os rumos da vida civil.

Palavras- chave: Filosofia; Filologia; Vida civil; Barbárie.

ABSTRACT

This thesis has as its central theme the concern with the direction of civil life, based on the alert made by the Italian philosopher Giambattista Vico (1668-1744) about a barbarism of reflection. Our hypothesis is that the importance of the Viquian alert, made at the end of the seventeenth century, is to make the concern about the hypertrophy of scientific objectivity recurrent in detriment of other dimensions of life that constitute civility. To confirm this hypothesis, we will follow a path that begins with the Viquian intellectual formation, its appeal to the rhetorical tradition, passing through its pedagogical proposal, its civil theology with the relevant role of divine providence and the importance of common sense, until we formulate the genesis of the civil world of nations, comprising the historical tripartition and, finally, with this conceptual basis, we arrive at the discussion about the barbarity of reflection. The Viquian works are relevant, punctually, in each part of this route. We highlight, in the course of this research, the Viquean defence for a close relationship between Philology and Philosophy, that is, between the particular and the universal and, with that, we explain the Viquian concern in the search for the principles and development of the civil world of nations . In this research, the Viquian philosophy helps us in trying to understand the historical cycles that form a society, its values, its customs, its decadence, and possible regenerations. Thus, such a study directs us to look at the importance of an orientation that aims at the formation of a social being. What is worth emphasizing in the investigation, therefore, is the way in which Vico exposes such concepts in his thinking and in what way his project represents something innovative in his time. Finally, this process encourages us to consider the risks that affect the direction of civil life.

Keywords: Philosophy; Philology; Civil life; Barbarism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: APONTAMENTOS SOBRE A PRESENTE PESQUISA	10
2 SOBRE GIAMBATTISTA VICO E O SEU TEMPO: A QUESTÃO DO SABER E DA VIDA CIVIL	26
2.1 DA VIRAGEM CULTURAL NAPOLITANA E DO SENTIMENTO DE ATOPIA VIQUIANO NARRADOS NA <i>VITA</i> : “ESTRANGEIRO EM SUA PRÓPRIA PÁTRIA”	26
2.2 DA FORMAÇÃO HUMANÍSTICA E DA PREOCUPAÇÃO COM O <i>ETHOS</i> : O APELO VIQUIANO À RETÓRICA.....	32
2.3 DA QUESTÃO DO SABER E DA CRÍTICA À UNILATERALIDADE CARTESIANA NO <i>DE RATIONE</i> : A QUERELA ENTRE ANTIGOS E MODERNOS	39
2.4 DA METAFÍSICA HISTÓRICA VIQUIANA NO <i>DE ANTIQUISSIMA</i> : A PROVIDÊNCIA DIVINA	50
2.5 DA NOVA ARTE CRÍTICA VIQUIANA NO <i>DIRITTO UNIVERSALE</i> : A FILOLOGIA COMO CIÊNCIA.....	57
3 SOBRE A GÊNESE DO MUNDO CIVIL DAS NAÇÕES EM GIAMBATTISTA VICO: A <i>SCIENZA NUOVA</i>	66
3.1 DA IDEIA DA <i>NUOVA SCIENZA</i> : SOBRE O FRONTISPÍCIO.....	66
3.2 DOS ELEMENTOS DA <i>NUOVA SCIENZA</i> : SOBRE AS DIGNIDADES.....	73
3.3 DOS PRINCÍPIOS E DO MÉTODO DA <i>NUOVA SCIENZA</i> : SOBRE AS <i>MODIFICAZIONI</i>	79
3.4 DA SABEDORIA POÉTICA DA <i>NUOVA SCIENZA</i> : SOBRE OS ASPECTOS PRINCIPAIS DESTA CIÊNCIA	88
3.5 DO <i>CERTUM</i> E DO <i>VERUM</i> NA <i>NUOVA SCIENZA</i> : SOBRE A RELEVÂNCIA DO SENSO COMUM	95
4 SOBRE A HISTÓRIA IDEAL ETERNA EM GIAMBATTISTA VICO: A BARBÁRIE DA REFLEXÃO SE CONCRETIZA?.....	101
4.1 DO MODELO VIQUIANO DE UMA HISTÓRIA HELICOIDAL: <i>CORSI</i> E <i>RICORSI</i>	101
4.2 DA BARBÁRIE E DOS RUMOS DA VIDA CIVIL: VICO E OS CONTEMPORÂNEOS	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	134
ANEXO: FRONTISPÍCIO	138

1 INTRODUÇÃO: APONTAMENTOS SOBRE A PRESENTE PESQUISA

O principal intuito da presente pesquisa é, a partir do alerta do filósofo italiano Giambattista Vico (1668-1744) sobre a barbárie, pensarmos uma *Filosofia Prática*, uma vez que falar de vida ativa na sociedade, leva o ser humano a avaliar o seu papel no meio civil, faz com que as pessoas pensem nas relações para com as outras pessoas e que os vínculos comunitários sejam retomados, questionados e, por isso mesmo, valorizados.

Para isso, o presente capítulo se trata de uma **“Introdução: apontamentos sobre a presente pesquisa”**. O objetivo, aqui, é abordar uma discussão sobre as especificidades dos estudos viquianos e da metodologia desses estudos, as características de uma pesquisa em Vico, a importância em se pensar e se discutir uma metodologia para as pesquisas filosóficas, aqui especificamente, para as pesquisas viquianas, bem como discutir, nesse capítulo, quais as características da presente pesquisa, qual o mapa que escolhemos traçar, quais os elementos que nos auxiliarão nesse caminho da pesquisa sobre a história das nações, a vida civil e, decorrente disso, o alerta viquiano sobre a barbárie da reflexão.

Vico presenciou o momento em que a Modernidade respirava o ar da clareza e distinção cartesiana e, com isso, presenciava também um total arrebatamento pela individualidade e subjetividade, ao passo que o cartesianismo oferecia como caminho seguro, a via unilateral da racionalidade e universalidade. Diante disso, cabe o questionamento retórico sobre: o que resta a um autor que se apresenta, nesse momento da Modernidade, com disposição a discutir sobre imaginação e fantasia como partes essenciais do conhecimento humano, a refletir sobre o senso comum e a sua relevância para a história, a considerar a importância das ciências morais e de questões referentes à vida civil?

É comum que algumas linhas de pesquisa sobre o pensamento de Vico, atribuam ao autor algumas menções, como é o caso de Benedetto Croce (1866-1952) que, em seus estudos, apresenta-nos Vico como precursor do idealismo absoluto e estranho à Modernidade, um adversário legítimo do racionalismo e da ciência moderna. Por sua vez, Nicola Badaloni (1924-2005) reivindica o estudo viquiano para uma leitura materialista, afirmando a contribuição viquiana para o marxismo. Há, ainda, alguns desdobramentos dessas interpretações, seja quando Croce defende um

Vico precursor da Estética moderna, concebida como filosofia da arte ou quando Habermas menciona Vico como fundador da Filosofia da História.

Além dessa variedade interpretativa, há quem questione a posição viquiana no embate entre antigos e modernos, devido à sua crítica à aplicação do método racional em âmbitos sociais e ao seu apreço a alguns elementos da cultura humanista, motivo que leva (SILVA NETO, 2010) a nomeá-lo como uma humanista tardio.

É, portanto, inegável o leque interpretativo que o pensamento de Vico proporciona. Por isso, mais do que refutar essas vias, acreditamos que essa variedade é resultado da abrangência e riqueza da obra viquiana. É fato que Vico privilegiou a Filosofia Moderna como sua grande interlocutora, por um lado não encontrou nos antigos o modelo para a nova ciência, por outro via como inadequado o método cartesiano para a investigação do mundo da cultura.

Diante disso, o projeto viquiano consistiu na reforma do racionalismo moderno, incluindo a importância do particular e do universal e, por isso, mais do que uma via exclusivamente idealista ou majoritariamente materialista, mais do que fundador da Filosofia da História ou especificamente da Estética moderna, Vico emprega uma Filosofia da Humanidade, onde todos esses e demais fatores possuem uma relação de reciprocidade e convertibilidade entre si, sendo esse movimento necessário para a investigação sobre a gênese do mundo civil das nações.

A maneira como Vico se define em sua *Autobiografia* (1728) é bastante significativa, pois, nada mais coerente do que ele se sentir como um estrangeiro em sua própria pátria, uma vez que se preocupa com os rumos da vida civil, enquanto há uma efervescência em relação ao modelo cartesiano e, por isso, apresenta um sistema que contempla a história das nações e que não se utiliza de uma via unilateral racionalizante, mas sim, busca contemplar as modificações do gênero humano, incluindo as suas obscuridades.

A proposta da vertente viquiana difere de um monismo da razão iluminista e de um cientificismo com bases cartesianas, uma vez que, sobre diversos aspectos (científico, filosófico e pedagógico), o pensamento de Vico está envolto de uma racionalidade que abrange e integra as demais faculdades humanas, tais como: imaginação, sentidos, fantasia e engenho. No entender de Vico, o detrimento da coesão social se dá pelo privilégio dado a um individualismo racional, o que é causa direta do prenúncio histórico de uma barbárie da reflexão.

Apresenta-se, aqui, portanto, uma tentativa de ampliar o debate sobre o pensamento de Vico nos círculos acadêmicos e expandir a reflexão viquiana sobre a vida civil a todas e a todos que se propõem abandonar uma ideia unilateral de que o ser humano se restringe ao seu caráter de uma racionalidade árida, uma vez que discordar dessa ideia cartesiana não implica em romper com a racionalidade, mas sim, em não mergulhar numa forma de subjetividade que faça com que os demais aspectos históricos sejam esquecidos, ou que sejam considerados somente a partir da luz da razão.

Defendemos aqui que uma pesquisa viquiana conta com o que chamaremos de: 1) Instrumento principal 2) Instrumentos secundários e 3) Instrumento regente.

1) O instrumento principal é aquele que o(a) pesquisador(a) nomeia como tema da pesquisa, a escolha por algum dos muitos aspectos que formam o conhecimento e a obra enciclopédica de Vico, como: linguagem, retórica, direito, religião, história, saber, metafísica etc. Tal como numa orquestra, o ponto instrumental principal é aquele ponto, escolhido como tema, para se sobressair como auxiliar de um processo maior.

2) Os instrumentos secundários são, portanto, todos os demais instrumentos que compõem a orquestra, são os temas relacionados ou subtemas, mediante a escolha temática feita na pesquisa. Esses, do mesmo modo, são de suma importância, uma vez que são pontos que atravessam a discussão dirigida pelo ponto instrumental principal, servindo de suporte para a problemática, bem como endossando o ritmo da pesquisa, eles não só atravessam no sentido de que passam, mas, como num *corsi e ricorsi*¹ viquiano, podem estar em ato inúmeras vezes, se necessário for.

3) Por sua vez, o Instrumento regente é aquele que, tal como um maestro, como o próprio nome indica, rege a orquestra, é primordial, é o que move todo e qualquer tema viquiano, pois se trata não só da questão central do pensamento de Vico em todas as suas obras, como também é o *leitmotiv*, ou seja, aquilo que move o instrumento principal e os instrumentos secundários de uma pesquisa em Vico, uma

¹ *Corsi e ricorsi* diz respeito às ocorrências e recorrências históricas, aos fluxos e refluxos, aos cursos e re-cursos, é uma característica própria do movimento histórico, evidenciando suas teias, seu emaranhado de vivências que se distanciam de características lineares ou cíclicas (nota da autora). Esse termo é utilizado nos estudos viquianos em alusão aos capítulos IV e V da Scienza Nuova, respectivamente “Do curso que fazem as nações” e “Do retorno das coisas humanas ao renascer das nações”.

vez que move também toda a orquestra viquiana, estando presente em toda a sua obra. Diante disso, defendemos aqui que o instrumento regente é a **vida civil**. A música, por sua vez, consequência de todo esse aparato, não poderia ser outra coisa, senão a **História**, com todas as suas fases e entonações, seus ritmos, sons, silêncios e vibrações, com todo o seu movimento e modificações.

Assim, afirmamos que o instrumento principal e os instrumentos secundários, mudam de acordo com cada estudo e cada pesquisa sobre Vico, se pudéssemos transferir isso para uma linguagem viquiana, diríamos que, dentro da pesquisa, o instrumento principal e os instrumentos secundários seriam os particulares, já o instrumento regente é o que é constante, é fixo, portanto, numa linguagem viquiana, seria o universal.

Poderíamos, aqui, escolher qualquer instrumento principal que atravessasse a trajetória intelectual viquiana, uma vez que a sua obra, como dito anteriormente, é de cunho enciclopédico. Poderíamos, por exemplo, termos como foco da presente pesquisa, temas como: linguagem, religião, direito, epistemologia, moralidade, retórica etc. No entanto, nessa pesquisa, tais temas serão nossos instrumentos secundários, nosso instrumento principal é o tema da barbárie e, por sua vez, o instrumento regente, como defendemos aqui ser o mesmo em todas as pesquisas viquianas, é o tema da vida civil.

Por barbárie da reflexão, entendemos ser o risco instaurado por certo tipo de racionalidade, pelo caráter racional cartesiano, a aridez do juízo analítico, o embate entre a racionalidade e a civilidade, a hipertrofia da crítica em detrimento de outras dimensões da vida e, resultante disso, os riscos da decadência da vida civil. A barbárie não tem uma data ou acontecimento específico, pois diz respeito a um ciclo histórico e, portanto, a barbárie está dissolvida no decorrer desse ciclo, em vários aspectos e em diversos acontecimentos, uma vez que a natureza humana daquele determinado povo, corresponde a uma natureza bárbara. A barbárie, portanto, representa o declínio e a queda do gênero humano, mas, ao mesmo tempo, em Vico, representa a passagem para o recomeço de um novo ciclo, tendo em vista se tratar de um momento de crise.

A **hipótese** da presente pesquisa é a de que o alerta viquiano traz ao campo de discussão tanto o nosso processo de civilidade, ou seja, em que se baseiam as relações na vida civil, quanto sobre o processo de civilização, ou seja, a concepção do “percurso das nações”, enquanto “Ciência da Vida Civil”, representando uma

recorrente preocupação sobre a hipertrofia da objetividade científica e os danos que esse modelo de racionalidade matematizante representa pra a vida civil.

Nesse contexto, o presente estudo busca investigar o pensamento viquiano sobre a vida civil, por meio de uma investigação filosófica e filológica, ou seja, utilizando o mesmo método que o autor utiliza em suas obras para tratar as questões referentes à história das nações, considerando o particular (Filologia) e o universal (Filosofia).

Portanto, essa pesquisa diz respeito não exclusivamente a uma Filosofia da História, nem tampouco se trata de uma pesquisa com caráter unilateralmente epistemológico, político ou metafísico. Essa pesquisa tem como objetivo unir tais características para, então, ser compreendida como uma Filosofia da Humanidade, uma vez que se trata de descobrir os princípios universais das nações.

Nesse contexto, mesmo que a Vico seja atribuída a menção de precursor da Filosofia da História, a Ciência Nova tem o objetivo de ser a construção de um projeto de ciência que reconhece a amplitude antropológica da natureza humana, ou seja, se propõe, a partir de um viés de investigação filológico-filosófico, unir particular e universal.

Sendo a Ciência Nova uma Filosofia da História, ela se apresenta pelo viés de uma Filosofia da Humanidade, na busca não por fatos históricos concretos e isolados, mas partindo da descoberta dos princípios desses fatos, ou seja, dos princípios da humanidade. Nesse aspecto, a visão idealista de Croce sobre o pensamento viquiano é relevante, quando afirma que:

Quando Vico intitulou sua obra *Scienza Nuova* [...] ele estava se referindo precisamente a essa ciência empírica: à ciência isto é, que era ao mesmo tempo filosofia e história da humanidade, com a história ideal das leis eternas sobre as quais os fatos de todas as nações decorrem em suas origens, progressos, estados, decadência e fim². (CROCE, 1922, p. 84)

Nesse sentido, utilizamos a afirmativa de Croce no que concerne a defesa de Vico por uma história ideal. Essa pesquisa busca, portanto, compreender as particularidades (Filologia) e o que há de universal (Filosofia) nas questões tratadas

² “quando Vico intitolava *Scienza nuova* la sua opera [...] si riferiva appunto a quella scienza empirica: alla scienza cioè che fosse insieme filosofia e storia dell'umanità, alla storia ideale delle leggi eterne sopra le quali corrono i fatti di tutte le nazioni nei loro sorgimenti, progressi, stati, decadenze e fini”.

por Vico e, sendo a presente pesquisa de caráter filosófico, buscamos, dentro dessa relação entre o particular e o universal, pensarmos uma filosofia prática.

Ora, sem adentrarmos com profundidade em toda a problemática que esse tema sugere, mas “Para que serve (ou deveria servir) a Filosofia”, senão, para nos causar o incômodo da reflexão? Aqui falamos sobre “servir” não meramente no sentido de uma utilidade científica atribuída à Filosofia, mas no sentido de “proporcionar”, “apresentar”, como se a Filosofia servisse a nós, meros (as) pesquisadores (as) desse campo, um prato de sabor amargo, o qual, mesmo assim, não deixamos sobras, pois, uma vez experimentado, nosso anseio é o de irmos até o fim. Esse prato farto e amargo da Filosofia, ao nosso ver, deve também ser popularizado, deve sair exclusivamente das mesas das elites intelectuais e das discussões com tempo de vencimento curto e se estender também a um tempo atual, deve ser degustado não somente com talheres de prata, mas também devorado à mão.

De todo modo, mesmo que alguns ramos da Academia e da pesquisa filosófica tenham certa resistência a isso, não aceitamos a ideia de que a filosofia se perdeu no tempo, pensamos que ela vai se fazendo com o próprio tempo (ou vice-versa), por isso podemos e temos essa responsabilidade, de fazê-la ser posta à mesa nos debates que dizem respeito à nossa realidade atual e aos problemas que se referem à nossa civilização.

Diante disso, de forma sutil e pontual, lançaremos algumas reflexões sobre a nossa realidade, impulsionadas pela obra de Vico e pela autoridade que ele atribui ao senso comum. Nesse contexto, quando Vico defende a relevância da Filologia articulada à Filosofia, busca inserir, no cenário da Modernidade, uma nova orientação de pensamento, utilizando-se de questões de ordem social, ou seja, do ser humano no mundo social, a fim de que uma nova perspectiva filológica-filosófica seja compreendida.

A Filologia trata da autoridade (*auctoritas*) do senso comum, enquanto a Filosofia trata da razão (*ratio*). A Filologia se identifica como a investigação dos costumes humanos, tomando como objeto de estudo: as leis, as línguas e a história das ideias e dos fatos. Sendo assim, a autoridade do senso comum torna-se presente nesse processo de conceber a Filologia no âmbito científico.

Faz-se, portanto, necessário destacar que, em sua obra *Sobre a antiga sabedoria dos italianos* [1710], Vico afirma que o conhecimento completo só é possível

por meio do conhecimento *per causas*, ou seja, o verdadeiro é o próprio feito (*verum ipsum factum*). Por isso, ao contrário do mundo natural, que os físicos julgam conhecer, mas que, segundo Vico, só Deus como criador o conhece, o mundo civil pode ser conhecido pelo gênero humano, tendo em vista que foi criado por ele.

Valendo-se desse conceito do *verum ipsum factum*, Vico parte para os conceitos de *certum* e *verum* para, assim, compreender o porquê do projeto viquiano de uma *Nuova Scienza* ter como base a relação entre Filosofia e Filologia. Ademais, o *verum* é verdade *a priori*, o *certum* é a forma como o ser humano percebe os fatos e lida com eles.

Como foi dito, a relação entre Filosofia e Filologia decorre exatamente dessa distinção entre o que é *verum* e o que é *certum*. Enquanto a Filosofia é uma ciência que revela o *verum*, a Filologia, por sua vez, reporta-se a uma consciência que revela o *certum*, ou seja, enquanto o conhecimento filosófico é pautado pela autoridade da razão, o conhecimento filológico é pautado pela autoridade do senso-comum.

Por isso, Vico afirma que "a filosofia considera a razão, de que procede a ciência do verdadeiro; a filologia observa a autoridade do humano arbítrio, donde se origina a consciência do certo" (VICO, 2007d, p. 498, §138).

Quando Vico define a Filologia como o estudo da língua, mais efetivamente onde se apresenta a história e as origens, defende também que no processo desse estudo das línguas, suas modificações e usos se apresentam mediante as modificações da própria história. Compreender, pois, os costumes humanos e o "mundo das nações", requer uma investigação acerca da linguagem. Vale ressaltar que tal investigação não se limita a compreender meramente a origem e desenvolvimento da linguagem, mas como a linguagem e a história convergem entre si. Segundo Vico:

A Filologia não é outra coisa senão o estudo e a investigação sobre a língua, cuja pesquisa versa em torno das palavras, e faz a história, e tece as origens e formação delas e, em seguida, as apresenta segundo as várias idades da língua, a fim de que cada um conheça as propriedades delas, as traduções delas e usos³. (VICO, 1861, p. 37).

³ "la Filologia non é altro che lo studio e l'investigazione sulla favella, quale ricerca versa intorno alle parole, e fa la loro istoria, mentre viene e tessere le loro origini e la loro formazione, e quindi le rassegna secondo le varie età della lingua, acciocchè ognun conosca le loro proprietà, i loro traslati ed usi".

Tendo em vista a hipótese da presente tese, julgamos ser necessário um estudo voltado para alguns conceitos e aspectos tratados pelo autor no decorrer de suas principais obras.

Em meio a esses conceitos e aspectos, estão: a formação viquiana como elemento importante para entendermos o lugar da orientação Retórica no pensamento de Vico. Isso vai nos confirmar os valores defendidos por ele como ideais para a formação humana; junto a isso a discussão sobre o humanismo cívico e os *studia humanitatis* como referências para o projeto viquiano de saber e de valorização da vida civil; o conceito de *verum ipsum factum* como princípio da identidade entre o fazer e o conhecer; a valorização da memória, imaginação e fantasia, atribuindo-lhes um importante papel, não só gnosiológico, mas de uma nova hermenêutica a ser realizada na história ideal eterna; a metafísica histórica viquiana, que se caracteriza como uma teologia civil e, assim, uma investigação a respeito da relação entre a providência divina e o mundo civil das nações, o que é primordial no tocante ao estudo sobre a vida civil em Vico; a sabedoria poética como pano de fundo para a História, para entendermos os princípios da humanidade; o senso comum e os conceitos de *verum* e *certum*, para a compreensão de como se dá o estudo viquiano sobre o mundo das nações; a questão da história no sentido comparativo para fundamentarmos, com isso, o alerta viquiano sobre riscos de uma nova barbárie; além de pensarmos os desdobramentos desse alerta na contemporaneidade.

Trata-se, portanto, de considerarmos, a partir das obras viquianas, incluindo as *modificazioni* presentes nas mesmas, bem como da discussão fomentada por alguns estudiosos de Vico, tanto a vida dos povos mais antigos, suas fábulas e seus poetas, a ligação entre a linguagem, o conhecimento e a poesia, o importante papel da providência divina, quanto, por meio dessa investigação sobre a história das nações, compreendermos o alerta viquiano sobre os rumos da vida civil.

Mais ainda, temos, aqui, o intuito de que, mesmo de forma coadjuvante dentro desta pesquisa filosófica, possamos de algum modo e em alguns momentos refletirmos sobre a nossa realidade civil a partir do pensamento viquiano.

Diante disso, afirmamos que a discussão sobre a vida civil parte de uma investigação acerca dos princípios do mundo da cultura, da gênese do mundo civil das nações e, conseqüentemente, tem como problemática o conhecimento da gênese do patrimônio da humanidade.

Do mesmo modo, afirmamos que o desenvolvimento do pensamento viquiano é responsável pela preparação do próprio autor no que concerne ao seu projeto de uma nova ciência. Sendo assim, ao percorrermos o caminho pelo qual se constituiu o pensamento viquiano, buscamos preparar a (o) leitora (leitor) para a compreensão da estrutura discursiva sobre a vida civil e de como esta, na proposta viquiana, está envolta por outras questões, como: a linguagem, o senso comum, os costumes, os *corsi* e *ricorsi* da história, a providência divina e, entre outros aspectos, os riscos que ameaçam a vida civil.

Para isso convém pensarmos nossa metodologia e, muito provavelmente, a discussão sobre ciência e não-ciência e toda a problemática envolvendo o conhecimento científico e não-científico. Não é o objetivo da nossa pesquisa aprofundar essas discussões, mas convém destacar a sua importância e influência quando pensamos em metodologia.

Ora, já é assunto de inúmeros debates acadêmicos a questão da metodologia nas ciências humanas em geral, o que pensarmos, então, sobre as possíveis metodologias para as pesquisas em Filosofia que, dentro do que pontuamos, não é considerada uma ciência? É certo que esse é um debate que merece muita atenção e aprofundamento, mas sobre a metodologia da presente pesquisa, concordamos com Demo, quando ele afirma que:

A criatividade científica é a filha legítima da utopia da ciência. Criar significa não submeter-se aos parâmetros do já conhecido, do já visto, do já acontecido. Quer dizer contestar as coisas como se apresentam e partir para outra alternativa de composição [...]. Do contrário, estaríamos condenados ao dogmatismo, ao fanatismo, à imitação, à reprodução das coisas. (DEMO, 2012, p. 76).

Convém, então, ressaltarmos que a presente pesquisa seguirá os moldes viquianos, como foi citado antes, com duas vias interpretativas que se relacionam, a Filosofia e a Filologia. A relação entre ambas, mostra-se como **pilar investigativo-metodológico** da pesquisa. Vico considera a Filologia como a investigação sobre os costumes humanos e o nascimento das nações, considera o estudo das palavras como o estudo das ideias e, por isso, o estudo da linguagem é o estudo da própria expressão dos costumes humanos.

Trata-se, como é evidente na obra viquiana, de uma pesquisa que reflete toda a obscuridade que os costumes humanos nos oferecem, uma vez que “a ciência não é, pois, a acumulação de resultados definitivos. É principalmente o questionamento

inesgotável de uma realidade reconhecida também como inesgotável” (DEMO, 2012, p.76).

Desse modo, tal questão é primordial para o presente estudo, uma vez que compreender os liames da vida civil parte de uma investigação quer filológica, pois se relaciona com os costumes dos povos, o senso comum e as particularidades de cada idade histórica, quer filosófica, pois, por meio desta, reconhece-se o que há em comum entre a história das nações.

Sendo a Filologia, portanto, a que trata do particular, das *modificazioni* do gênero humano, enquanto a Filosofia trata de abstrair o que há de universal nessas *modificazioni*, tais aspectos da vida civil são o alicerce para o estudo sobre os ciclos da história e, conseqüentemente, para o estudo sobre a barbárie da reflexão.

Aqui, trataremos, portanto, de aprofundar a pesquisa bibliográfica sobre o pensamento viquiano, levando em conta o que concerne às questões referentes à vida civil em suas obras. Destacamos, portanto, o estudo viquiano sobre a preocupação com os rumos da vida civil e o objetivo viquiano de conservar a civilidade e evitar uma perpetuação da barbárie. Mais especificamente, aqui, destacaremos como Vico teoriza a história das nações e embasa seu alerta sobre a barbárie da reflexão.

A respeito disso, faz-se necessário um percurso exegético que nos encaminhe para a discussão sobre os rumos da vida civil. Por isso, os objetivos específicos da pesquisa se direcionam aos seguintes apontamentos:

- *Orationes Inaugurales*, em especial o *De Ratione* [1708], onde o objetivo é entender alguns aspectos da reforma do saber, que enfrenta a querela entre antigos e modernos;

- *De Antiquissima italorum sapientia* [1710], onde o objetivo é compreender que o conhecimento humano enfrenta a limitação da mente humana ao que é produto do seu fazer [*facere*] e que a providência divina tem o conhecimento completo e infinito de todas as coisas, ambos aplicados ao critério do *verum-factum*, onde o verdadeiro se identifica com o feito;

- *Diritto Universale* [1721], onde o objetivo é apresentar a relação entre *certum* e *verum*, *ratio* e *auctoritas*, ou seja, a solidificação da convergência entre Filosofia e Filologia, não obstante a importância de, nessa obra, Vico ter apresentado a Filologia como ciência.

- *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo* [1728], onde o objetivo é conhecer a formação intelectual de Vico e o momento histórico que se refere ao final

do século XVII, narrados por ele mesmo e essenciais para a formação do projeto de uma nova ciência;

-*Scienza Nuova*, com última edição em 1744, onde o objetivo é o de apresentar uma investigação da história das nações e a preocupação com os rumos da vida civil, fazendo um alerta sobre os riscos de uma barbárie da reflexão.

Ressaltamos também que parte das obras que serão utilizadas na pesquisa, sejam elas de Vico ou de estudiosos, não possuem tradução para a língua portuguesa e que, por esse motivo, as obras serão abordadas em seus respectivos idiomas e o original estará disponibilizado nas notas de rodapé para eventuais consultas. Todavia, é nossa a responsabilidade pelas traduções feitas no decorrer da exposição.

A metodologia da presente pesquisa se apresenta como um estudo sobre as obras de Vico, bem como de estudiosos ou intérpretes do pensamento viquiano, com a finalidade de buscarmos subsídios para compreendermos a história das nações. A tentativa aqui, será a indicada por Vico, ou seja, de “descer destas nossas humanas e civilizadas naturezas àquelas realmente selvagens e imanes” (VICO, 2007d, p.547, §339). No entanto, o intuito é, também, a partir desse estudo, pensarmos algumas questões que sevem de alerta na atualidade.

O caminho não é o inverso e criticado por Vico, o de encaminhar a nossa realidade ao pensamento viquiano, com a intenção de que ele nos responda algo, mas sim, irmos até Vico para tomá-lo como referência diante das considerações a respeito dos particulares de cada etapa.

Usando de uma intertextualidade da obra viquiana com a presente tese, traçamos algum aspecto comum nos cursos e re-cursos históricos com o objetivo de nos situarmos historicamente. Vico, portanto, nos auxilia, Vico nos alerta, Vico se torna nosso instrumento metodológico, compondo uma alusão histórica para pensarmos sobre a questão da barbárie e dos rumos da vida civil.

Para isso, diante de colocarmos como prioridade a preocupação com os rumos da vida civil, talvez um questionamento seja feito: no que importa, então, pontuarmos aqui as características de uma obra de cunho pedagógico como o *De Ratione*, que se refere aos métodos de estudos dos antigos e modernos ou uma obra de cunho gnosiológico e metafísico como o *De Antiquissima* ou até mesmo adentrarmos em questões colocadas em uma *Autobiografia*? Respondemos a esta indagação indicando e fortalecendo a ideia de que todas as questões são partes inter-

relacionadas do processo viquiano de compreender o estudo das nações, de compreender os *corsi* e *ricorsi* de uma história ideal eterna.

É importante, portanto, fazermos esse percurso que vai desde a sua formação intelectual e pessoal, passa pela preocupação na formação do ser humano na vida civil, caminha na direção de reconhecimento do papel da providência divina no decorrer da história, confirma a importância de pensarmos um sistema de direito universal e nos direciona à compreensão histórica e, a partir disso, aos riscos que afetam a vida civil.

É necessário destacarmos que, no pensamento viquiano, há uma conexão e progresso discursivo em relação às suas obras, o que torna um equívoco metodológico tratá-las sem a consideração de que pertencem a um projeto maior, que é a *Scienza Nuova* (1744).

Sendo assim, mesmo que o recorte seja feito aqui, é importante ressaltarmos que ele sempre irá trazer e lançar outras e variadas questões que remetem à obra viquiana em sua totalidade. O estudo viquiano exige que o(a) pesquisador(a) seja levado(a) a utilizar uma metodologia que se assemelhe à própria metodologia viquiana.

Em Vico, para compreendermos os cursos que fazem as nações, é necessário nos adequarmos à sua própria natureza, portanto, para tentarmos compreender a obra viquiana, é também necessário que consideremos tanto o seu contexto histórico, quanto o seu processo de formação, de modo a ressaltarmos a importância da dinâmica das partes em relação à importância do todo.

O que propomos aqui é, por fim, apresentarmos que, dentre tantas questões que permeiam a formação do projeto viquiano da *Scienza Nuova*, a que optamos na nossa pesquisa como **ponto instrumental principal** é a barbárie da reflexão, isso porque no presente estudo, a discussão sobre a preocupação viquiana com os rumos da vida civil (**instrumento regente**), estará constantemente presente, por vezes de modo explícito, nas linhas da presente tese, por outras vezes de modo implícito, nas entrelinhas das demais questões, formando assim, o grande arcabouço do pensamento viquiano, que se identifica com o grande arcabouço da história das nações.

Com o intuito de responder aos objetivos dessa pesquisa, a presente tese está disposta em mais três capítulos, são eles:

-**Capítulo II**, intitulado “**Sobre Giambattista Vico e o seu tempo: a questão do saber e da vida civil**”. O objetivo é apresentar à/ao leitora/leitor não só a formação pessoal e intelectual de Vico e suas referências, mas, principalmente, como isso reflete nas discussões levantadas pelo autor em suas obras, bem como compreender que o estilo viquiano de abordagem está fundamentado na sua trajetória. As obras que se mostram de suma importância para tais discussões são: A ***Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*** (1728) por ser uma autobiografia que já se apresenta dentro dos moldes viquianos de investigação, uma vez que narra a formação pessoal do indivíduo e utiliza a terceira pessoa, o que sinaliza uma preocupação com a imparcialidade e a objetividade histórica e o seu intento pedagógico e didático em não demonstrar experiências pessoais deslocadas de um contexto histórico.

Com o intuito de adentrar nas discussões sobre o saber, a obra ***De nostri temporis studiorum ratione*** (1708) por ser uma oração de cunho pedagógico, será primordial, pois é onde Vico discute as principais diferenças entre o método de estudos dos antigos e modernos, propondo uma reforma do saber, em que não prevaleçam as ciências naturais em detrimento das ciências morais, ou seja, onde a formação humana não seja realizada por meio de uma visão unilateral, como a cartesiana, o que afirma a preocupação com a vida civil e o modelo de ciência.

A obra ***De Antiquissima italorum sapientiae*** (1710) será importante, uma vez que se trata de uma obra de cunho metafísico, onde Vico aprofunda as discussões sobre o critério do *verum ipsum factum*, importante para o “fazer ciência” em Vico.

O ***Diritto Universale*** (1721), por sua vez, trará com mais ênfase, a particularidade ao “fazer ciência” viquiano, pois apresentará a filologia como ciência, além de apresentar a discussão entre *ratio* e *auctoritas*. Ademais, algumas outras orações de Vico, conhecidas como **Orações Inaugurais**, serão também utilizadas de modo pontual nas discussões deste segundo capítulo. Esse capítulo se mostra essencial no processo de pesquisa sobre a barbárie, uma vez que a formação de Vico nos faz compreender o modelo de ciência que Vico busca construir, a defesa viquiana no estabelecimento de aspectos civis e a preocupação viquiana com os rumos do cientificismo e, a partir dessas preocupações, onde se fundamenta o alerta viquiano sobre os riscos de uma barbárie da reflexão.

-**Capítulo III** intitulado “**Sobre a gênese do mundo civil nas nações em Giambattista Vico: a *Scienza Nuova***”. Tem como objetivo apresentar o projeto viquiano de uma ciência nova, após a exposição da Filologia como ciência no Direito

Universal. A discussão, nesse capítulo, será sobre sua obra maior, a *Scienza Nuova*, que se mostra ligada aos capítulos anteriormente expostos. Esse percurso se revela importante para a formação do projeto viquiano, tal como se Vico preparasse o leitor para o método utilizado em sua obra magna, para a realização de uma investigação acerca das origens do mundo civil das nações e de um “fazer ciência” que se identifica com uma filosofia da humanidade. Este capítulo se apresenta, portanto, como a exposição desse projeto tão almejado e lapidado por Vico durante a sua formação intelectual, a ***Scienza Nuova***. Trata-se de uma “nova arte crítica”, uma vez que não descarta a crítica, mas relembra a importância da tópica, por isso é um modelo que difere do modelo de crítica proposto por Descartes, pois tem como objetivo justificar a Filologia como saber e investigar os princípios da humanidade, esse processo do “conhecer o fazer histórico”, mostra-se essencial para a investigação sobre a barbárie da reflexão.

-Capítulo IV, intitulado “Sobre a história ideal eterna em Giambattista Vico: a barbárie da reflexão se concretiza?”. Trata das diversas faces do alerta viquiano sobre os rumos da vida civil, retoma questões sobre o descontentamento de Vico em relação à filosofia do seu tempo e os seus rumos, baseia-se na ideia de uma história ideal eterna e, por meio da compreensão dos ciclos e modificações históricas, faz-nos compreender em que se baseia o alerta sobre a barbárie retomada e, com isso, refletirmos, junto a alguns contemporâneos, sobre a importância do próprio exercício de alertar, no sentido de questionarmos constantemente os modelos de racionalidade que interferem no fazer civil.

Essa investigação sobre a vida civil, é uma investigação sobre as origens do mundo civil das nações e, por isso, representa um modo do ser humano compreender a história e a si mesmo. Marco Lucchesi afirma, no prefácio da tradução brasileira da *Ciência Nova*, que “todos [...] nos tornamos, direta ou indiretamente, leitores de Vico. Todos fazemos e sofremos a história. Todos buscamos uma interpretação. Um sentido. Uma possibilidade” (VICO, 1999, p.22).

Sendo assim, vale sempre destacar que o autor italiano não se identifica com uma via unilateral da filosofia, ou com um pensamento lógico-racional-dedutivo para explicar todas as coisas, mas propõe uma articulação com a história da humanidade, os costumes das nações, o senso comum e outros aspectos filológicos.

Afirmamos aqui que a articulação entre a Filosofia e a Filologia se apresenta, portanto, como um recurso metodológico viquiano e uma via alternativa para a

investigação sobre o estudo das nações, tratando-se, desse modo, de uma Filosofia da humanidade.

Nesse contexto, nossa metodologia se refere a uma pesquisa filosófica que considera o “fazer ciência” como primordial no processo de pensarmos a nossa realidade, uma vez que defendemos que “a ciência que queremos é aquela dos nossos sonhos, capaz de produzir conhecimento e prática que garantam uma sociedade habitável, menos conflituosa, menos desigual” (DEMO, 2012, p.76).

Esse “fazer ciência” num modelo viquiano, condiz com o conhecimento histórico e os seus aspectos: suas complexidades, suas obscuridades e suas modificações, além da importância dada à fantasia, à memória e à imaginação.

Por isso, tal pesquisa, tem também a intenção de destacar a importância de Vico para algumas questões da humanidade. Tal afirmativa se encontra muito além de nomeá-lo como filósofo marginalizado ou considerá-lo como um filósofo precursor ou mesmo ambas as coisas, mas de reconhecê-lo como um pensador que exercita aquilo que já defendemos aqui como o que há de mais natural à filosofia: o desconforto diante da sua realidade, tomando o passado como referência, ao passo que exprime a preocupação com o futuro da civilidade.

Sobre a importância e o lugar de Vico na História da Filosofia, Isaiah Berlin o situa dessa maneira:

Ele [Vico] expôs a inadequação do utilitarismo antes que Kant, e a da visão atomística da sociedade antes que Rousseau e Hegel [...], antecipou-se às ideias desenvolvidas no século XIX e ainda mais, no XX, pelos filósofos morais e legais, e pelos sociólogos filosóficos. Ele é o verdadeiro fundador da escola alemã de história, através da sua rejeição do direito natural e da sua ênfase na plasticidade humana e na interpretação de todos os aspectos da vida social. Precedeu a Hegel e os psicólogos sociais, destacando que a direção de uma sociedade pode ser muito diferente da soma das intenções conscientes dos seus membros [...]. Vico percebeu a parte formativa desempenhada pelos mitos, imagens prototípicas e estruturas simbólicas, antes que Hamann, Schelling, Nietzsche ou Durkheim, ou os fundadores da psicanálise. [...] Sua doutrina da nova barbárie [...] se antecipa às de Herzen e Sorel [...]. Por cima de tudo, ele traçou a fronteira – a partir de então continuamente disputada - entre as ciências naturais e as humanas. Ele foi o primeiro pensador moderno que compreendeu a diferença fundamental entre a análise científica e a história. (BERLIN, 1882, pp 87, 88).

Diante disso, nesse momento, acreditamos ser importante para o processo de entendermos a relevância da vida civil em Vico, conhecermos a formação viquiana e

o modo como ela influenciou nos posicionamentos de Vico diante das mudanças do seu tempo. Essas, portanto, são as questões que abordaremos no próximo capítulo

2 SOBRE GIAMBATTISTA VICO E O SEU TEMPO: A QUESTÃO DO SABER E DA VIDA CIVIL

2.1 DA VIRAGEM CULTURAL NAPOLITANA E DO SENTIMENTO DE ATOPIA VIQUIANO NARRADOS NA *VITA*: “ESTRANGEIRO EM SUA PRÓPRIA PÁTRIA”

A Autobiografia (1728) ou, simplesmente, a *Vita* de Giambattista Vico, revela a intenção viquiana em não só informar ao/à leitor/a sobre os percursos da sua formação pessoal e intelectual, mas, oferecer um documento histórico da sua época. O estilo de escrita em terceira pessoa revela também a intenção viquiana de impessoalidade em relação aos acontecimentos, evidenciando o seu objetivo em falar como historiador, bem como sinalizando a sua crítica ao estilo de escrita em primeira pessoa da autobiografia cartesiana (*Discurso do Método*, 1637).

A primeira referência na *Vita* ao método cartesiano demonstra, de forma direta, a insatisfação de Vico com a filosofia de Descartes, especificamente por Descartes favorecer o estudo da matemática e desfavorecer outros que, na percepção viquiana, são indispensáveis para a formação do ser humano. Com isso, já nas primeiras páginas da *Vita*, deparamo-nos com o sentido da crítica viquiana a Descartes, ou seja, com a inquietação de Vico ao perceber, no modelo cartesiano de estudos, certa carência no que concerne à erudição.

Na seguinte passagem da obra, ao comentar a sua experiência nos estudos, Vico narra de não seguir o estilo de Descartes. Daí ele escrever:

não se fingirá aqui o que astutamente fingiu René Descartes acerca do método de seus estudos para poder manifestar somente sua filosofia e as matemáticas, e deixar por terra todos os outros estudos que completam a divina e humana erudição, senão que com a ingenuidade que corresponde ao historiador, se narrará detalhadamente e com sinceridade a série de todos os estudos de Vico, para que se conheçam as causas próprias e naturais de seu êxito como literato tal como foi⁴. (VICO, 2007a, p. 07)

Nessa enunciação, Vico sinaliza certo fingimento de Descartes ao apresentar, no *Discurso do Método* (1637), o seu projeto de reforma do saber. Vico afirma se

⁴ “non fingerassi qui ciò che astutamente finse Renato Delle Carte d' intorno al metodo de' suoi studi, per porre solamente su la sua filosofia e matematica ed atterrare tutti gli altri studi che compiono la divina ed umana erudizione; ma, con ingenuità dovuta da storico, si narrerà fil filo e con ischiettezza la serie di tutti gli studi del Vico, perchè si conoscano le proprie e naturali cagioni della sua tale e non altra riuscita di litterato”.

diferenciar de Descartes e se defende ao dizer que ele, diferente do filósofo francês, é sincero ao escrever sobre seus estudos na sua *Autobiografia*, pois o faz de modo a não desprezar a erudição, nem renegar a sua formação nas Letras.

É muito provável que Vico afirme isso pelo fato de Descartes ser formado nas Letras e, mesmo assim, rechaçar estudos importantes para uma erudita formação humana, no intuito de exaltar apenas a sua filosofia e renegar a sua formação, como defende no início de seu *Discurso do Método*.

fui nutrido nas letras desde a infância, e por me haver persuadido de que, por meio delas, se podia adquirir um conhecimento claro e seguro de tudo o que é útil à vida, sentia extraordinário desejo de aprendê-las. Mas, logo que terminei todo esse curso de estudos, ao cabo do qual se costuma ser recebido na classe dos doutos, mudei inteiramente de opinião. Pois, me achava enleado em tantas dúvidas e erros, que me parecia não haver obtido outro proveito, procurando instruir-me, senão o de ter descoberto cada vez mais a minha ignorância. (DESCARTES, 1996, p. 38)

Assim, no decorrer das páginas da *Vita*, o/a leitor/a percebe que os acontecimentos individuais do autor servem como instrumento de conjunção com os acontecimentos da vida civil, exemplificados em sua Autobiografia pela viragem do *status* cultural napolitano. Sobre isso, Liliane Severiano Silva afirma:

Para o leitor, o momento em Vatolla pode significar ainda a passagem de um paradigma cultural para outro: o percurso intelectual viquiano apresentado na Autobiografia se confunde com a mudança do status cultural napolitano. Em tal escrito destaca-se uma atenção às possíveis consequências decorrentes do abandono de determinada forma de pensamento, aquela oriunda da cultura clássico humanista, suplantada por outra, a saber, a da nova crítica. (SILVA, 2010, p. 18)

De toda forma, a impessoalidade, imparcialidade e objetividade histórica que Vico apresenta, pode ser interpretada como recurso para pontuar uma relação intrínseca entre o filósofo e o historiador.

E é justamente a este princípio da certeza da história a que Vico se refere em sua autobiografia, onde diz escrevê-la como historiador, que como é sabido trabalha sobre a matéria do “certo”. Porém, ele agrega também “escrevê-la como filósofo”, e então como aquele que se dirige à investigação da verdade, afirmando assim a veracidade do próprio relato, porém, sobretudo, tratando de dar-lhe um valor o mais universal, exemplar e paradigmático possível. Ademais, como é sabido, história e filosofia, o certo e o verdadeiro, se dão, para Vico, estreitamente conjugados, ao par daquela singular união de filologia e filosofia, que representa um motivo dominante de sua obra principal. (PATELLA, 2003, p. 182).

Sobre isso, mais adiante destacaremos melhor o que Vico define como “*verum ipsum factum*”. Por hora, convém destacar que, a partir desse critério, o verdadeiro é o próprio feito, portanto, se o ser humano faz a história, ele pode conhecê-la. Eis, em sua *Vita*, a particularidade da sua formação em relação direta com os acontecimentos da história.

Outro aspecto a ser destacado sobre o gênero autobiográfico, além da relação entre o personagem e o leitor, diz respeito à sua dimensão temporal. Na sua *Vita*, Vico coloca a realidade sempre em consonância com o tempo passado, há uma conexão entre o presente e o passado. Sobre isso, Patella afirma:

No relato autobiográfico viquiano a diferença entre o passado e o presente se anula, uma vez que o passado é sempre presságio do presente, sua antecipação, em uma visão de conjunto onde a continuidade prevalece sobre a distinção e o desenho unitário prevalece sobre o episódio singular ou sobre o incidente do recorrido. (PATELLA, 2003, p.180)

Com base nessas características do gênero narrativo da autobiografia viquiana, passemos agora a uma análise das questões que permeiam o texto da *Vita*. De modo a tornar mais didático e sistemático o exame a qual objetivamos, podemos compreender a narrativa em quatro momentos: 1) **A fase da infância viquiana**, a presença dos pais e mestres, a dificuldade na aprendizagem devido ao acidente que sofrera; 2) **A fase de formação intelectual viquiana** e autodidatismo, incluindo a experiência de passar nove anos em Vattola; 3) **O retorno de Vico à Nápoles** e as mudanças como advento do cartesianismo; 4) **A fase de maturidade viquiana** que culmina com a escrita do seu projeto de vida: a *Ciência Nova*.

No **primeiro momento**, Vico narra ser filho de pais honrados, seu pai era livreiro e de humor alegre, muito do que aprendeu foi por meio da livraria do seu pai, sua mãe tinha temperamento melancólico e ambos contribuíram à natureza de seu filho. Na infância, Vico se define como um menino de vivacidade e inquieto, mas, após o acidente que sofreu aos sete anos, devido às consequências de uma vida enferma, Vico afirma ter nutrido uma natureza melancólica e áspera. Sobre o acidente, em sua *Autobiografia*, Vico narra que

com a idade de sete anos, caiu de cabeça de uma escala, no chão, no qual permaneceu durante cinco horas imóvel e sem sentido [...] e considerando a longa queda, [o cirurgião] fez o seguinte diagnóstico:

ele ou morreria ou viveria idiotizado. Mas o julgamento em nenhuma das duas partes, pela misericórdia de Deus, se tornou realidade⁵. (VICO, 2007a, p. 5)

Após esse episódio, Vico passou muitas dificuldades com os estudos formais, ingressou tardiamente na escola e quando o fez, foi transferido de uma para outra, sem conseguir uma efetiva adaptação. Diante disso, Vico decide abandonar a escola e estudar por conta própria.

As instruções da Antiguidade na formação de Vico estão constantemente presentes em seu pensamento, como a influência da cultura retórica, dos filósofos e dos estudos clássicos, advindos do Renascimento. Estudou Direito na Universidade de Nápoles, pois o estudo da jurisprudência envolvia aspectos éticos, políticos, históricos, teológicos, literários, ou seja, estudos valorizados por Vico.

O conhecimento em jurisprudência o levou ao que narramos aqui como **segundo momento** da sua *Vita*, a saber, a estadia de Vico em Vatolla no cargo de preceptor dos filhos do marquês local. Vico narra a importância desse momento para a sua formação intelectual devido à comodidade que lhe era oferecida em Vatolla. Como descreve em sua *Vita*:

andava, naquele momento, com sua constituição física delicada e enfraquecida pela tuberculose, e por ele se reduzia de forma angustiante o patrimônio familiar, e tinha um desejo ardente de ócio para prosseguir seus estudos, e seu ânimo se aborrecia grandemente pelo barulho do fórum, quando quis a boa sorte que se encontrasse dentro de uma biblioteca com Monsenhor Geronimo Rocca, Bispo de Ischia, jurisconsulto ilustre, como o demonstram suas obras. Com ele teve uma conversa sobre o método correto de ensinar jurisprudência. Monsenhor ficou tão satisfeito que lhe induziu a aceitar ir ensinar aos seus sobrinhos em um castelo em Cilento, lugar belíssimo e de ar puríssimo, que pertencia ao seu irmão, o Sr. D. Domenico Rocca (que mais tarde se tornou seu mecenas e se deleitava com a mesma classe de poesia), porque ele tentaria tratá-lo como todos os seus filhos (como, em seguida, efetivamente tratou), e ali recuperaria a saúde com o ar puro do lugar e poderia estudar com toda comodidade⁶.

⁵ *"In età di sette anni, essendo col capo in giù piombato da altro fuori d'una scala nel piano, onde rimase ben cinque ore senza moto e privo di senso [...] ne fe' tal presagio: che egli o ne morrebbe o arebbe sopravvivo stolido. Però il giudizio in niuna delle due parti, la Dio mercè, si avverò".*

⁶ *"Andava egli frattanto a perdere la delicata complessione in mal d'etia, ed eran a lui in troppe angustie ridotte le famigliari fortune, ed aveva un ardente desiderio di ozio per seguitare i suoi studi, e l'animo abborriva grandemente dallo strepito del fòro, quando portò la buona occasione che, dentro una libreria, monsignor Geronimo Rocca vescovo d' Ischia , giureconsulto chiarissimo, come le sue opere il dimostrano, ebbe con essolui un ragionamento d'intorno al buon metodo d'insegnare a' suoi nipoti in un castello del Cilento di bellissimo sito e di perfetissima aria, il quale era in signoria di un suo fratello, signor Domenico Rocca (che poi sperimentò gentilissimo suo mecenate e che si diletta parimente della stessa maniera di poesia), perché l' arebbe dello in tutto pari a' suoi figliuoli trattato (come poi in*

(VICO, 2007a, p.11).

O **terceiro momento** de sua *Vita* equivale à mudança no *status* cultural de Nápoles, presenciada por Vico e que ocasionou uma mudança no *status* pessoal e intelectual viquiano, que ocorreu “com o fim de sua solidão, que durou seus bons nove anos”⁷ (VICO, 2007a, p. 20), ou seja, depois do período em Cilento⁸.

Ademais, Vico foi recebido em sua terra natal como um “forasteiro em sua pátria”⁹ (VICO, 2007a, p.23) pois, no seu retorno, não se identificou com alguns novos aspectos culturais da sua cidade de origem, não via com grande entusiasmo as mudanças ocorridas em Nápoles. Bordogna afirma que no século XVII

foi forte a sensação de renovação ligada à elaboração deste novo paradigma da ciência para a qual indubitavelmente contribuiu um filósofo como Descartes. Na verdade, este último tinha expressamente declarado sua vontade de construir um novo edifício do saber, construído para demolir a escola agora em ruínas da escolástica: a nova ciência tinha que ter por objeto a natureza e a lógica deveria ser a matemática¹⁰. (BORDOGNA, 2007, p. 18).

O florescimento de Nápoles, naquele período, diz respeito à mudança no *status* intelectual e cultural da cidade, em especial no que concerne ao avanço das ciências naturais. O pensamento viquiano presencia uma época em que a cultura europeia desabrocha em Nápoles. Desse modo surgem interesses diversos sobre as novidades culturais advindas da Europa, como na Academia Colonna [*Accademia Colonna*] e na Academia dos Investigadores [*Accademia degli Investiganti*]¹¹, tendo à

effetto il trattó), ed ivi dalla buon'aria del paese sarebbe restituito in salute ed arebbe tutto l'agio di studiare".

⁷ “Verso il fine della sua solitudine, che bem nove anni durò”.

⁸ Sobre esse evento, Guido comenta: “Estes anos foram descritos na *Vita* com a mesma carga alegórica da narrativa da queda ocorrida aos sete anos. Na autobiografia, o período em que esteve com a família Rocca é descrito como o de completo isolamento em relação à vida cultural de Nápoles. Porém, nesses anos Vico acompanhava os constantes deslocamentos dos Rocca a Nápoles, o que invalida a tese do total isolamento com a cultura napolitana, defendida pelo Vico da *Vita* (1728)” (Cf. GUIDO, 2004, p. 27).

⁹ “*Forestiero nella sua patria*”.

¹⁰ “*Nel Seicento era forte la sensazione di rinnovamento legata all'elaborazione di quel nuovo paradigma della scienza a cui aveva indubbiamente contribuito un filosofo come Cartesio. In effetti quest'ultimo aveva espressamente dichiarato la sua volontà di costruire un nuovo edificio del sapere abbattendo quello ormai pericolante edificato dagli scolastici: la nuova scienza doveva avere per suo oggetto la natura e la sua logica doveva essere la matematica*”.

¹¹ Sobre os “Investigadores”, é preciso destacar que mesmo rejeitando a autoridade de alguns antigos, como Hipócrates, Galeno e, em certo sentido, Aristóteles, tais intelectuais não repudiam por completo o estudo da Antiguidade Clássica. Nesse sentido, Burke afirma que: “Esses “modernos” não repudiaram completamente o estudo da Antiguidade clássica. O que fizeram foi defender o que poderia ser chamado de uma “antiguidade alternativa”, não aristotélica, talvez para camuflar a novidade de suas ideais e ampliar seu atrativo, dando-lhes uma linhagem, e talvez porque estivessem realmente impressionados com algumas ideias antigas. Interessavam-se, por exemplo, por Platão e também pela tradição à qual assimilaram Descartes. Como vários intelectuais franceses e ingleses da época, o grupo

frente Tommaso Cornelio, o momento que se presencia a modernização cultural da Europa. Segundo Bordogna:

Nápoles, centro europeu de primeira importância, viveu, a partir da segunda metade do século XVII, um período de grande florescimento intelectual, cuja data de início vem coincidir com Francesco d'Andrea, conhecido advogado napolitano deste tempo, com o retorno a Nápoles em 1650 de Tommaso Cornelio. Este, médico, astrônomo e matemático, teve o mérito de ser o primeiro a introduzir na cidade napolitana, os livros de Descartes, um autor que antes, disse d'Andrea, ignorava-se o nome. Com efeito, será Tommaso Cornelio, juntamente com Leonardo di Capua (também médico), a fundar nos anos sucessivos a Academia dos investigadores uma associação que terá seu apogeu entre os anos sessenta e setenta e que reunirá os maiores intelectuais meridionais (bem como Cornelius e Di Capua, deve-se lembrar Carlo Buragna, Alfonso Borelli, Francesco D'Andrea, Lucantonio Porzio e Giuseppe Valleta)¹². (BORDOGNA, 2007, p.19)

A partir disso, adentramos no **quarto momento** da sua *Vita*, a saber, o início da concretude do seu projeto maior, a *Scienza Nuova*, em especial a narrativa da falta de receptividade da obra entre o ciclo de intelectuais da época, em virtude do entusiasmo geral com a filosofia de Descartes. Vico demonstra essa insatisfação também em seu *Carteggio* ou *Lettere* (1720-1729)¹³, pontuando que essas mudanças tão significativas e efervescentes terminaram justificando o desprezo pela sua *Scienza Nuova*, por ser uma obra que não corresponde a tais mudanças e acaba por aborrecer aqueles entusiastas da filosofia cartesiana. Nesse sentido, em uma das cartas, Vico diz que

napolitano também se interessava pelo filósofo grego Epicuro (341-270 a. C.) e seu discípulo, o poeta romano Lucrécio (c. 95-55 a.C.)” (Cf. BURKE, 1997, p.26).

¹² “*Napoli, centro europeo di primazia importanza, viveva, a partire dalla seconda metà del Seicento, un periodo di grande fioritura intellettuale, ma cui data d'inizio viene fatta coincidere da Francesco d'Andrea, noto avvocato napoletano del tempo, con il ritorno a Napoli nel 1650 di Tommaso Cornelio. Questi infatti, medico, astronomo e matematico, ebbe il merito di introdurre per primo nella città partenopea i libri di Cartesio, un autore di cui prima, dice d'Andrea, si ignorava persino il nome. In effetti sarà Tommaso Cornelio insieme con Leonardo di Capua (medico anch'egli) a fondare negli anni successivi l'Accademia degli Investiganti, un'associazione che avrà la sua massima fioritura tra gli anni sessanta e settanta e che raccoglierà i maggiori intellettuali meridionali (oltre a Cornelio e Di Capua si devono ricordare Carlo Buragna, Alfonso Borelli, Francesco D'Andrea, Lucantonio Porzio e Giuseppe Valleta)*”.

¹³ Sobre isso, Liliene Severiano Silva comenta: “É na leitura do *Carteggio* viquiano que encontramos um conjunto de impressões documentadas pelo autor acerca do novo status cultural napolitano. A forma da recepção das “tendências da cultura europeia” constitui a configuração da cultura napolitana. O *Carteggio* retrata o diálogo – ou pelo menos a tentativa de diálogo – empreendido por Vico no envio de correspondências a intelectuais de seu tempo, contendo informações a respeito da situação cultural napolitana. A decadência no universo do saber e da cultura, representada pela crise do *ingenium* na Europa, põe em risco um *ethos* que privilegia certas disposições relacionadas à vida associada. Percebemos em Vico, portanto, a defesa da vida comunitária oposta ao ideal de Eu puro cartesiano, cujo diagnóstico identifica tal crise do *ingenium* à questão do abandono dos *studia humanitatis*” (Cf., SILVA, 2010, p. 23).

O livro surgiu em uma época em que, com a expressão de Tácito quando medita sobre seu tempo, é muito parecido com o nosso, «*corrumpere et corrumpi saeculum vocatur*», por isso, como o livro aborrece ou incomoda a muitos, não pode obter o aplauso universal. (...) Hoje o mundo flutua e oscila entre as tempestades movidas pelos costumes humanos mediante o acaso de Epicuro, ou se encontra cravado e fixo na 'necessidade' de Descartes. E assim, abandona-se a sorte cega ou deixa-se arrastar pela surda necessidade¹⁴. (VICO, 2007b, pp. 322,323).

Evidenciamos, diante disso, o modo como Vico se encontra diante dessas mudanças, a saber, o entusiasmo com que fora tratada a filosofia cartesiana e a sua nova *ratio studiorum*. Assim, o final do século XVII foi de suma importância porque evidenciou o interesse dos italianos pelas ideias de Descartes, confirmando a influência cartesiana e uma empolgação pela ideia do *cogito*, ao passo que se evidenciava cada vez mais uma aversão ao estudo dos antigos. É nesse contexto que, nesse momento da exposição, vamos ressaltar o apelo viquiano à Retórica diante da mudança no *status* cultural napolitano.

2.2 DA FORMAÇÃO HUMANÍSTICA E DA PREOCUPAÇÃO COM O *ETHOS*: O APELO VIQUIANO À RETÓRICA

É nesse contexto histórico e cultural do final do século XVII onde se percebe a grande euforia dos intelectuais pelas ideias cartesianas, que surge a preocupação de Vico com os rumos do saber, uma vez que tal preocupação está ligada aos rumos da vida civil. Assim, quando Vico critica esse entusiasmo pelo *cogito* e pelo primado da razão, demonstra que pensar o *Ethos* e fazer uma feroz crítica à nova *ratio studiorum* cartesiana, comunga com o apelo de resgatar a cultura retórica, quer no que concerne ao saber, ao método, quer no que diz respeito à vida civil.

Em Vico, a Retórica se apresenta como um instrumento importante, pois não se trata meramente de uma técnica do discurso, mas está voltada para questões morais, éticas, políticas e pedagógicas, um saber necessário para combater as ideias que se apresentam distantes da preocupação com o saber e com a vida civil.

¹⁴ “Il libro è uscito in una età in cui, con l'espressione di Tacito, ove riflette sopra i suoi tempi somigliantissimi a questi nostri, « *corrumpere et corrumpi saeculum vocatur*»; e perciò, come libro che o degusta o disagia i molti non può conseguire l'applauso universale. Perché egli è lavorato sull' idea della Provvidenza, si adopera per la giustizia del gener umano e richiama le nazioni a severità. Ma oggi il mondo o flutua ed ondeggia tra le tempeste mosse a' costumi umani dal « caso » di Epicuro, o è inchiodato e fisso alla « necessità » del Cartesio; e così, o abbandonatosi alla cieca fortuna o lasciandosi strascinare dalla sorda necessità”.

Nesse caso, o *humanismo* diz respeito a confirmar a importância dos clássicos gregos e latinos, que se origina do termo "humanista", pois como afirma Paul Kristeller:

Humanista em latim, e os seus equivalentes vernáculos em italiano, francês, inglês e noutras línguas, eram termos correntemente usados no século XVI para indicar o professor ou o docente ou o estudioso das disciplinas humanísticas, e semelhante uso permaneceu vivo e claro até ao século XVIII [...]. O termo humanista, cunhado no clímax do período do Renascimento, era [...] derivado de um termo mais antigo, ou seja, de *studia humanitatis* "disciplinas humanistas". (KRISTELLER, 1995, p. 16-17)

Muito se ressalta que a cultura do humanismo renascentista promoveu a universalidade do saber e de saberes como: a retórica, a gramática, a história, a poesia e a filosofia moral. A reflexão sobre a vida civil está diretamente associada à reflexão sobre o modelo pedagógico da época em questão. Portanto, não se torna possível pensar o Humanismo Civil sem se reportar ao modelo dos *studia humanitatis*. Como diz Kristeller em sua obra sobre o movimento Humanístico:

Na primeira metade do século XV, os *studia humanitatis* começaram a constituir um ciclo bem definido de disciplinas ditas, a saber, gramática, retórica, história, poesia e filosofia moral, e o estudo de cada uma destas matérias comportava regularmente a leitura e a interpretação dos antigos escritores latinos e, em menor medida, gregos, que de cada matéria tinham sido mestres. (KRISTELLER, 1995, p. 16-17).

O Renascimento não pode ser desvinculado da influência dos grandes oradores, tais como Cícero (106a.C.-43a.C), Quintiliano (35d.C.-95d.C.) e Tácito (55d.C.-120d.C), por esboçarem questões de relação entre as técnicas da oratória e a formação dos saberes. Sobre a importância ciceroniana na cultura do humanismo renascentista, Kristeller afirma:

O humanismo renascentista foi uma época de ciceronismo, em que o estudo e a imitação de Cícero se encontravam largamente difundidos [...]. A síntese de filosofia e de retórica na sua obra proporcionou aos humanistas um ideal predileto, a combinação de eloquência e sabedoria ideal que imbui amplamente a literatura renascentista. (KRISTELLER, 1995, p. 25,26)

A partir de então, estabelece-se a relação entre Filosofia e Retórica no humanismo renascentista. O gênero retórico, como foi dito, não se identifica somente com um conjunto de regras e técnicas, mas com uma ciência política, uma vez que, pensar o período do humanismo renascentista requer uma consideração sobre diversos aspectos sociais, tais como: a epistolografia dos *chanceleres* como

instrumento de retórica que interfere nas relações em sociedade, o surgimento concreto das universidades italianas no decorrer dos séculos XIII e XIV, uma vez que, antes disso, existiam apenas as cátedras de Direito Canônico, Direito Civil e Medicina e, pela influência da Antiguidade sobre a cultura italiana, juntaram-se a estas, a cátedra de Retórica, de Filosofia e de Astronomia.

É nesse cenário que figuras como Cícero e Petrarca (1304-1374) se destacam, este último como um dos precursores do Humanismo. Se para Cícero a Retórica não ocorre no isolamento, para Petrarca a interiorização se apresenta como recurso necessário, uma vez que a sua preocupação com o discurso não se relacionava meramente com a forma e a beleza, mas sim com a sua relevância moral.

Petrarca defendia, portanto, uma relação entre a Retórica e a moralidade, o que pode ser explicado por sua proximidade com Santo Agostinho [354d.C.-430d.C] e, consequentemente, por sua crítica ao paganismo.

Sobre isso, Sérgio Xavier Gomes de Araújo comenta:

O humanismo de Petrarca incorporou a força que estes valores ainda tinham em sua época e no interior de sua própria alma como bom cristão. Por isso, como veremos, é marcado pela consciência profunda dos antagonismos que opunham a valorização clássica do homem e do mundo e o anseio transcendente do cristianismo à salvação. A partir dessa consciência, sua reflexão literária e filosófica afirmou sua originalidade em relação às ideias de Cícero. O interesse em promover uma conciliação entre as duas tradições determinou fortemente seu pensamento, de onde emergiram os princípios de uma concepção renovada da fé, propriamente humanista, fundada na valorização e reorientação dos ideais clássicos no sentido do cristianismo. (ARAUJO, 2009, p. 165).

Por isso, Petrarca considerava a relação entre Filosofia e Retórica, proposta por Cícero, de tal maneira que a segunda deveria se apresentar subordinada à primeira, estando a Filosofia, no seu entender, muito mais próxima da contemplação cristã. Desse modo, é necessária uma compreensão sobre como o Renascimento, em seus aspectos diversos, apresenta-se como um momento de convergências e rupturas entre valores construídos culturalmente. Diante disso,

o exemplo de Petrarca é importante para nossa análise porque seu pensamento encarna certas ambiguidades em relação à retomada da retórica no contexto humanista relacionado aos valores cristãos mais ligados à interioridade e à transcendência. Tais ambiguidades reeditavam de forma nova no início dos tempos modernos, o velho conflito do mundo antigo entre os valores filosóficos da contemplação e da vida ativa, ligado agora às questões especificamente cristãs. (PINTO, 2006, p.93)

Nessa relação entre contemplação divina e retomada retórica, é Pico della Mirandola (1443-1494) quem representa um papel relevante no Renascimento, pois alcançou, desde cedo, notória erudição humanística e, com base em seus amplos conhecimentos filológicos e filosóficos, formulou novecentas teses de autores gregos, latinos, hebraicos e árabes.

No fim de sua breve vida escreveu o *Discurso sobre a dignidade do homem*, publicado postumamente em 1496, onde indica que o objetivo do homem deve ser a elevação a Deus pelo caminho da filosofia e da teologia (racional), considerando sua afirmação de que o ser humano é um ser inacabado e que se modela pelo uso que faz da sua liberdade de escolha, por meio da busca pelo ideal de vida virtuosa.

Para Pico, nisso está a importância da filosofia moral, da dialética e, principalmente, da teologia. Ele afirma:

Por conseguinte, nós que almejamos cá na terra, a vida querubina, refreando os ímpetos das paixões, com a ciência moral, dissipando as trevas da mente com a dialética, como que a limpar as imundices da ignorância e dos vícios, purguemos nossa alma a fim de que nem os afetos imoderados nos embaracem, nem por vezes nossa mente incauta se entregue a delírios. Venha, então, a filosofia natural penetrar, com sua luz, o nosso espírito já refeito e purificado para que aperfeiçoemos pelo conhecimento das realidades divinas. (PICO, 2015, pp. 86, 87)

Com tantos aspectos, podemos perceber aqui a herança dos *studia humanitatis* na forma de saber proposta por Vico. Diferentemente de Descartes, que repudiava o estudo dos doutos, Vico defendia a diversidade dos saberes [*sapientia*], pois, para ele, essa preocupação em fundamentar o saber faz parte da preocupação com a vida civil, destacando um modelo não só teórico do saber, mas também um modelo prático [*prudentia*]¹⁵.

Todavia, a influência do humanismo na filosofia viquiana não o impossibilitou de admitir as limitações dessa tradição. Quando Vico é considerado um autor entre antigos e modernos, destacamos o fato de que, apesar de um apelo à tradição, ele também defende a necessidade de, em partes, valorizar o racionalismo e o modelo de ciência dos modernos, de modo que seria preciso fazer uso daquilo que a tradição

¹⁵ Posteriormente, no decorrer da pesquisa, será aprofundada a relação entre Filologia e Filosofia que serve como pressuposto à compreensão do caráter prático e teórico do pensamento viquiano, uma vez que Vico pretende, por meio dessa relação, conciliar o universal com o particular, a dedução com a indução, a teoria com a prática.

oferecia, ao mesmo tempo que seria preciso reformar o racionalismo moderno, a fim de que o estudo do mundo da cultura pudesse ser efetivado. Sobre isso, Guido afirma que:

A formação autodidata em filosofia e o gosto pelo humanismo impediram o envolvimento absoluto de Vico com a filosofia cartesiana. Por outro lado, a tradição humanista carecia de objetividade para o estudo do mundo da cultura. Não haveria como alcançar o estudo científico do mundo social mantendo-se fechado no interior dessa tradição, mas, por outro lado, não seria possível o estudo das manifestações objetivas do espírito pela via cartesiana, uma vez que ela despreza justamente aquelas criações que não são produzidas em conformidade com a razão matemática, soma-se a esta dificuldade o fato de que as disciplinas humanistas recorrem mais à memória do que à razão. A posição de Vico foi inovadora, pois valorizou a ciência dos modernos, porém não deixou de apresentar suas críticas à cultura matematizante da sua época” (GUIDO, 2004, p. 32-33).

A influência da orientação retórico-filosófica confirma o sentido prático da cultura e preocupação viquiana com o coletivo. Nesse sentido, Vico afirma na *VI oração*:

as três funções mais próprias da sabedoria: amansar com a eloquência a ferocidade dos ignorantes, com a prudência removê-los do seu erro, e com virtude, prestar-lhes um bom serviço; é deste modo que cada qual, com sua parte, ajuda de coração a sociedade humana. (...) Orfeu e Anfíon, são os sábios que conjugaram o conhecimento das coisas divinas e a sabedoria das humanas com a eloquência e, com sua força convincente, fizeram os homens passar da solidão à sociedade, isto é, do amor a si mesmos ao cultivo de sua humanidade, da inércia à laboriosidade, da liberdade desenfreada à obediência das leis; e associam, mediante a equidade da razão, os ferozes por suas forças, com os débeis¹⁶. (VICO, 2002a, p. 63-64).

Sendo assim, ao passar da solidão à sociedade, pode-se dizer que a questão da vida civil se torna uma constante. Daí ser preciso compreender como tal questão foi abordada no decorrer dos séculos que antecederam à Modernidade.

Como já dissemos, o movimento humanístico situou o humano em uma posição significativa no processo universal e histórico, tendo em vista que, naquele momento, a Igreja não mais exercia um poder absoluto, embora sua autoridade não

¹⁶ “*Las tres funciones más propias de la sabiduría: amansar con la elocuencia la ferocidad de los necios, con la prudencia sacarlos de su error, y con la virtud prestarles un buen servicio; y de este modo que cada cual, por su parte, ayude de corazón a la sociedad humana. [...] Orfeo y Anfión son los sabios que conjugaron el conocimiento de las cosas divinas y la sabiduría de las humanas con la elocuencia y, con su fuerza convincente, hicieron a los hombres pasar de la soledad a la sociedad, esto es, del amor a sí mismos al cultivo de su humanidad, de la inercia a la laboriosidad, de la libertad desenfrena a la obediencia a las leyes; e asocian, mediante la equidad de la razón, a los feroces por sus fuerzas con los débiles*”.

tivesse sido negada. Houve uma significativa importância nesse período, no sentido de representar o início de uma mudança, na forma do ser humano pensar as coisas e a si mesmo. Como diz Jacob Burckhardt:

Na Idade Média, ambas as faces da consciência –aquela voltada para o mundo exterior e a outra, para o interior do próprio homem, sonhando ou em estado de semivigília, como que envoltas por um véu comum. De fé [...] através do qual se viam o mundo e a história como uma colaboração extraordinária; o homem reconhecia-se a si próprio apenas como raça, povo, partido, corporação, família ou sob qualquer outra das demais formas do coletivo. Na Itália, pela primeira vez, tal véu dispersa-se ao vento; desperta ali uma contemplação a um tratamento *objetivo* do Estado e de todas as coisas do mundo. Paralelamente a isso, no entanto, ergue-se também, na plenitude de seus poderes, o *subjetivo*: o homem torna-se um *indivíduo* espiritual e se reconhece como tal. (BURCKHARDT, 2009, p. 145).

Ademais, essa “nova tendência”, que apresenta o ser humano como centro de tudo, foi o primeiro passo para o *cogito* de Descartes: de um “eu pensante e puro” que mergulha em uma subjetividade que ignora, por sua vez, a corrupta natureza do homem [*corrupta humanae natura*] desde o pecado original¹⁷ e a importância da vida civil. Uma subjetividade que não nos convida a uma reflexão filosófica sobre aspectos existenciais e culturais da natureza do gênero humano, mas serve como mera constatação mental da existência do sujeito por meio da constatação sobre a sua natureza racional.

Por isso, para Vico, é importante atentar ao modo como os estudos se dividem, para se evitar que a eloquência seja esquecida por aqueles que favorecem uma via unilateral do saber, ou seja, um estudo como puro exercício da mente, “pois, com o decorrer dos anos e a prática da matemática, a mente humana vai se liberando progressivamente dos vínculos do corpo, e se conduz de modo mais sistemático” (VICO, 2002a, p.69)¹⁸.

A dimensão enciclopédica da orientação do saber, proposta por Vico, obedece, portanto, a certa coerência nos estudos, de modo que haja o estudo das línguas, grego e latim, da Matemática e da Física, visando remediar a natureza humana corrompida, por meio da natureza corrigida [*emendatae*] que contém em si:

¹⁷Para Vico a corrupta natureza do homem ocorre em razão do pecado original, e com essa corrupta natureza: “percebemos com toda claridade que esta, não só nos adverte que estudos devemos cultivar, senão também seu caminho e seu método” [*percibiremos con toda claridad que ésta no sólo nos advierte qué estudios debemos cultivar, sino incluso su camino y su método*] (Cf. VICO, 2002a, p. 61).

¹⁸“Pues, con el correr de los años y la práctica de la matemática, la mente humana se va liberando progressivamente de los vínculos del cuerpo, y se conduce de modo más sistemáticos”.

“a eloquência, a ciência e a virtude: que são como três pontos em torno dos quais gira o ciclo completo das artes e das ciências”¹⁹ (VICO, 2002a, p.63).

Desse modo, enquanto há, por um lado, certa semelhança com o modelo dos *studia humanitatis*, por outro, há certa distinção. Enquanto Vico propõe que haja um ciclo de saberes, nesse ciclo não exclui campos como a Matemática, a Medicina, o Direito etc. Já os *studia humanitatis* excluem a Matemática, a Medicina, o Direito, e outros como a Metafísica, a Teologia e a Astronomia.

No entanto, o estudo das línguas grega e latina, da história, da poesia, da retórica, encontram-se presentes, tanto nos *studia humanitatis* quanto no pensamento viquiano. Na IV oração, Vico ressalta a importância do ensino das línguas desde a infância, com destaque para as línguas grega e latina, no intuito de contribuir para o conhecimento da sociedade humana. Ele diz:

Nenhuma idade, em consequência, é mais apta para aprender línguas que a infância. Mas, neste ponto, alguns podem perguntar: a que línguas, preferencialmente, devemos aplicar-nos? Ensina-lhe o próprio conhecimento da nossa corrupta natureza; e, em efeito, entre a penas principais as quais foi condenada, para dispersão da sociedade humana, temos enumerado a barbárie das línguas, sua variedade e incerteza. Por conseguinte, são estes os vícios que devem ser alterados pelo conhecimento de línguas que, na medida do possível, sejam douradas, certas e comuns, para que, por sua mediação, segundo nossas forças, compreendamos a sociedade humana. Pois bem, tais línguas são duas: uma, a grega, e a outra, a latina, ambas certas; porém a grega é mais doura e, agora, a latina é mais comum²⁰. (VICO, 2002a, p. 67, 68)

O modelo algébrico, para Vico, traz, portanto, prejuízos ao *ingenium*, à memória, à fantasia e à imaginação, disposições indispensáveis, no entender de Vico, ao saber e à vida prática. Desse modo, é preciso um procedimento em que o conhecer deve preceder o julgar. Daí Vico escrever:

E assim com a álgebra se aflige o engenho, porque não se vê senão só aquilo que tem diante dos pés; aturde a memória, porque uma vez falado o segundo signo não presta atenção ao primeiro; cega a

¹⁹: “La elocuencia, la ciencia y la virtud; que son como tres puntos que describe en su giro el orbe entero de las artes y las ciencias”.

²⁰: “Ninguna edad, en consecuencia, es más apta para aprender lenguas que la niñez. Mas, en este punto, alguno de vosotros puede preguntar: ¿a qué lenguas, preferentemente, debemos aplicarnos? Os lo enseña el propio conocimiento de nuestra corrupta naturaleza; y, en efecto, entre las penas principales a las que fue condenada, para dispersión de la sociedad humana, hemos enumerado la barbarie de las lenguas, su variedad e incertidumbre. Por consiguiente, son éstos los vicios que deben ser enmendados por el conocimiento de lenguas que, en la medida de lo posible, sean doctas, ciertas y comunes, para que, por su mediación, según nuestras fuerzas, comprendamos a la sociedad humana. Pues bien, tales lenguas son dos: una, la griega, y la otra, la latina, ambas ciertas; pero la griega es más docta y, ahora, la latina es más común”.

fantasia, porque não imagina absolutamente nada; destrói o entendimento, porque pratica a adivinhação²¹. (VICO, 2007a, p.17)

Desse modo, seja quando formula uma preocupação de cunho pedagógico, seja quando apresenta um critério do conhecimento, discussões que veremos mais especificamente adiante, Vico revela uma preocupação com a formação humana, com a experiência do humano na história e na vida civil, o que justifica o seu apelo à Retórica, uma vez que, mediante o *topos* retórico, ele prepara uma gênese do seu projeto de uma nova ciência, pois, para que se torne possível pensar o mundo civil, é preciso haver uma refutação da primazia do *cogito* que norteia o pensamento cartesiano e a Modernidade.

Vico, portanto, serve-se da Retórica para combater essa orientação unilateral do saber e encontra, no modelo retórico, a inspiração para refletir sobre um ideal de civilidade, uma formação prática do humano e um modelo enciclopédico de saber.

O fato de necessitarmos situar um autor no seu tempo, de nomeá-lo como pertencente a uma corrente de pensamento, levanta o recorrente questionamento sobre a identidade viquiana, ou seja, se o pensamento viquiano nos faz considerá-lo um humanista ou um moderno. Sobre isso, Sertório (SILVA NETO, 2010) o qualifica como pertencente a uma terceira via que reconcilia humanismo e modernidade e o identifica como um humanista tardio, por preservar valores republicanos divulgados no humanismo, como a igualdade civil e a oratória, mas, em contrapartida, alinhar-se aos modernos no interesse pelas monarquias absolutas.

De todo modo, diante de diversas qualificações, destacamos que essa reconciliação ainda não é feita de maneira aprofundada no *De Ratione*, mas esse percurso é importante para o projeto viquiano de uma *Nuova Scienza*. Portanto, a continuidade da exposição explora a discussão sobre a formação humana e embasa a discussão sobre a história e, conseqüentemente, sobre a barbárie.

Assim, cabe a nós, nesse momento, destacarmos a discussão pedagógica proposta por Vico no *De Ratione*.

2.3 DA QUESTÃO DO SABER E DA CRÍTICA À UNILATERALIDADE CARTESIANA NO *DE RATIONE*: A QUERELA ENTRE ANTIGOS E MODERNOS

²¹ “E sí con l'algebra si affligge l'ingegno, perchè non vede se non quel solo che li sta innanzi i piedi; sbalordisce la memoria, perchè, ritruovato il secondo segno, non bada più al primo; abbacina la fantasia, perchè non immagina affatto nulla; distrugge l'intendimento, perchè professa d'indovinare”.

Como vimos, até então, as obras de Vico estão marcadas por seu apelo à Retórica, em especial, a lição inaugural do ano letivo de 1708 da Universidade de Nápoles, publicada posteriormente como *De Nostri temporis studiorum ratione* e as *Institutiones oratoriae*: um manual de Retórica exposto por Vico, entre 1698 e 1741, em Nápoles, mas não editado em vida.

Ambas as obras podem ser consideradas como os *Elementos de Retórica* de Giambattista Vico e se tratam, portanto, de obras fundamentais sobre tal questão. Sendo assim, se já expusemos o apelo viquiano à Retórica, nesse momento, nossa dedicação será em pensar as questões provenientes desse apelo.

No *De Ratione*, Vico apresenta um modelo ideal de saber e, ao expor comparativamente antigos e modernos, no que concerne ao modelo de conhecimento de cada um, Vico defende um modelo enciclopédico. Embora essa ideia seja uma inclinação daquela influência humanística e barroca em seu pensamento, Vico reformula uma concepção de saber que poderia se apresentar, meramente, como a defesa de algo já experimentado, ou seja, uma visão que privilegiasse uma eloquência voltada para a vida civil, sem depreciar as mudanças do seu tempo, mas com a intenção de orientar e adequar estas à boa formação humana²². (GUIDO, 2004, p.26).

Sendo assim, no *De Ratione*, Vico apresenta uma dissertação onde se comparam os métodos de estudos de antigos e modernos, ou seja, do que se compõe cada método, qual a ordem das coisas que se dissertam, quais os instrumentos das ciências, quais os meios que auxiliam os estudos e, conseqüentemente, qual é o fim dos estudos, em especial, do seu tempo, a Modernidade.

Tal obra se mostra de extrema importância no percurso desta pesquisa, pois fundamenta a crítica viquiana ao modelo de ciência moderna que, segundo ele, dificulta o estudo das ciências humanas e, conseqüentemente, dificulta a compreensão sobre a história.

O *De Ratione* se desdobra, com efeito, sobre a problemática do saber como formador de uma prática civil e, a partir disso, propõe uma formulação de cunho

²² Guido afirma que Vico: “fez uma apreciação crítica do ensino ministrado nas escolas da época e concluiu pela inadequação dos métodos de ensino dos modernos tanto a *Ratio Studiorum* dos jesuítas, como também os manuais de Port-Royal. A primeira devido ao excesso de formalismo e obviedade dos exercícios propostos aos alunos, os segundos pela aridez dos exercícios e dos raciocínios abstratos, prematuros para a idade ainda muito tenra das crianças. Tanto um método quanto o outro acabam impedindo o desenvolvimento natural da percepção, da imaginação e da memória, acarretando profundos prejuízos para a vida prática dessas crianças, quando elas vierem adentrar as fases subsequentes da vida” (Cf. GUIDO, 2004, p. 23).

pedagógico, que tem como objetivo valorizar os aspectos civis, uma vez que, para Vico, a formação do humano não se limita exclusivamente a uma prática intelectual, mas se apresenta como uma prática civil. Com isso destacamos o embate entre crítica e tópica²³. Segundo Vico:

Hoje somente a crítica se celebra; a tópica não só não a precede, como também é absolutamente atrasada. E de novo de maneira inconveniente: pois como a descoberta dos argumentos é por natureza prévia ao juízo acerca de sua veracidade, assim, a tópica deve ser doutrina previa à crítica²⁴. (VICO, 2007c, p.107).

Nesse sentido, podemos ver “tópico” e “crítico” como métodos antagônicos, uma vez que a tópica tem um caráter genérico que valoriza a amplitude do conhecimento, enquanto a crítica tem um caráter de ordenar o raciocínio lógico para se chegar com clareza e distinção ao juízo verdadeiro. Na tradição retórica, a tópica é a “arte de encontrar argumentos”, tendo relação com a *inventio*. Sobre isso, Damiani afirma que Vico:

condena que as exigências cartesianas da prova intuitiva e do método geométrico fazem peso sobre as humanidades. Vico empunha essa ideia ao assinar a necessidade de aplicar a arte de descobrir (tópica) antes da arte de julgar (crítica) [...] [Isso] se refere às possíveis consequências políticas da recepção da filosofia cartesiana. Embora o próprio Descartes tente evitá-lo através da ideia de uma moralidade provisória, Vico adverte que certo racionalismo político aplica imprudentemente o julgamento científico à tomada de decisões políticas²⁵. (DAMIANI, 2000, pp. 122).

Como sabemos pela sua *Vita*, Vico se sentiu incomodado diante do retrato da Modernidade, pois, para ele, seria inviável a proposta cartesiana em relação ao âmbito do saber, que tinha como pretensão subordinar todas as coisas ao conhecimento matemático, em que a Lógica explicaria todos os fatos externos por meio de

²³Sobre isso, Fernando Romo Feito, na Introdução dos Elementos de Retórica de Vico, comenta: "Há que recordar aqui que a doutrina da tópica pertence ao coração mesmo da retórica e que sua primeira formulação, a da *Retórica* e os *Tópicos* aristotélicos, chegou a Vico através da *Institutio Oratoria*, de Quintiliano e, sobretudo, através dos *Tópicos* de Cícero" [*Hay que recordar aquí que la doctrina de la tópica pertenece al corazón mismo de la retórica y que su primera formulación, la de la Retórica y los Tópicos aristotélicos, ha llegado a Vico a través de la Institutio oratoria, de Quintiliano, y, sobre todo, a través de los Tópicos de Cicerón*] (Cf. VICO, 2005a, p. 19).

²⁴ "Oggi si celebra solo la critica e la topica non solo non precede ma addirittura è lasciata indietro. E ciò a torto, poiché come la scoperta degli argomenti viene per natura prima del giudizio sulla verità, così la topica, come materia d'insegnamento, deve precedere la critica".

²⁵ "Condena que las exigencias cartesianas de la evidencia intuitiva y el método geométrico hacen pesar sobre las humanidades. Vico impugna esta idea afirmando la necesidad de aplicar el arte de descubrir (tópica) antes del arte de juzgar (crítica)[...], se refiere a las posibles consecuencias políticas de la recepción de la filosofía cartesiana. Aunque el propio Descartes pretenda evitarlo mediante la idea de una moral provisional, Vico advierte que cierto racionalismo político aplica imprudentemente el juicio científico a la toma de decisiones políticas".

representações mentais, ou seja, uma exclusão da tópica pelos cartesianos e um favorecimento, diante disso, para a separação entre Filosofia e Retórica.

Sobre a estruturação da “nova filosofia” cartesiana e a aversão aos antigos, Fernando Romo Feito, na Introdução aos *Elementos de Retórica* de Vico, afirma que

Nada [é] tão eloquente como a própria estruturação do Discurso do método: suas três primeiras partes se dedicam a eliminar quanto se tem aprendido, para só depois edificar essa nova morada cujo fundamento consiste na convicção de que qualquer objeto conhecido pressupõe sempre um sujeito cognoscente, o que constitui assim a única base estável. Ademais, ele escreve em francês antes que em latim, como afirma ao acabar, para que os que o aprovelem, façam com sua própria razão natural, e não com o gosto pelos livros antigos²⁶. (ROMO in VICO, 2005a, p. 17,18).

No entender de Vico, quando Descartes utiliza como critério de verdade somente aquilo que se mostra claro e distinto, desconsidera uma gama de aspectos importantes que dizem respeito ao ser humano, o verossímil não é visto com relevância, do mesmo modo a história também não, isso porque ambos não passam pelo crivo do critério cartesiano de clareza e distinção. A preocupação com a vida civil termina, portanto, anulada. Para Fernando Romo:

A crítica de Descartes, ao admitir somente como ponto de partida a verdade primeira, e exigir verdades claras e distintas, impossibilita tanto as verdades segundas como qualquer conhecimento do verossímil, que geralmente é verdade, porém não necessariamente, com que não só elimina de um golpe a eloquência (a retórica), baseada no sentido comum, como também a fantasia e a memória²⁷. (ROMO in VICO, 2005a, p. 18)

Ora, no entender de Vico, não só o pensamento racional deve ser destacado como importante ou válido na estrutura do ser humano, mas também campos como a imaginação, a memória e a fantasia, pois mesmo sendo aspectos que não passam pelo critério cartesiano de clareza e distinção, devido a própria natureza que possuem, devem ser considerados e vistos com a devida importância quando o assunto é a formação humana.

²⁶ “Nada tan elocuente como la propia estructuración del Discurso del método: sus tres primeras partes se dedican a eliminar cuanto se ha aprendido, para sólo después edificar esa nueva morada cuyo fundamento consiste en la convicción de que cualquier objeto conocido presupone siempre un sujeto cognoscente, lo que constituye así el único cimiento estable. Y además lo escribe en francés antes que en latín, como afirma al acabar, para que los que lo aprueben lo hagan con su sola razón natural, e non con el gusto por los libros antiguos”.

²⁷ “La crítica de Descartes, al admitir sólo como punto de partida la verdad primera, y exigir verdades claras y distintas, imposibilita tanto las verdades segundas como cualquier conocimiento de lo verosímil, que suele ser verdad, pero no necesariamente, con lo que no sólo elimina de un plumazo la elocuencia (la retórica), basada en el sentido común, sino además la fantasía y la memoria”.

Sobre essa problemática podemos destacar os aspectos pedagógicos necessários para a educação desde a infância, bem como, a partir disso, compreendermos o sentido da crítica viquiana à unilateralidade da formação lógica defendida por Descartes. Antonio José Pereira Filho afirma que:

Vico identifica claramente essa atitude pedagógica que constrói uma imagem distorcida da infância na *Logique* ou *l'art du penser* de Port-Royal que, ao estender os preceitos metodológicos de Descartes para o campo da lógica, limita-se a uma visão que reduz a linguagem ao núcleo lógico do discurso e, com isso, deixa de lado outras faculdades mentais como o engenho, a imaginação, os sentidos e a memória, que Vico considera fundamentais para uma educação voltada para a vida civil. (PEREIRA FILHO, 2010, p.48)

Nesse momento da nossa pesquisa, portanto, podemos destacar dois polos epistêmicos: 1) **o cartesianismo**, que conseguiu seu esplendor e autoridade em toda a Europa, e 2) **o anticartesianismo viquiano** que, só posteriormente, foi, por alguns estudiosos, considerado. Inclusive, esse último fator é o que fez alguns estudiosos, denominarem Vico como precursor de um modelo de ciência protagonizada pela História.

Portanto, restou a Vico uma menção de um precursor da Filosofia da História, mas que, como já dissemos anteriormente, denominamos de Filosofia da Humanidade, uma vez que inaugura uma ciência nova, uma ciência onde a obscuridade, a complexidade e a inexatidão dos aspectos históricos, são considerados como motor primordial para se compreender a história das nações, algo com a qual a crítica cartesiana, no entender de Vico, não se compromete.

É, portanto, no *De Ratione*, que Vico, inicialmente, enumera **três** inconvenientes da nova crítica cartesiana: 1) dificulta a prudência; 2) é um obstáculo para a eloquência; 3) é um impedimento para as artes. Na crítica à supremacia do *cogito* de Descartes, Vico se certifica do erro cartesiano em afirmar o pensamento como causa da existência²⁸, de que o “Penso, logo existo” não deveria ganhar um *status* de verdade, uma vez que não passa de uma mera constatação do sujeito.

²⁸ Para Humberto Guido, “o reconhecimento da importância do empirismo foi manifestado em alguns escritos dessa primeira fase da filosofia de Vico e lhe serviram para formular a defesa do engenho humano frente ao formalismo da ciência cartesiana. A argumentação serviu-se da obra de Locke, o *Ensaio acerca do entendimento humano*, de 1690. A certeza do *cogito* não é uma ciência, é a consciência que o indivíduo tem de si mesmo, de que ele de fato pensa mesmo quando nega a sua própria existência corpórea. Contudo, o pensar não é causa da existência da mente humana, porque pensando o indivíduo não produz a sua mente, ele apenas serve-se dela para evidenciar a sua existência. Além do empirismo, a refutação de Vico está firmemente alicerçada no humanismo, porque decorre da impossibilidade da mente humana em produzir a si mesma, a certeza de que ela tem origem divina e, conseqüentemente, produz coisas humanas e divinas”. (GUIDO, 2004, p.58)

Vico acrescenta que:

a certeza de que pensa é consciência, não ciência, e um conhecimento vulgar, suscetível de acontecer a qualquer indouto – como Sosia –, e não uma verdade rara e esquisita que necessite de tão grande meditação do maior filósofo para que a encontre. Em efeito, saber é estar em posse do gênero ou forma em que a coisa se origina; em vez disso a consciência é aquela coisa cujo gênero ou forma não podemos demonstrar [...] saber é conhecer as causas das quais nasce a coisa, porém eu, que penso, sou mente e corpo; e, se o pensamento fosse a causa de que eu seja, o pensamento seria a causa do corpo. Mas são corpos os que não pensam. E eu, posto que sou composto de corpo e mente, penso a causa de ambos; de modo que o corpo e a mente unidos são a causa do pensamento: pois se eu só fosse corpo, não pensaria; se, no entanto, só fosse mente, entenderia. E na verdade o pensar não é a causa de que eu seja mente, mas o sinal desta; mas o sinal não é a causa²⁹. (VICO, 2002b, pp.141,142)

Por isso, quando colocamos como discussão principal do *De Ratione* a querela entre antigos e modernos, evidenciamos a preocupação viquiana com a dimensão da vida prática e de como o aspecto pedagógico é primordial para isso, por isso esse ponto é de extrema importância para nossa pesquisa sobre a barbárie e os rumos da vida civil. Tanto que Vico inicia tal obra apresentando a sua finalidade.

Nesta dissertação se comparam, não ciências, mas os métodos de estudos, o nosso com aquele dos antigos. – De que coisas se compõe todo método de estudos. – Ordem da dissertação. – Novos instrumentos das ciências. – Novos subsídios dos estudos. – Que fim têm hoje os estudos³⁰. (VICO, 2007c, p.89)

Vico, no entanto, utiliza-se dos instrumentos das ciências para encontrar as vantagens do método de estudos de seu tempo, assim como enumera as desvantagens dessa nova crítica, no que se refere ao conhecimento racional como pressuposto para se compreender todas as coisas, ocasionando assim inconvenientes à moral e à vida civil.

O *De Ratione* apresenta a reflexão viquiana sobre a reforma do saber, com a

²⁹²⁹ “La certidumbre de que piensa es consciencia, no ciencia, y un conocimiento vulgar, susceptible de acaecerle a cualquier indocto – como Sosia-, y no una verdad rara y exquisita que necesite de tan gran meditación del mayor filósofo para que se la encuentre. En efecto, saber es estar en posesión del género o forma en que la cosa se origina; en cambio la consciencia es de aquellas cosas cuyo género o forma no podemos demostrar [...] saber es conocer las causas de las que nace la cosa; pero yo, que pienso, soy mente y cuerpo; y, si el pensamiento fuese la causa de que yo sea, el pensamiento sería la causa del cuerpo. Mas son cuerpos los que no piensan. Y yo, puesto que consto de cuerpo y mente, pienso a causa de ambos, de modo que el cuerpo y la mente unidos son la causa del pensamiento: pues si yo sólo fuese cuerpo, no pensaría; si, en cambio, sólo fuera mente, entendería. Y en verdad el pensar no es la causa de que yo sea mente, sino la señal de ello, mas la señal no es la causa”.

³⁰ “In questa dissertazione si pongono a raffronto non le scienze, ma i metodi degli studi, i nostri con quelli degli antichi- Di quali cose si componga ogni metodo di studi- Ordine della dissertazione- Nuovi strumenti delle scienze- Nuovi sussidi degli studi- Quale fine hanno oggi gli studi”.

preocupação de que a crítica não apresenta o verdadeiro como objetivo exclusivo nos estudos, mas que, por meio da tópica, o verossímil seja também valorizado.

Modica afirma que:

Nem só a tópica nem só a crítica, portanto, que a <<ratio disserendi>> da tópica frequentemente assume o falso, e aquela da crítica não se desmorone também do verossímil. Por respeito da gradualidade da natureza humana elas vão pelo contrário para Vico afirmar-se ambas, afim de que os jovens com o senso comum progredissem na prudência civil e na eloquência, com a fantasia e a memória se fortalecessem nas artes a estas correspondentes, e com a crítica, apreendida por última, julgassem autonomamente sobre quanto tem aprendido³¹. (MODICA, 1983, p.41)

Por isso, como já foi dito, Vico propõe que aos jovens seja ensinada primeiramente a tópica, a fim de que eles possam se utilizar do senso comum, da prudência e eloquência, sem desprezar a fantasia, a memória e, considerando também a arte. Desse modo, para Vico, “resultariam assim exatos na ciência, vigilante na conduta prática de vida, rico de eloquência, imaginativos na poesia e na pintura, fervorosos na memória pela jurisprudência”³² (VICO, 2007c, p.111).

O *De Ratione*, trata-se, portanto, da caracterização comum a ambos os métodos, a saber, o dos antigos e o dos modernos. A diferenciação de ambos será, no entanto, dada na forma como os elementos acima indicados estão dispostos em cada um. Para Vico, os dois métodos apresentam desvantagens, a tópica porque pode cair na falsidade, a crítica porque não aceita a verossimilhança.

A fantasia, por sua vez, faz-se mais presente nos jovens, devendo ser estimulada, pois, para Vico, “nada é mais contrário à razão que a fantasia”³³. (VICO, 2002a, p.68), No entanto, “a fantasia deve ser atenuada, para que, por sua própria mediação, a razão tenha forças”³⁴. (VICO, 2002a, p.68) A memória, a fantasia e a imaginação devem persistir desde a infância, cuja fase se caracteriza pela presença desses aspectos. Vico, no entanto, critica aqueles que não consideram adequadamente as fases de formação do humano.

³¹ “Né solo la topica né solo la critica dunque, ché la <<ratio disserendi>> della topica spesso assume il falso, e quella della critica non s'avvale anche del verisimile. Per il rispetto della gradualità della natura umana esse vanno invece per Vico assunte entrambe, affinché i giovani con il senso comune progrediscono nella prudenza civile e nell'eloquenza, con la fantasia e la memoria s'irrobustiscano nelle arti a queste corrispondenti, e con la critica, appresa per ultima, giudichino autonomamente su quanto hanno imparato”.

³² “Riuscirebbero esatti nelle scienze, vigili nella condotta pratica della vita, ricchi di eloquenza, immaginativi nella poesia e nella pittura, fervidi di memoria per la giurisprudenza”.

³³ “Nada és más contrario a la razón que la fantasía”.

³⁴ “La fantasía debe ser atenuada, para que, por su propia mediación, la razón cobre fuerzas”.

Para ele:

no fim, os nossos críticos localizam a sua verdade primeira como anterior, externa e superior a todas as imagens corpóreas. Mas a antecipam sobre adolescentes ainda verdes e imaturos. Pois mais forte que a velhice é a juventude em razão da fantasia: e não é adequado, sem dúvida, que as crianças sejam cegas, que é sempre considerada como feliz manifestação de sua natureza futura. E a memória, que, se não é o mesmo, é certamente quase o mesmo que a fantasia, é preciso que se cultive encarecidamente nas crianças³⁵. (VICO, 2007c, pp. 105,107)

Vico expõe ainda no *De Ratione* que as desvantagens do método geométrico se encontram também no âmbito da Medicina, pois, o modo como os antigos lidavam com as enfermidades era mais seguro. Para ele, os antigos estavam corretos no que diz respeito a conservar a saúde: caminho mais fácil e viável do que a recuperação dela depois da perda. Para os antigos valia, portanto, evitar as enfermidades e atentar aos anúncios que as antecipam.

Não obstante, Vico avalia que o método dedutivo dificilmente poderia explicar alguns aspectos da Medicina, pois, ao ser empregado para se evitar ou curar as doenças, partiria de uma universalidade e, conseqüentemente, desconsideraria os casos particulares de indivíduos diferentes e de enfermidades que a todo o momento surgem ou se transformam. Como ele escreve:

As enfermidades são sempre novas e diferentes como diferentes são os enfermos. Pois nem eu agora sou o mesmo que eu fui recentemente enquanto falava dos enfermos, uma vez que já se passaram inúmeros momentos da minha vida e têm ocorrido inúmeros movimentos que venho lançado no último dia³⁶. (VICO, 2007c, p. 129)

Contudo, vale destacar que o *De Ratione* não se limita a uma mera comparação entre as ciências e as artes³⁷ dos métodos dos antigos e dos modernos, de modo a depreciar algum deles.

O propósito de Vico consiste, especialmente, em abordar a ordem de estudos do seu tempo, e de que maneira a nova orientação dos estudos apresenta

³⁵ "Infine i nostri critici pongono il primo vero come anteriore, estraneo e superiore ad ogni immagine corporea. Ma lo insegnano troppo prematuramente ai giovani, anzi, quando essi sono ancora acerbi. Infatti, come nella vecchiaia prevale la ragione, nella gioventù prevale la fantasia; e non conviene affatto acercarla, poichè sempre è considerata come felice indizio dell'indole futura. E la memoria, la quale se non è tutt' uno con la fantasia, certo è press'a poco la stessa cosa, poichè i fanciulli in nessun' altra facoltà della mente primeggiano, dev' essere rigorosamente coltivata".

³⁶ "Le malattie sono sempre nuove, diverse secondo gli ammalati e neppure io sono lo stesso di un minuto fa, quando parlavo degli infermi; al contrario, da allora a ora, innumerevoli istanti della mia vita sono trascorsi, innumerevoli movimenti si sono compiuti verso il giorno supremo".

³⁷ A arte, aqui, tem o sentido de técnica (*techné*).

desvantagens quando se considera aquela antiga, examinando em que aspectos uma ultrapassa a outra. Quando defendemos aqui o fato de não haver uma depreciação por parte de Vico em relação aos antigos ou aos modernos, sustentamos que, quando ele define uma ou outra orientação superior em determinados aspectos, os seus argumentos têm como preocupação instruir o ser humano na vida civil. Isso ocorre porque, segundo López:

Vico também é herdeiro de uma tradição e não pode senão formular o papel nuclear da matemática no conhecimento humano, rejeitando a aplicação cartesiana do método geométrico à física, assim como a postura cartesiana de busca de um saber que não precise contar com a memória, nem com a autoridade, nem com a experiência³⁸. (LÓPEZ, 1999, p. 53)

Todavia, o *De Ratione* não visa à formação de uma hierarquia quanto aos saberes antigos e modernos, tanto um quanto outro possuem aspectos, identificados por Vico, como positivos ou negativos, em especial, no que concerne à formação do indivíduo para a vida civil.

O fato de se reportar muito mais aos antigos, como melhor forma de instrução, é decorrente do gênero tópico-retórico estar muito mais voltado para as preocupações humanas e civis, ao passo que o método analítico-crítico, aquele de Descartes, utiliza o procedimento dedutivo, o que, para Vico, é inviável quando se trata da compreensão e conservação da vida civil, que é a nossa preocupação nessa pesquisa.

Sobre isso, Peter Burke diz que o *De Ratione*

[...] tem início com uma referência ao *Advancement of Learning*, e passeia pelas artes e ciências da mesma ambiciosa maneira que Bacon usara em seu texto. Trata essencialmente da questão de os feitos intelectuais dos antigos terem sido maiores do que o dos modernos ou vice-versa. Vico não pende para nenhum lado; prefere fazer distinções. Louva as conquistas do "novo método crítico" (em outras palavras, o método geométrico de Descartes e seus seguidores), especialmente na matemática. Contudo, apesar de sua pretensão de ser "comum a todas as ciências e artes", Vico rejeita a aplicabilidade desse método ao campo da sabedoria prática, à ética, à política e ao direito. Neste campo, concluía Vico, o método dos antigos permanece superior, e critica os cartesianos por distrair a atenção do mundo do homem. Em outras palavras, Vico não se convertera ao empirismo baconiano, mas o encontro com o pensamento de Bacon libertou-o de Descartes e tornou-o crítico ao

³⁸ "Pues bien, Vico también es heredero de una tradición y no puede sino formular el papel nuclear de la matemática en el conocimiento humano, si bien rechaza la aplicación cartesiana del método geométrico a la física, así como la postura cartesiana de búsqueda de un saber que no necesite contar con la memoria, ni con la autoridad, ni con la experiencia; en una palabra, el rechazo del saber que busca su apoyo en la acumulación de conocimientos que nos ha legado la historia".

método crítico. Onde Descartes dera ênfase à necessidade de "idéias claras e distintas", Vico afirmava que o conhecimento aparentemente claro e distinto é um vício, não uma virtude do entendimento humano. (BURKE, 1997, p.34)

Não obstante, vale destacar ainda que, na sua *Vita*, Vico afirma ter estudado a geometria euclidiana com a finalidade de servir como auxílio na compreensão de Platão e Aristóteles, uma vez que ambos os autores utilizaram fundamentos matemáticos em suas obras.

Ademais, para Vico, há certa dificuldade para aqueles que possuem as mentes exercitadas na universalidade do estudo metafísico, compreenderem os raciocínios da geometria e, por isso, em concordância com Aristóteles, ele afirma que a Geometria, assim como a História e o estudo das Línguas, são disciplinas mais convenientes às crianças, uma vez que exercitam a memória, o engenho e a fantasia.

Daí ele afirmar que

O próprio Aristóteles, ainda que do método utilizado pela geometria extraiu a arte silogística, também convém nele, quando afirma que às crianças devem ser ensinadas as línguas, a história e a geometria como matérias mais apropriadas para exercitar a memória, a fantasia e o engenho³⁹. (VICO, 2007a, p.16).

Ora, tal discussão nos evidencia a importância da formação dos jovens, de como essa é uma problemática que transpassa o terreno do pedagógico, mas que emerge dele para o terreno da vida civil. É certo que tal discussão não nasceu nesse contexto moderno, nem tem seu auge nessa querela apontada por Vico. Na verdade, nem saberíamos delimitar com precisão o momento histórico em que se levantou a questão sobre a formação humana e a formação civil, sobre os critérios de verdade, sobre a validade dos estudos, sobre o direcionamento da mente humana para o conhecimento, sobre o tipo de conhecimento, sobre os métodos utilizados para os fins da ciência, etc.

Por isso, Vico alerta sobre o equívoco do critério rigoroso de Descartes em aceitar como verdadeiro apenas aquilo que pode ser estabelecido pela física ou outra ciência natural. Sobre isso, Berlin afirma:

Ninguém antes de Vico tinha declarado que, se o nosso conhecimento dos seres humanos não é demonstrativo na forma em que o é a

³⁹ "Ed Aristotile medesimo, quantunque, esso dal metodo usato dalla geometria avesse astratto l' arte sillogistica, pur vi conviene ove afferma che a' fanciulli debbano insegnarsi le lingue, l' istorie e la geometria, come materia più proprie da esercitarvi la memoria, la fantasia e l' ingegno".

matemática (ou a divina onisciência), também não pode sê-lo o da percepção ou o das ciências naturais, baseado nos sentidos, como forçosamente deve ser nosso conhecimento dos objetos, plantas e animais. Nós poderemos observar e descrever uma mesa, uma árvore, uma formiga, acumular informação sobre o seu comportamento, estabelecer leis tais como as da física, botânica, entomologia, e assim, sucessivamente, mas tudo isso, por muito completo que possa ser, apenas nos dirá o que é aparecer uma mesa, uma árvore, uma formiga, ou se movimentar, ou ser casualmente afetado como tais. Todavia, o que não poderemos assegurar é o que é ser uma mesa, uma árvore, uma formiga, no mesmo sentido em que sabemos ser seres humanos e não apenas parecê-los ou comportarmo-nos como tais. (BERLIN, 1982, p. 36).

Assim, aqui queremos destacar a importante contribuição viquiana para pensarmos todas essas questões e questionarmos o estatuto da ciência moderna, bem como consideramos o alerta para o caminho trilhado, a partir de então, nesse terreno do conhecimento. Como afirma Galeazzi:

a crítica de Vico a um rígido monismo metodológico não significa a renúncia a um saber rigoroso, nem é "recusa, mas 'conclusão' da revolução científica do seu século", com o esforço de estender o conhecimento à história do homem, ou ao homem em sua história. (GALEAZZI, 1993, p.53).

Sendo assim, destacamos que, além de um projeto educativo de conciliação de saberes, no entender de Vico, indispensáveis para a formação humana, a discussão sobre o apelo à retórica e a crítica à unilateralidade do método crítico dos cartesianos, apresenta-nos uma terceira via que se encontra na relação entre o método tópico e o método crítico, fortalecendo a relação entre Filosofia e Retórica. Sobre isso, Expedito Passos Lima afirma que:

A reflexão de Vico sobre o saber no *De Ratione*, porém, não representa um projeto epistêmico imaturo e tradicional, que defenderia a cultura clássico-humanista como simples revitalização da tradição retórica. Neste momento, Vico já esboça um projeto de saber unitário e enciclopédico, em parte de caráter humanístico-renascentista e barroco que tende para o desenvolvimento equilibrado entre saberes e faculdades. Valendo-se deste modelo de saber, que integra tanto elementos da cultura clássico-humanista quanto da cultura do século XVII, Vico realiza uma síntese enciclopédica que pressupõe a unidade metodológica entre método crítico (lógica) e discurso tópico (retórica). (LIMA, 2010, p.196)

Assim, para darmos continuidade à discussão proposta por Vico, veremos a seguir o que Vico propõe, diante das questões já expostas, como modelo epistemológico que reverencia a vida civil.

2.4 DA METAFÍSICA HISTÓRICA VIQUIANA NO *DE ANTIQUISSIMA*: A PROVIDÊNCIA DIVINA

Quando falamos em Metafísica, falamos de algo além do físico, falamos de princípios. No entanto, como, então, podemos compreender o que seria uma metafísica histórica? Ora, se por um lado o *De Ratione* é a obra viquiana de cunho pedagógico, por outro lado o *De Antiquissima* é a sua obra de cunho metafísico.

Sendo assim, no *De Antiquissima*, Vico expõe a maneira como ele pensa uma metafísica histórica que, nesse sentido, seria algo como a busca pelos princípios do gênero humano. Tal exercício Vico coloca em prática na sua Ciência Nova, onde se propõe atentar aos princípios da história da humanidade.

Todavia, é no *De Antiquissima* onde encontramos o critério viquiano para o seu projeto de uma nova ciência ou, simplesmente, encontramos o que podemos nomear como o critério epistemológico viquiano: o *verum ipsum factum*.

Sobre isso, além do significado “o verdadeiro é o feito”, ou seja, o fato de podermos conhecer verdadeiramente as coisas das quais somos autores, convém destacarmos algumas características a respeito disso, como por exemplo, em quais momentos esse critério é aplicado e o que ele representa para pensarmos a constituição da ciência humana.

Um exemplo disso é quando Vico afirma que, se por um lado o modelo aritmético e geométrico são demonstrados a partir das causas, pois são organizados e compostos pela mente humana, por outro lado o ser humano não pode provar as questões físicas por meios de suas causas, considerando que o mesmo não se identifica como seu autor. Segundo Vico:

A aritmética e a geometria, que não creem no vulgo que provam a partir das causas, demonstram verdadeiramente partindo delas. E demonstram a partir das causas por isto: porque a mente humana contém os elementos das verdades que pode organizar e compor, e destas disposições e composições nasce a verdade que demonstram; de modo que demonstração é o mesmo que operação, e verdadeiro o mesmo que feito. E por isso mesmo não podemos provar as questões físicas a partir das causas, porque os elementos das coisas naturais estão fora de nós⁴⁰. (VICO, 2002b, p.151)

⁴⁰ “La aritmética y la geometría, que no cree el vulgo que prueben a partir de las causas, demuestran verdaderamente partiendo de ellas. Y demuestran a partir de las causas por esto: porque la mente humana contiene los elementos de las verdades que puede organizar y componer, y de estas disposiciones y composiciones nace la verdad que demuestran; de modo que demostración es lo mismo que operación, y verdadero lo mismo que hecho. Y por eso mismo no podemos probar las cuestiones físicas a partir de las causas, porque los elementos de las cosas naturales están fuera de nosotros”.

Influenciado por Platão, que no Crátilo apresenta a antiga sabedoria dos gregos, Vico apresenta, no seu *De Antiquissima*, a tentativa de comprovar uma antiga sabedoria dos italianos, que é mais antiga que a sabedoria dos gregos. Para isso, Vico fundamenta uma pesquisa etimológica e uma investigação filológica no que concerne à origem da língua latina, pretendendo confirmar uma antiga sabedoria do gênero humano. Vico, nessa obra, comprova, por meio da pesquisa etimológica das palavras, uma antiga sabedoria, mas também comprova que algumas expressões latinas derivaram de uma sabedoria muito profunda⁴¹.

Segundo Burke:

Vico estava tentando reconstruir as crenças dos primeiros filósofos da Itália tendo como base a etimologia de certas palavras latinas. Por exemplo, relacionou a palavra *fatum*, “fado”, a *factum*, “feito”, e também a *fatus est*, “ele disse”, argumentando que os filósofos italianos devem ter pensado que o fato era inexorável porque “as coisas criadas são palavras de Deus” e “o que foi feito não pode ser desfeito” [...] Tendo reconstruído essa antiga filosofia, Vico começou a usá-la como uma arma contra o método geométrico e as ideias claras e distintas dos cartesianos, ressaltando, por seu lado, a sabedoria prática de que falara no discurso de 1708 e também o que chamava de *ingenium*, definido como “o poder de conectar elementos diversos e separados”. O Vico poeta começava a auxiliar o Vico filósofo. (BURKE, 1997, p.35)

O princípio do *verum factum*, ou seja, de que o verdadeiro é o feito, como já dissemos, diz respeito à afirmativa de que só é possível ao ser humano o conhecimento daquilo de que é autor, daquilo por ele produzido. Daí compreendemos o porquê do método geométrico representar, para Vico, um conhecimento válido, tendo em vista que o mesmo é feito pela mente humana. Equivocadamente, vez ou outra, relacionam a crítica viquiana ao cartesianismo com uma possível negação viquiana da validade do método geométrico. Todavia, torna-se possível um conhecimento *per causas*, à medida que o ser humano pode conhecer e reconhecer as causas daquilo que ele mesmo produz.

A esse respeito, Sabetta assevera:

Ao contrário de Descartes, o critério da ciência não é posto na evidência do objeto que vem da ideia clara e distinta, mas naquela evidência que vem conferida ao objeto mediante a posse plena do processo construtivo, de modo que ninguém conhece um ente melhor do que aquele que o tenha feito⁴². (SABETTA, 2011, p.21)

⁴¹Cf. (VICO, 2002b, p.130).

⁴² “*Diversamente da Cartesio, il criterio della scienza non è posto nell' evidenza dell' oggetto che proviene dall' idea chiara e distinta, ma in quella evidenza che viene conferita all' oggetto mediante il pieno possesso del processo costruttivo, per cui nessuno conosce un ente meglio di colui che l'ha fatto*”.

Nesse contexto, Vico não deve equivocadamente ser compreendido como um adversário do cientificismo⁴³, pois mesmo que estabeleça a diferença entre ciência humana e ciência divina, não denota uma depreciação do progresso inventivo do ser humano, tendo em vista que o critério de verdade na sua filosofia [*verum esse ipsum factum*] diz respeito à criação, ao feito. Por isso, o ser humano pode conhecer tudo aquilo de que é autor, assim como a ciência divina conhece todas as coisas por ser Deus o primeiro agente [*Primus Factor*]⁴⁴. Sobre isso, Guido comenta que:

o equívoco de algumas interpretações do pensamento viquiano o faz parecer conservador e adversário da ciência, só pelo fato de Vico ter criticado os físicos cartesianos. No entanto, a sua crítica não é a negação da pertinência e do alcance da ciência, muito pelo contrário, a crítica reside na refutação da presunção dos físicos cartesianos. O que soa como conservadorismo, à primeira vista, é que neste livro (*A antiquíssima sabedoria dos italianos*) Vico adotou a atitude humanista de admitir a existência de duas ciências: a ciência divina e ciência humana. Nesta perspectiva, Vico afirmou que a ciência humana imita a ciência divina, isso não redundou na negação da criatividade e do progresso alcançado pela ciência dos modernos, pois o entendimento humano, segundo Vico, tem algo de quase divino” (GUIDO, 2004, p. 34).

Tal critério já havia sido anunciado no *De Ratione*, mas é formulado no *De Antiquissima* de forma mais específica, confirmando que se trata de um critério que não diz respeito somente à validação de uma preocupação gnosiológica, mas apresenta certo estatuto metafísico (onto-teológico).

O critério do *verum-factum* é, portanto, formulado mediante a necessidade de uma nova arte crítica, voltada para o estudo das coisas humanas, sem que se deixe de reconhecer o papel da providência divina nesse contexto. A respeito do *verum*

⁴³Sobre isso, Guido comenta que: “o equívoco de algumas interpretações do pensamento viquiano o faz parecer conservador e adversário da ciência, só pelo fato de Vico ter criticado os físicos cartesianos. No entanto, a sua crítica não é a negação da pertinência e do alcance da ciência, muito pelo contrário, a crítica reside na refutação da presunção dos físicos cartesianos. O que soa como conservadorismo, à primeira vista, é que neste livro (*A antiquíssima sabedoria dos italianos*) Vico adotou a atitude humanista de admitir a existência de duas ciências: a ciência divina e ciência humana. Nesta perspectiva, Vico afirmou que a ciência humana imita a ciência divina, isso não redundou na negação da criatividade e do progresso alcançado pela ciência dos modernos, pois o entendimento humano, segundo Vico, tem algo de quase divino” (GUIDO, 2004, p. 34).

⁴⁴Sobre o critério do *verum-factum*, Expedito Passos comenta que: “Vico retoma de forma original algo já presente na tradição escolástica: o princípio da conversão de *verum* e *ens*, em que substitui, ainda de acordo com a tradição cristã, o *ens* pelo *factum* ou pelo *genitum*. Portanto, Deus é o verdadeiro ente e qualquer outro ente é verdadeiro enquanto participa da ideia que tem deles o Criador, onde plenitude do ser, perfeição do conhecimento e potência do fazer são apenas uma coisa. Vico insistiu na reflexão metafísica do *De antiquissima* no último elemento, ou seja, no fazer (*facere*), e o reconduziu de vários modos ao conhecer” (C.f LIMA, José Expedito Passos. **A Estética entre Saberes Antigos e Modernos na Nuova Scienza de Giambattista Vico**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2010, p. 206-207).

factum e da aplicação do mesmo às coisas humanas e divinas, Isaiah Berlin formulou algumas teses, uma delas diz:

Que aqueles que fazem ou criam alguma coisa podem entendê-la, ao invés do que acontece com os simples observadores da mesma. Visto que, em um certo sentido, os homens constroem sua própria história (embora não seja completamente claro em que consiste essa espécie de construção), eles podem compreendê-la, enquanto não podem compreender o mundo da natureza exterior, o qual, devido a não ser por eles construído, mas apenas observado e interpretado, não lhes é inteligível, como pode sê-lo sua própria experiência e atividade. Somente Deus, que criou a natureza, pode entendê-la completamente, em toda a sua plenitude. (BERLIN, 1982, p.8)

Em tal obra, Vico apresenta a preocupação de formular o critério do *verum-factum* que possibilita a efetivação da sua metafísica, pois a investigação, quer filológica quer filosófica, serve-se de tal critério. A defesa do *verum-factum* e da investigação filológica, contrapõe-se àquele critério cartesiano de verdade e à universalidade de tal critério, uma vez que, como vimos, esse último limita o campo de observação às ideias claras e distintas. Do modo cartesiano, portanto, uma investigação das coisas humanas, para Vico, estaria comprometida. No *De Antiquissima*, ele afirma que

coisas novas, surpreendentes e inesperadas, não são previstas por aqueles gêneros universais. [...] é perigoso julgar mediante exemplos ou deliberar mediante exemplos, pois nunca, ou em poucas ocasiões, as circunstâncias das coisas coincidem em todos seus extremos. E isto estabelece uma diferença entre a matéria física e a metafísica. Qualquer que seja a forma particular que a matéria física produza, produz a melhor; já que pelo método que a produz, esta era a única entre todas. A matéria metafísica, no entanto, uma vez que as formas particulares são imperfeitas, contém a forma melhor no próprio gênero ou ideia⁴⁵. (VICO, 2002b, p.147).

Importante destacarmos que essa discussão de caráter epistemológico, sugere mais do que uma atenção com a forma de conhecimento proposta por Vico, uma vez que estamos aqui apresentando um percurso para o projeto de ciência nova. Nesse sentido, toda discussão feita aqui, seja de caráter pedagógico, epistemológico, metafísico, serve como elemento da discussão principal sobre a vida civil.

⁴⁵ “Las cosas nuevas, sorprendentes, inesperadas no son previstas por aquellos géneros universales. [...] es peligroso juzgar mediante ejemplos o deliberar mediante ejemplos, pues nunca, o en muy contadas ocasiones, las circunstancias de las cosas coinciden en todos sus extremos. Y esto establece una diferencia entre la materia física y la metafísica. Cualquiera que sea la forma particular que la materia física produzca, produce la mejor; puesto que, por el método en que la produce, ésta era única entre todas. La materia metafísica, en cambio, puesto que las formas particulares son imperfectas, contiene la forma mejor en el propio género o idea”.

Entendermos as propostas de Vico no que concerne à educação, à epistemologia, à metafísica e a tantas outras questões, são importantes para a compreensão do que Vico expõe na Ciência Nova.

Sobre o modo como conhecemos, segundo Vico, possuímos a capacidade do engenho [*ingenium*], que nos possibilita organizar e compor aquilo que não podemos conhecer pela verdade, ou seja, pelo feito, mas que podemos demonstrar e cogitar [*cogitare*]. Isso porque, para Vico, o ser humano não tem o conhecimento da totalidade das coisas, não pode formular ideias perfeitas sobre Deus, o mundo natural e a alma, por exemplo, que são obras do Criador. Como criatura, o ser humano age como partícipe da Criação, ou seja, pode apenas pensar e conjecturar sobre as coisas feitas somente por Deus.

Sendo assim, numa perspectiva viquiana, devemos atentar aos limites da mente humana, o que não nos limita a pensarmos e conjecturarmos sobre todas as coisas, mas nos coloca no lugar de finitude, de imagem e semelhança de Deus e, por isso, sobre Deus, a alma e as coisas naturais podemos refletir, conjecturar por meio de fragmentos, mas não podemos compreender de maneira clara e distinta, ou seja, não existe um critério de verdade e certeza humana em relação àquilo que não se configura como obra do humano.

Para Vico, o engenho [*ingenium*] se revela, portanto, como fundamental quando consideramos o princípio do *verum factum*, uma vez que é por meio desta natureza, própria de nós humanos, que podemos compreender as relações entre as coisas e unir algo que se encontra fragmentado, o que, de fato, é primordial no projeto proposto por Vico de uma nova metafísica. A definição dessa faculdade, dada por Vico, é a de que “o engenho é a faculdade de unir em uma só, coisas dispersas e diversas”⁴⁶ (VICO, 2002b, p.180).

Sobre isso, Vico afirma:

Com efeito, a claridade da verdade metafísica é da mesma intensidade que a da luz, que não conhecemos senão pelas coisas opacas. Pois, se um olha de forma atenta e prolongada para uma janela com grades, que deixa passar a luz ao interior da casa, e logo volta a vista para um corpo absolutamente opaco, lhe dará a impressão de ver, não a luz, senão barras luminosas. Da mesma forma é brilhante a verdade metafísica: não se encontra confinada por nenhuma fronteira nem diferenciada por forma alguma, pois é o princípio infinito de todas as

⁴⁶ “*Ingenio es la facultad de unir en una sola cosas dispersas y diversas*”.

formas; o físico é opaco, isto é, formado e finito, e nele vemos a luz da verdade metafísica⁴⁷. (VICO, 2002b, p.151).

Além disso, convém destacarmos também que o engenho é um dos responsáveis por revigorar a *inventio*, uma das principais faculdades da Retórica clássica, no entender de Vico, pouco valorizada pela Filosofia Moderna. Tal capacidade inventiva se revela no *ingenium* e na fantasia, portanto, não pode ser apreendida por meio de meros conceitos, nem por vias dedutivas e racionais, pois está vinculada ao gênero tópico-retórico e não ao gênero analítico-dedutivo. Nas palavras de Filho:

Ao *ingenium* e à fantasia Vico atribui uma função inventiva originária, não “dedutiva” ou racional; daí que estas faculdades não podem ser simplesmente apreendidas através de conceitos, pois são anteriores ao discurso racional. Vinculadas à tópica, tais faculdades ultrapassam os limites da razão formal, deixando entrever seu caráter imediato tanto na figuração dos tropos da retórica e da poesia quanto na confecção de inventos e utilidades. (PEREIRA FILHO, 2004, p. 79).

Contudo, o *verum factum* se apresenta como um princípio ontológico distinto da supremacia do *cogito* cartesiano. Tal supremacia é refutada por Vico quando o mesmo propõe um conhecimento que não recorre à unilateralidade de um individualismo racionalizante, mas defende a ideia de que o verdadeiro e o feito estão relacionados à vida prática, à importância do *ingenium*, da fantasia, da imaginação e do senso comum. Sobre o conceito de senso comum no pensamento viquiano⁴⁸.

Giuseppe Modica afirma que:

É graças a essa obra de meditação realizada pelo senso comum que motivos essencialmente pedagógico-políticos possam conjugar-se com motivos mais claramente filosófico-epistemológicos e que, por sua vez, ambos os motivos possam, em seguida, girar em torno da problemática da unidade do saber e da integralidade da natureza humana⁴⁹. (MODICA, 1983, p. 61).

⁴⁷ “En efecto, la claridad de la verdad metafísica es de la misma intensidad que la de la luz, que no conocemos sino por las cosas opacas. Pues si uno mira de forma atenta y prolongada hacia una ventana enrejada, que deja pasar la luz al interior de la casa, y luego vuelve la vista hacia un cuerpo absolutamente opaco, le dará la impresión de ver, no la luz, sino rejas luminosas. En la misma forma es brillante la verdad metafísica: no se encuentra confinada por ninguna frontera ni diferenciada por forma alguna, pues es el principio infinito de todas las formas; lo físico es opaco, esto es, formado y finito, y en ello vemos la luz de la verdad metafísica”.

⁴⁸ Como foi dito na Introdução, alguns temas aparecerão de modo transversal em alguns momentos da tese, podendo, como é o caso da questão do senso comum, em algum outro momento também aparecerem de modo mais específico. Essas idas e vindas, esses atravessamentos dos temas, ao nosso ver, está de acordo com a lógica dos *corsi* e *ricorsi* viquiano, são os *corsi* e *ricorsi* da presente pesquisa viquiana.

⁴⁹ “È proprio grazie a quest'opera di meditazione svolta dal senso comune che motivi prevalentemente pedagogico-politici possono coniugarsi con motivi più schiettamente filosofico-epistemologici e che, a

Desse modo, podemos afirmar que o senso comum age como critério interno e base do método viquiano, considerando a importância do mesmo na articulação entre Filologia e Filosofia, ou seja, da passagem gradativa conceitual de um critério como *verum factum*, para a articulação entre os conceitos do certo [*certum*] e do verdadeiro [*verum*], essenciais para compreendermos uma ética das nações. Sobre o *certum* e o *verum* discutiremos adiante mais detalhadamente, mas é importante ressaltarmos que a discussão sobre conhecimento em Vico ganha, a partir disso, um caráter ético-político. Sobre as características da metafísica viquiana, Modica afirma que

Assim, a filosofia viquiana da humanidade não é contemplativista, desde a metafísica que não tem como fundamento uma metafísica ôntica, mas uma metafísica da mente humana, tendo como objeto um mundo que no tempo é concebível em quanto ele faz, e ele faz como um ato que não é simplesmente um fabricar e um criar, um *poieîn*, mas é sempre e indivisivelmente um agir, um *praxeîn*, pois o homem de Vico é que este criador que não pode e não deve isentar-se do decisivo e único papel de sempre ser também um ator daquilo que ele foi o autor ⁵⁰. (MODICA, 1983, p. 20)

Dessa forma, em Vico, quando falamos sobre o critério do *verum-factum*, apresentamos implicações gnosiológicas, mas que não excluem uma fundamentação metafísica, uma vez que esse critério também se aplica à providência divina, ou seja, a providência como primeira autora e autora de tudo e que, por isso, tudo conhece. A metafísica viquiana é denominada uma metafísica histórica porque, considerando as ideias divinas e humanas, busca os princípios sobre os costumes das nações, o que nos leva ao próximo ponto, formulado para compreendermos como se dão os princípios do direito em Vico. Sendo assim, a seguir, trataremos a questão do direito universal e a nova arte crítica viquiana, temas essenciais para o que nos propomos a fazer nessa pesquisa, uma vez que não podemos falar sobre a vida civil e os riscos que a rodeiam, como o da barbárie, sem considerarmos a questão sobre o Direito.

loro volta, entrambi i motivi possono poi girare attorno alla problematica portante dell'unità del sapere e dell'integralità della natura umana".

⁵⁰ "Perciò la vichiana filosofia dell'umanità non è contemplativista, giacché la metafisica che la sostanzia non è una metafisica ontica, bensì una metafisica della mente umana avente come oggetto un mondo che in tanto è contemplabile in quanto essa stessa lo fa, e lo fa con un atto che non è semplicemente un fabbricare e un creare, un *poieîn*, ma è sempre anche e indivisibilmente un agire, un *praxeîn*, giacché l'uomo di Vico è quel tal creatore che non può e non deve esimersi dal decisivo e irripetibile compito d'essere sempre anche attore di ciò di cui è autore".

2.5 DA NOVA ARTE CRÍTICA VIQUIANA NO *DIRITTO UNIVERSALE*: AFILOGIA COMO CIÊNCIA

O interesse viquiano pela jurisprudência é percebido, de modo transversal, em algumas de suas obras, como é o caso da sua *Vita*, do *De Ratione*, e do *De Antiquissima*, de 1710, bem como tem papel primordial nas páginas do seu projeto maior, a *Scienza Nuova*. No título completo da edição de 1725, a Ciência nova trata da “natureza das nações pela qual se reencontram os princípios de outro sistema do direito natural das gentes” (*Principi di una scienza nuova intorno alla natura delle nazioni per la quale si ritrovano i principi di altro sistema del diritto naturale delle genti*). Esse ‘outro’ no título se refere ao fato da Ciência Nova representar uma crítica ao jusnaturalismo utilitarista, racionalista e anti-histórico de Grócio, Selden, Hobbes e Pufendorf.

No entanto, é na sua obra *Direito Universal* [*Diritto Universale*], que se divide em dois livros, o primeiro: *De uno universi iuris principio et fine uno*, de 1720, e o segundo: *De constantia iurisprudentis*, de 1721, onde Vico trata, com exclusividade e aprofundamento, esse tema.

Vale ainda destacar a *Sinopsi del Diritto Universale*, de 1720, publicada um pouco antes do *Direito Universal*. Nesta, Vico expõe quais argumentos serão aprofundados no *De Uno* e no *De Constantia*. O *Diritto Universale* ainda é composto por *Notae* e *Dissertationes*, acrescentadas posteriormente.

Entre os dois livros, o *De Uno* apresenta a reflexão sobre os princípios do Direito e das leis com base nos costumes humanos e o *De Constantia*, que é dividido em duas partes: *De constantia philosophiae* e *De constantia philologiae*, concerne na relevância da razão e da autoridade para uma ciência dos costumes humanos.

No objetivo de realizar seu projeto de uma *Nuova Scienza*, como já pontuamos anteriormente, Vico consolidou seu interesse no estudo sobre o gênero humano e sobre a história das nações, tendo como instrumento indispensável a relação entre Filosofia e Filologia, a afirmativa é de que verdadeiro [*verum*] e certo [*certum*]/ razão [*ratio*] e autoridade [*auctoritas*]/ intelecto [*intellectus*] e vontade [*voluntate*], são elementos primordiais para a investigação segura dos princípios da humanidade.

Sendo assim, no *De constantia*, Vico aborda a divisão entre a coerência da Filosofia [*De constantia philosophiae*] e a coerência da Filologia [*De constantia philologiae*]. Tais partes revelam a relação de ambas com a questão das leis, da

religião, das línguas, assim como da necessidade de submeter a Filologia à Filosofia, em virtude da primeira começar a ser vista como ciência [*a ridurre a principi di scienza*].

Sobre isso, a segunda parte do *De constantia*, ou seja, aquela que trata da coerência da Filologia, tem, em seu primeiro capítulo *Nova scientia tentatur*, o prenúncio do que seria essa ciência nova. No início do *De constantia philologiae*, Vico enumera duas partes da Filologia, são elas: “história das palavras e aquela dos fatos”⁵¹. (VICO, 1861, p.35)

Nesse sentido, a Filologia se identifica, portanto, como a investigação dos costumes humanos, tomando como objeto de estudo: as leis, as línguas e a história das coisas. Sendo assim, o arbítrio da autoridade torna-se presente nesse processo de se conceber a Filologia no âmbito científico. Vico enumera as fontes do saber, como intelecto e vontade, e afirma o seu intuito em demonstrar a coerência da Filosofia e da Filologia na história do Direito. No início da segunda parte do *De Constantia*, Vico diz que

Uma vez que o homem consta de intelecto e vontade, assim, o que quer que ele aprenda, deve ser, ou pelo intelecto ou pela sua vontade, e então tudo que eles dizem como conhecimento se refere ou ao princípio absoluto racional ou ao arbítrio da autoridade. A Filosofia pretende envolver a **coerência da razão**, vamos agora provar como a filologia torna firme a **coerência da autoridade**, cuja qual dissemos ser parte da razão⁵². (VICO, 1861, p.35)

Convém pensarmos na estrutura do Direito romano, que era composto por: 1) *ius civile*, ou direito civil, composto por leis destinadas exclusivamente aos cidadãos romanos, o 2) *ius gentium*, como aquele intermediário entre os romanos e os povos conquistados que, por sua vez, tem inspiração na razão natural e, por esse motivo, tido como comum a todos os povos e conhecido também como direito das gentes; e, por fim; o 3) *ius naturale*, ou direito natural, que contém em si o âmbito teórico-filosófico do Direito, como aquele comum a todos os seres humanos.

A investigação viquiana sobre os princípios da jurisprudência, portanto, alertou que alguns filósofos que pensaram o Direito, no entender de Vico, mostraram-se

⁵¹“*Istoria delle parole e quella de' fati*”.

⁵² “*Siccome l'uomo consta d'intelletto e volontà, così checché egli apprenda dee ripeterlo o dall'intelletto o dalla volontà di lui; e quindi tutto ciò che dicono scibile deesi rapportare al principio assoluto razionale, o all'arbitrio dell'autorità. La Filosofia intende a rafforzare la costanza della ragione; cerchiamo ora provare come la Filologia rende salda la costanza dell'autorità, la cui mercè dicemmo esser l'autorità parte della ragione*”.

limitados, seja pelo *certum* dos filólogos, seja pelo *verum* dos filósofos, privilegiando com isso ou a *ratio*, ou a *auctoritas*. Para Vico “a autoridade é parte da razão, como o certo é do verdadeiro” (VICO, 2009, p. 313), ou seja, “para isso, é necessário que o filósofo certifique a verdade dos seus conceitos com o “certo” dos legisladores” (GUIDO, 1998, p. 283).

Nesse contexto, apesar de ser um dos mais completos sistemas sobre o Direito, no entender de Vico, e mesmo considerando a importância da relação entre a Filologia e a Filosofia, o sistema de Hugo Grotius não apresenta, em seus princípios, uma justificação da filologia pautada pela filosofia, isso porque a proposta de Grotius, embora se apresente interessante, está ainda fundada numa tradição onde prevalece a unilateralidade.

No *De Uno*, Vico afirma que:

Hugo Grotius, grande filósofo e excelente filólogo, omite o direito civil dos romanos, tudo no interior do jus natural, para formar aquele completo sistema, que merece o nome de jurisconsulto do gênero humano. Mas quando se põem os seus princípios a rigorosa provação de uma crítica exata, encontram-se mais as suas razões prováveis e verossímeis, que necessárias e invencíveis⁵³. (VICO, 1866, p.14).

Grotius ainda apresenta um dualismo entre direito natural (que corresponde à comunidade racional e se encontra acima dos Estados) e direito voluntário (que possui fins utilitaristas e se caracteriza por acordos), de modo que houvesse uma separação entre ambos. Para Vico, no entanto, a questão está em unificar, quer o momento racional, quer o empírico.

Vico denomina o direito voluntário como *ius gentium* a fim de identificá-lo como o próprio direito universal (mediante o testemunho de historiadores e poetas). Portanto, o *ius gentium* e o *ius naturale* se tornam o *ius naturale gentium* (direito natural das nações), como uma síntese entre direito verdadeiro e direito certo, onde o direito natural e o direito positivo se realizam ao mesmo tempo, bem como a relação entre o *verum* e o *certum/ratio* e *auctoritas*/Filosofia e Filologia.

Vico defende ainda que “o justo existe por natureza, porque quem é constante quando mede, é justo quando escolhe” (VICO, 2009, p.312) e que “existe uma sociedade do justo verdadeiro, a equânime, ou do igualmente útil, que consiste no

⁵³ “Ugo Grozio, gravissimo filosofo e filologo eccellente tralascia la ragion civile dei Romani, tutto nel Gius naturale internandosi, per formarne quel compiuto sistema che gli merita il nome di Giureconsulto del genere umano. Ma quando pongonsi i suoi principi al rigoroso cimento di una Critica esatta, trovansi le sue ragioni più probabili e verissimili, che necessarie ed invincibili”.

direito natural imutável” (VICO, 2009, pp.312,313). No entanto, o que o torna um direito natural imutável, não é a utilidade, como muitos pensaram, mas a ideia de igualdade. A utilidade é como um artifício para que a mente perceba que a causa do justo verdadeiro e eterno é, por sua vez, a igualdade.

Segundo o comentário de Sabetta:

Vico, de fato, lamenta a separação da jurisprudência (do direito) com a filosofia (ou seja, da verdade), como se revela evidente no ceticismo em relação à justiça (os argumentos de Carnéades) encontrado em Epicuro, Maquiavel, Hobbes, Spinoza, Bayle, para todos os autores para os quais as leis não são outra coisa, senão convenções⁵⁴. (SABETTA, 2011, p. 55)

Com base nisso, a reflexão sobre o direito natural, revela-se importante para a proposta viquiana de fundamentar uma nova ciência, com uma investigação que não se apresente de maneira unilateral, pois, ao dividi-lo em vontade e intelecto, Vico trata de expor as fontes do saber humano, assim como garantir a coerência da razão e que, ao se tornar ciência, a coerência da Filologia seja também comprovada⁵⁵.

Por isso, julgamos necessário contemplar os conceitos de *verum* e *certum* na reflexão sobre o *Direito Universal*, em virtude do projeto de uma *nuova scientia* ser enunciado no *De Constantia*. No *Direito Universal*, a metafísica se apresenta como pressuposto para se pensar um fundamento para o Direito, pois age como “régua eterna” [*regula aeterna*] na investigação sobre a jurisprudência e seus princípios.

Os jusnaturalistas, na crítica de Vico, erram quando identificam o direito das gentes com o direito natural dos filósofos, consideram, com isso, o direito das gentes somente no seu estágio mais avançado, desconsiderando os cursos que fazem as nações e suas modificações. A crítica, portanto, fundamenta-se no fato desses sistemas não harmonizarem as particularidades das condições históricas com a universalidade das ideias. Desse modo, há dificuldade em relacionar o direito natural (eterno em sua ideia), com os costumes das nações, ou seja, há dificuldade em

⁵⁴“Vico, infatti, lamenta la separazione della giurisprudenza (del diritto) dalla filosofia (cioè dalla verità) come risulta evidente nello scetticismo verso la giustizia (gli argomenti di Carneade) riscontrabile in Epicuro, Machiavelli, Hobbes, Spinoza, Bayle, tutti autori per i quali le leggi non sono altro che convenzioni”.

⁵⁵Sobre isso, Expedito Passos comenta que: “Nesse sentido, destaca-se no *De constantia* o primeiro capítulo, *Nova scientia tentatur*, em que Vico fala pela primeira vez de tentar uma *nova scientia*. Para o autor, as fontes humanas de todo saber são o intelecto e a vontade, pois tudo o que se define por saber diz respeito tanto à necessidade da razão (*ad rationis necessitatem*), quanto ao arbítrio da autoridade (*ad auctoritatis arbitrium*). Daí a Filosofia assegurar a coerência da razão e a Filologia aquela do arbítrio humano, e de ser a *auctoritas* parte da própria *ratio*” (LIMA, 2010, p. 234).

relacionar a conservação de todo o gênero humano, com a conservação específica de cada povo, ou seja, em relacionar o ideal e o concreto.

Para Vico, o erro causal disso está na forma como os jusnaturalistas modernos reconhecem o homem originário, há por parte desses jusnaturalistas, no entender de Vico, uma a condição de carência sobre os primórdios, seja quando Grócio o qualifica na condição de inocência, simplicidade e abandono, seja quando Hobbes o qualifica como hostil, solitário e abandonado. O homem originário é visto por Vico numa condição decaída e corrompida, mas com a capacidade de dar início ao mundo social, não por sua natureza sociável, mas por sua relação com a Providência.

Vico, portanto, apresenta a sua crítica mediante uma fundamentação metafísica como régua eterna, em virtude das leis derivarem de uma razão e de uma verdade eterna, indagada por essa razão [*verum*], assim como da autoridade que a expressa [*certum*]. Afirma Sabetta que:

Para remediar essa incompreensão do sentido do direito, terá que estabelecer um *ius aeternum verum*, aceito por todos em toda parte. Para demonstrar a existência desse direito, e, em seguida, para subtrair ao arbítrio as leis e a justiça que provém da correta aplicação delas, é preciso olhar para a metafísica como crítica da regra eterna do verdadeiro, a qual ensina a *eterna verorum scientia*⁵⁶. (SABETTA, 2011, p. 55)

Sendo assim, faz-se necessário uma compreensão histórica acerca do direito, para que o *ius naturale gentium* seja efetivamente contemplado na proposta de um Direito Universal em Vico.

É diante da definição de *verum* e *certum*, portanto, e da sua importância no projeto viquiano de uma *nuova scientia tentatur*, que cabe agora uma reflexão a fim de se compreender o processo histórico e o direito das nações.

No *De Constantia*, Vico expõe a tripartição da História, onde a História se apresenta como testemunha do tempo. Ao se falar de tempo obscuro, tempo heroico e tempo histórico, admite-se as três fases da história. Para Vico, “a história, no

⁵⁶ “Per ovviare a questa incompreensione del senso del diritto occorrerà stabilire uno *ius aeternum verum*, da tutti e dovunque accettato. Per dimostrare l'esistenza di tale diritto, e quindi per sottrarre all'arbitrio le leggi e la giustizia che scaturisce dalla loro corretta applicazione, occorre guardare alla metafisica come critica e regola eterna del vero, la quale insegna *aeternam verorum scientia*”.

entanto, é aquela que se faz testemunha do tempo. Até agora os tempos são como Varrão tripartiu, em Obscuro, Fabuloso e Histórico”⁵⁷ (VICO, 1861, p. 41).

No entender de Vico, o direito, de acordo com cada época, não se apresenta estático e imutável, mas dependente das oscilações e modificações de cada tempo histórico. O Direito se concretiza, portanto, na História. Sobre isso, Galeazzi afirma que

Na história ideal eterna se pode ver uma lei histórica que aponta para a "forma" dos acontecimentos, dependente da modalidade típica da mente naquela fase. Há, portanto, uma estreita ligação com a "metafísica da mente" que, estudando precisamente as "modificações" da mente humana permite compreender como da dissolução de certa fase se chega àquela sucessiva⁵⁸. (GALEAZZI, 1993, pp. 159,160).

Nesse sentido, Vico afirma que a primeira autoridade foi de ordem natural, só depois veio surgir a autoridade da razão e com ela a autoridade da solidão, ou monástica, e com isso o direito das gentes, que se divide em: “direito das gentes maiores” e “direito das gentes menores”. Na *Sinopsi* sobre o Direito Universal, Vico diferencia “direito das gentes maiores” e “direito das gentes menores”, afirmando que:

“o primeiro é o direito da violência privada no estado sem lei, e dele, além das famílias, nasceu um outro esboço das repúblicas, o que é demonstrado com as clientelas, as quais, se veem, na história antiga, espalhadas por todo o Ocidente, sobretudo na Gália, na Alemanha, na Bretanha, na Espanha, na Itália e, enfim, na Grécia; destas nasceram as repúblicas dos ótimos sob o nome de “reinos” na Itália e na Grécia e de “principados” nas demais; e Rômulo tomando-as (as clientelas) das gentes maiores, assim ordenou a sua república. (VICO, 2009, p. 314).

Já no *De Uno*, sobre isso, Vico afirma que:

Por essa sua autoridade monástica, o homem torna-se soberano na solidão; e quando atacado, é preciso proteger a pessoa, consciente da primazia conseguida sobre o agressor, a fim de superá-lo no sentimento de justiça, mata-o exercitando um direito de soberania ou superioridade. Deste direito de tutela, fundado sobre a superioridade do direito natural, nasceu o direito das gentes, que se pode definir como direito da força. A tutela é o direito que primeiro se manifesta na vida do homem, na vida do Gênero humano, ou seja, na História, antes

⁵⁷ “L'istoria intanto è quella che rende testimonianza de' tempi. Sino ad ora i tempi sono stati con Varrone tripartiti in Oscuro, Favoloso e Istorico”.

⁵⁸ “Nella storia ideale eterna si può vedere una legge storica che addita la “forma” degli eventi, dipendente dalla modalità tipica della mente in quella fase. C'è quindi uno stretto legame con la “metafisica della mente” che, studiando appunto le “modificazioni” della mente umana, permette di capire come dalla dissoluzione di una certa fase si arrivi a quella successiva”.

de qualquer outro, surge o Direito das Gentes, do qual a tutela é a essência⁵⁹. (VICO, 1866, p.85)

Desse modo, a questão do Direito também participa da investigação filológica acerca dos costumes humanos, de modo que, para Vico, o seu Direito Universal e eterno se apresenta não como leis que se mostram presentes em todos os estágios da humanidade, mas sim, uma ideia de Direito presente em todas as nações, que participa do princípio do *verum-factum* (verdadeiro é o feito) e que contém em si questões que convergem o *verum* com o *certum*, a *ratio* com a *auctoritas*, assim como o dinamismo com o direito natural e o direito das gentes sendo regulado pelo primordial papel da Providência divina na história. Conforme Galeazzi afirma:

Para entender é preciso lembrar que o adjetivo "eterno" assume dois significados diferentes, até no âmbito de um mesmo período, justamente para expressar a riqueza no pensamento vichiano: em primeiro lugar expressa a eternidade, no sentido estrito, referindo-se à imutabilidade da verdade e da justiça de Deus e, portanto, do plano da Providência na história, um segundo sentido é derivado justamente da realização daquele plano eterno na história e designa o que permanece no devir histórico, as constantes que se apresentam como uniformes e universais e reenviam à verdadeira e própria eternidade do plano⁶⁰. (GALEAZZI, 1993, p. 155)

Tendo em vista a realização do projeto vichiano de uma *Nuova Scienza*, afirmamos que o Direito universal se realiza na mediação entre Filosofia e Filologia, ou seja, entre o direito verdadeiro e o direito certo, assim “toda lei tem, portanto, em si um elemento de verdade e um de certeza, provenientes, respectivamente, da razão e da autoridade, sem que entre os dois aspectos haja, porém, oposição”⁶¹. (SABETTA, 2011, p. 57)

⁵⁹ “Per tale sua monastica autorità, l'uomo divien sovrano nella solitudine; e quando, assalito, gli bisogna proteggere la persona, conscio della preminenza avuta sovra l' assalitore, per superarlo nel sentimento della giustizia, lo uccide in ciò esercitando un diritto di superiorità o di sovranità. Da questo diritto di tutela fondato sovra la superiorità naturale nacque il diritto delle Genti, che puossi deffinire il diritto della forza. Siccome la tutela è quel diritto che primo nella vita dell'uomo si manifesta, così nella vita del Genere umano, cioè nella Storia, appare prima di ogni altro il Diritto delle Genti, di cui è essenza la tutela”.

⁶⁰ “Per capire bisogna tener presente che l'aggettivo "eterno" assume due sensi diversi, magari nell'ambito di uno stesso periodo, proprio per esprimere la ricchezza del pensiero vichiano: in primo luogo esprime l'eternità in senso proprio, riferendosi all'immutabilità della verità e della giustizia di Dio, e, quindi, del disegno della Provvidenza nella storia; un secondo senso è derivato - derivato proprio dall'attuarsi di quel disegno eterno nella storia- e designa ciò che permane nel divenire storico, le costanti che si presentano come uniformi ed universali e che rinviano alla vera e propria eternità di quel disegno”.

⁶¹ “Ogni legge ha, dunque, in sè un elemento di verità ed uno di certezza, provenienti rispettivamente dalla ragione e dall'autorità, senza però che tra i due aspetti vi sia opposizione”.

Ao abordarmos aqui termos como *certum* e *verum*, *ratio* e *auctoritas* e sobre os princípios da humanidade, estabelecemos que, segundo Vico, o conhecimento acerca da história, assim como da linguagem, da poesia e das leis, recebe como princípio anterior, Deus, sendo ele mesmo o primeiro e eterno princípio, aquele cujo conhecimento deve servir de exemplo para o conhecimento humano.

Vico busca, portanto, pensar um sistema do Direito em sua universalidade de princípios, que se trata de conhecer os elementos que constituem a natureza humana compartilhada com a divina. Desse modo “Deus não é só criador do *aeternus ordo rerum* [eterna ordem das coisas], mas constitui também a origem dos princípios das ciências”⁶². (SABETTA, 2011, p. 61)

Por fim, a ideia viquiana de um Direito Universal, tem como objetivo demonstrar que o Direito se apresenta de acordo com as fases históricas e nelas mesmas, pois, mais que a formalidade de um sistema de Direito voltado para o estudo das leis, Vico pensa a universalidade e imutabilidade de uma ideia de Direito (direito natural), considerando como relevante os costumes da humanidade, sendo esses, por si mesmos, incoerentes, mutáveis e obscuros, regulados pela providência e dependentes do arbítrio humano, que, de todo modo, podem apresentar aspectos coerentes com o exercício do engenho [*ingenium*], da valorização do senso comum e da redução da Filologia à ciência. Do ponto de vista de Modica:

O que Vico, portanto, reivindica, não é nem a substituição simplista do verdadeiro com o verossímil, nem o mero direito de convivência do verossímil ao lado do verdadeiro, do particular ao lado do universal, da prudência ao lado da ciência, mas aquela adequada compreensão do verossímil e do senso comum através da qual a ciência se faça prudente, o universal mergulhe no concreto e o verdadeiro torne-se mais humano⁶³. (MODICA, 1983, p. 53)

Assim, o objetivo de Vico quando defende a necessidade de se reduzir a Filologia a um princípio racional, ou seja, pautada pela Filosofia, é o de que verdadeiro [*verum*] e certo [*certum*], razão [*ratio*] e autoridade [*auctoritas*], intelecto [*intellectus*] e vontade [*voluntas*], sejam aquilo que compõe uma investigação segura dos princípios da humanidade.

⁶² “Dio non è solo creatore dell' *aeternus ordo rerum* ma costituisce anche l'origine dei principi delle scienze”.

⁶³ “Ciò che Vico dunque rivendica non né la semplicistica sostituzione del vero con il verisimile, né il mero diritto di convivenza del verisimile accanto al vero, del particolare accanto all'universale, della prudenza accanto alla scienza, bensì quell'adeguata comprensione del verisimile e del senso comune attraverso cui la scienza si faccia prudente, l'universale s'immerga nel concreto e il vero divenga più umano”.

Com isso, reafirmamos que a filosofia de Vico, não se trata especificamente de uma Filosofia da História, uma vez ser mais coerente chamá-la de uma Filosofia da Humanidade. É o que veremos no decorrer do próximo capítulo sobre a gênese do mundo civil na *Scienza Nuova*, ao adentrarmos em alguns aspectos da Ciência Nova e entendermos como a busca por compreendermos os princípios do mundo civil das nações é primordial para o aprofundamento sobre os riscos que a civilidade corre com a barbárie da reflexão.

3 SOBRE A GÊNESE DO MUNDO CIVIL DAS NAÇÕES EM GIAMBATTISTAVICO: A *SCIENZA NUOVA*

3.1 DA IDEIA DA *NUOVA SCIENZA*: SOBRE O FRONTISPÍCIO

Nesse momento da exposição, continuaremos trabalhando em alguns conceitos relacionados à vida civil na obra de Vico, uma vez que se faz necessário compreendermos a narrativa viquiana até o seu alerta sobre a barbárie da reflexão. Assim, se os capítulos anteriores nos demonstraram a formação viquiana e as suas principais referências, bem como a maneira como isso importou para o seu pensamento em relação à formação humana, seja no que diz respeito a discussão de um modelo pedagógico, de uma metafísica histórica, seja quando consideramos uma ideia de Direito Universal, é certo que, daqui por diante, veremos como essa base de conhecimento está presente em alguns conceitos pensados por Vico, que se mostram de suma importância para a compreensão histórica da sociedade civil. Por meio desse processo, poderemos ter, então, um caminho conceitual até chegarmos ao alerta viquiano sobre os rumos da vida civil.

No presente capítulo, trabalhamos, portanto, com a sua principal obra: a *Ciência Nova*. A fim de continuarmos a nossa pesquisa baseada numa Filosofia da Humanidade.

Partindo da importância da Filosofia e da Filologia, a *Scienza Nuova* representa, neste contexto, a defesa de que a Filologia não significa meramente o estudo das línguas e de suas origens, mas um amplo conhecimento histórico-cultural, por meio das religiões, matrimônios, economia, política, instituições e nações.

Nesse contexto, iremos destacar a relação entre o *certum* e o *verum*, na tentativa de compreendermos o projeto viquiano de uma *Nuova Scienza*. Para isso, o presente ponto examina como Vico interpreta a ideia da sua obra.

Falar sobre a Ideia da Obra é um recurso utilizado por Vico que serve como exposição ao leitor das questões tratadas na *Ciência Nova* e dos instrumentos que a compõem. Para tanto, Vico utiliza a interpretação do frontispício⁶⁴, ratificando o caráter poético e metafórico da sua obra.

A exposição se inicia interpretando a mulher de têmporas aladas como sendo a metafísica, por isso, ela se encontra em cima do globo, o qual representa o mundo

64 O desenho do frontispício serve como introdução à obra. Figura anexada.

físico. O triângulo que possui um olho observante em seu interior simboliza Deus. Percebemos, com isso, a contemplação da metafísica em relação a Deus e a contemplação da metafísica em relação à mente humana, buscando demonstrar a providência no mundo civil⁶⁵.

Destacamos também a posição na qual está o globo (mundo físico), sobretudo se observarmos ele está tocando apenas um lado do altar, o que interpretamos como referente à visão unilateral que até então os filósofos demonstraram, por um lado contemplando a providência divina apenas do ângulo da ordem natural e, por outro lado, menosprezando uma das partes do ser humano: o de ser um ser sociável. Também devemos refletir que se a figura do altar se encontra sob o globo, devemos atentar, de acordo com o pensamento viquiano, à necessidade deste mundo civil se sustentar e se relacionar com o sagrado⁶⁶.

Seguimos destacando também a faixa que traz consigo os dois signos dos zodíacos: leão e virgem. Sobre isso, compreendemos que o signo de leão diz respeito à figura de Hércules, presente em todas as nações, como condutor dos povos da barbárie à civilidade. Já o signo de virgem, representa o tempo poético, onde se diz, por meio da mitologia, que humanos e deuses conviviam no mundo. Já o fogo sob o altar representa o fogo utilizado por Hércules para queimar a selva neméia, o que introduziria o ser humano na idade dos heróis. Por isso mesmo, percebemos a proximidade entre o signo de leão e o fogo⁶⁷. Sobre isso, Vico escreve:

Donde, igualmente, o altar, elevado ao céu, forma um sinal celeste; e o fogo, que está em cima [do altar], passou à casa vizinha, como aqui podes ver, do Leão (o qual, como há pouco se advertiu, foi a selva neméia, que Hércules incendiou, para convertê-la em cultura); e foram erguidos, como um troféu de Hércules, os despojos do leão às estrelas⁶⁸. (VICO, 2007d, p. 418, § 4)

Em seguida vamos à explicação a respeito do raio de luz oriundo da divina providência, esse raio representa a cognição de Deus que, em sua relação com a

65A importância da providência na vida civil é confirmada à medida que sua representação está em um olho observante interno, justificando-a como autora de todas as coisas e, por este motivo, conhecedora de todas elas. A ideia de Deus como uma mente que tudo observa vem dos hebreus, que acreditavam que a providência era observadora de todos os tempos.

66 Cf (VICO, 2007d, p.415).

67 O signo de leão representa o Hércules, no entanto, trata-se de um Hércules presente em todas as nações, responsável por conduzir os povos da barbárie à civilidade. O fogo é um símbolo de sacrifício e religião e vem simbolizar a conquista de Hércules.

68 *“Ove, insiememente, l'altare, portatoci in cielo, vi forma un segno celeste; e 'l fuoco, che vi è sopra, passò nella casa vicina, come tu vedi qui, del Leone (il quale, come testé si è avvisato, fu la selva nemea, a cui Ercole diede il fuoco per ridurla a coltura); e ne fu alzata, in trofeo d'Ercole, la spoglia del leone alle stelle.”*

metafísica, por meio da joia convexa, possibilita a compreensão do que é sagrado e simboliza a via para desvendar a origem do mundo humano, da vida civil. A luz, por sua vez, refletida, ao iluminar a estátua de Homero, confirma a defesa viquiana de que Homero representa o primeiro autor da gentilidade. Vico diz:

Que a cognição de Deus não termina nela [Metafísica], permitindo-lhe iluminar-se particularmente de dotes intelectuais, e, assim, regulamentar apenas seus fatos morais, como até hoje fizeram os filósofos; fato que se deveria admitir se a joia fosse plana. Mas, sendo convexa, refrange o raio e o expande, para que a metafísica conheça Deus, providente nas coisas morais públicas, ou seja, nos costumes civis, com os quais chegaram ao mundo e se conservaram as nações⁶⁹. (VICO, 2007d, p.418, § 5)

Sobre Homero, é importante destacarmos o motivo pelo qual, no frontispício, sua estátua se encontra em uma base arruinada. Isso se refere a um ponto importante na Ciência Nova, chamado por Vico, como “a descoberta do verdadeiro Homero”. No próximo capítulo discutiremos com mais vigor sobre a figura de Homero, mas convém antecipar que Homero, no entender de Vico, é como um universal fantástico. Os universais fantásticos são frutos das sensações, das características mentais da espécie e partem da multiplicidade e singularidade, para uma noção universal. Os universais fantásticos de Vico seriam, portanto, algo como uma tópica sensível. A tópica sensível é base da linguagem que, ao transcender do plano temporal da sensibilidade, formula a passagem da natureza para a cultura, consequentemente, do estado ferino para o estado civil.

A existência de um homem chamado Homero, ou seja, de uma pessoa física chamada Homero, pode ter sido discutida por muitos séculos, mas Vico, no século XVII traz alguns aspectos interessantes para essa discussão.

Vico dizia ter havido a existência de um Homero enquanto criação de um povo, contribuindo para a compreensão do contexto histórico em que a Ilíada e Odisseia surgiram. Do mesmo modo, pode-se compreender as divindades dos seres humanos mais rudes e tudo o mais que for percebido no decorrer da história das nações como criações dos povos de cada período.

Conforme Vico,

69 “Che la cognizione di Dio non termini in essa, perch’ella privatamente s’illumini dell’intellettuali, e quindi regoli le sue sole morali cose, siccome finor han fatto i filosofi; lo che si sarebbe significato com un gioiello piano. Ma convesso, ove il raggio si rifrange e risparge al di fuori, perchè la metafisica conosca Dio provvedente nelle cose morali pubbliche, o sia ne’ costumi civili, co’ quali sono provenute al mondo e si conservan le nazioni.”

[...] demonstra-se que as fábulas foram verdadeiras e próprias histórias dos costumes das antiquíssimas gentes da Grécia, assim como, primordialmente, aquelas dos deuses foram histórias dos tempos em que os homens da mais rude humanidade gentílica julgaram todas as coisas necessárias ou úteis ao gênero humano como divindades; de cuja poesia foram autores os primeiros povos, que se constatarem terem sido todos poetas teólogos, os quais narram indubitavelmente terem fundado as nações gentílicas com as fábulas dos deuses. E, assim, pois, com os princípios desta nova arte crítica, vai-se excogitando em que tempos determinados e particulares ocasiões de humanas necessidades ou utilidades, percebidos pelos primeiros homens da gentildade, estes, com assombrosas religiões, as quais eles mesmos fingiram e creram, imaginaram com a fantasia primeiro uns e depois outros deuses; cuja teogonia natural, vale dizer, geração dos deuses, constituída naturalmente nas mentes dos primeiros homens, forneça uma cronologia racional da história poética dos deuses⁷⁰. (VICO, 2007d, pp.419,420, § 7).

Seguindo na interpretação do frontispício, o jarro de água e o fogo no altar, para Vico, são símbolos da religião organizada que representam os sacrifícios e as cerimônias. Por conseguinte, podemos sustentar que “estas são as divinas coisas entre os gentios, das quais se originaram, em seguida, todas as coisas humanas”⁷¹ (VICO, 2007d, p.422).

Para Vico, a ideia da obra já enuncia, portanto, os princípios que, em breve, serão tratados com minúcia. Juntamente com os símbolos citados anteriormente, encontra-se, no altar, um archote aceso que representa a importância da família e apresenta o matrimônio como um dos princípios de tal Ciência: a primeira das coisas humanas.

A urna funerária, no chão, representa “a segunda das coisas humanas, pela qual aos latinos de “*humando*”, “sepultar”, antes e propriamente é chamada “*humanitas*”, são as sepulturas”⁷² (VICO, 2007d, p. 422, § 12). Indica que esse costume humano acompanha o ser humano antes mesmo da vida civil.

70 ‘Si dimostra le favole essere state vere e severe istorie de’ costumi delle antichissime genti di Grecia, e, primieramente che quelle degli dèi furon istore de tempi che gli uomini della più rozza umanità gentilesca credettero tutte le cose necessarie o utili al genere umano essere deitadi; della qual poesia furon autori i primi popoli, che si truovano essere stati tutti di poeti teologi, i quali, senza dubbio, ci si narrano aver fondato le nazioni gentili con le favole degli dèi. E quivi, co principi di questa nuov’arte critica, si v meditando a quali determinati tempi e particolari occasioni di umane necessità o utilità, avvertiti da’ primi uomini del gentilesimo, eglino, con ispaventose religioni, le quali essi stessi si finsero e si credettero, fantasticarono prima tali e poi tali dèi; la qual teogonia naturale, ossia generazione degli dèi, fatta naturalmente nelle menti di tali primi uomini, ne dia una cronologia ragionata della storia poetica degli dèi.’

71 “Queste sono le divine cose appresso i gentili, dalle quali provennero poscia loro tutte le cose umane”.

72 “La seconda delle cose umane, per la quale a’ latini, da <<humando>>, <<seppellire>>, prima e propriamente vien detta <<humanitas>>, sono le seppulture”.

O princípio do sepultamento vem antecipar a defesa da imortalidade da alma feita no Fédon de Platão, como se a urna expressasse a continuidade das almas dos sepultados. Outra ideia surge a partir disso, a de divisão dos grupos e o surgimento dos líderes locais.

De acordo com Vico:

[...]E na urna está inscrito "D.M", que significa "às almas boas dos sepultados"; cuja expressão divisa o comum consentimento de todo o gênero humano naquele placito, que mais tarde Platão mostrou ser verdadeiro, vale dizer, que as almas humanas não morrem com seus corpos, mas são imortais. Tal urna assinala, outrossim, a origem entre os próprios gentios da divisão dos campos, na qual se devem buscar as origens da distinção das cidades e dos povos e, finalmente, das nações⁷³. (VICO, 2007d, p.423, § 12,13)

Sendo assim, "o primeiro é o princípio da providência divina, o segundo é o dos matrimônios solenes e a universal crença da imortalidade da alma, que começou com as sepulturas, é o terceiro dos três princípios"⁷⁴ (VICO, 2007d, p.424, §13).

Sobre isso, Guido afirma que:

As religiões primitivas surgiram no momento em que as primeiras alianças foram celebradas quase que espontaneamente; somado a esses princípios surgiu, algum tempo depois, o sepultamento dos mortos, que atesta a crença inata na imortalidade da alma. Esses três princípios – o pensamento espantoso de alguma divindade superior aos homens, os matrimônios e o sepultamento dos mortos – serviram para a consolidação do estado de família, um estágio preparatório na formação da sociedade civil. (GUIDO, 2002.2, p. 08).

Seguindo, portanto, na interpretação, há agora o significado do arado que, para Vico, simboliza o instrumento utilizado pelos primeiros Hércules, ou seja, pelos fundadores das nações gentílicas. O arado simboliza a relação do ser humano com o campo, com a terra e não mais, especificamente, com as florestas.

Por esse motivo, a interpretação que Vico dá à tábua inscrita sob a ruína da coluna e próxima ao arado, diz respeito à origem das línguas e das letras, que surgiram logo depois da formação das nações (representada pela ruína da coluna coríntia) e próxima ao arado, por afirmar que cada língua teve origem em sua própria

73 "Ed è nell'urna iscritto "D.M", che vuol dire: "All'anime buone de' seppelliti"; il qual motto divisa il comun consentimento di tutto il gener umano in quel placito, dimostrato vero poi da Platone, che le anime umane non muoiano co' loro corpi, ma che sieno immortali. Tal urna accenna altresì l'origine tra'gentili medesimi della divisione de' campi, nella quale si deon andar a truovare l'origini della distinzione delle città e de'popoli e alfin delle nazioni."

74 "Il primo d'intorno alla provvidenza divina, e 'l secondo il qual è de' matrimoni solenni – l'universal credenza dell'immortalità dell' anima, che cominciò con le seppulture, egli è il terzo degli tre principi".

terra. Sobre isso, Vico diz:

Destaca-se, pouco adiante do arado, uma tábua inscrita em alfabeto latino [...] e, mais abaixo, o alfabeto último que até nós chegou. Ele denota a origem das línguas e das letras chamadas vulgares, que se verifica terem surgido muito tempo depois de fundadas as nações, sendo mais tardia a das letras que a origem das línguas [...] A tábua jaz muito próximo do arado e muito distante do timão, para significar a origem das línguas nativas, que se formaram, primeiramente, cada qual em suas próprias terras⁷⁵. (VICO, 2007d, p.430, §21,22)

Quando remete ao timão, o faz para representar a migração, o encontro entre os povos. Tendo em vista que muitos povos se entregaram aos mares, diante de opressões sofridas e em busca de salvação. Por isso

o timão está longe do arado, que diante do altar se lhe mostra nocivo e ameaçador com sua ponta, pois que os fâmulos, não tendo, como se divisou, domínio dos terrenos, pois todos estavam sob a senhoria dos nobres, fartos de servirem sempre aos senhores, desde havia muito submissos às suas exigências, e, por isso, amotinados, revoltaram-se contra os heróis em tais contendias agrárias [...]. E por isso mesmo, muitos chefes dessas catervas de fâmulos, sublevadas e vencidas pelos heróis [...] para não serem oprimidos e encontrarem saída e salvação, com aqueles de suas facções, entregaram-se à sorte do mar e saíram a procurar terras devolutas pelas praias do Mediterrâneo ocidental⁷⁶. (VICO, 2007d, 429, §20)

Finalizamos a interpretação do frontispício com o significado do feixe romano, da espada e da bolsa apoiadas no feixe, da balança e do caduceu de Mercúrio, uma vez que tais elementos são observados na figura com maior facilidade, justamente por serem elementos mais conhecidos entre as coisas humanas⁷⁷.

O feixe representa os primeiros impérios civis, a divisão em reinos, as classes sociais, as leis. A espada, apoiada no feixe, representa a justiça inicial na fase heroica que, por ser um período em que não existiam as leis judiciárias, era caracterizado pelo duelo. Já a bolsa vem simbolizar o comércio celebrado com dinheiro, que teve sua

75 *“Esce più in fuori, innanzi l’aratro, una tavola con iscrittovi un alfabeto latino antico [...] e, più sotto, l’alfabeto ultimo che ci restò. Egli dinota l’origine delle lingue e delle lettere che sono dette volgari, che si truovano essere venute lunga stagione dopo fondate le nazioni, ed assai più tardi quella delle lettere che delle lingue [...] la tavola molto dapresso all’aratro e lontana assai dal timone, per significare l’origine delle lingue natie, le quali si formarono prima ciascuna nelle proprie lor terre.*

76 *“Finalmente il timone è in lontananza dall’ aratro, ch’ in faccia dell’ altare gli si mostra infesto e minaccevole con la punta, perchè i famoli, non avendo parte, come si è divisato, nel dominio de’ terreni, che tutti eran in signoria de’ nobili, ristucchi di dover servire sempre a’ signori, dopo lunga età finalmente faccendone la pretensione e perciò ammutinati, si rivoltarono contro gli eroi in sì fatte contese agrarie [...]. E quivi molti capi d’esse caterve di famoli, sollevate e vinte da’ lor eroi [...], per non esser oppressi e trovar scampo e salvezza, con quelli delle loro fazioni, si commisero alla fortuna del mare ed andarono a trovar terre vacue per gli lidi del Mediterraneo, verso occidente”.*

77 Tais elementos são mais visíveis na figura do frontispício em virtude de se tratar de fatos recentes da história, mais próximos do conhecimento humano.

origem após o surgimento dos impérios civis e, por esse motivo, a bolsa se encontra apoiada no feixe romano.

A balança vem representar que, após o tempo heroico dos governos aristocráticos, surgiram os governos humanos que trazem, a partir do direito natural, uma enunciação de uma igualdade civil. Desse modo, o caduceu de Mercúrio traz, em sua simbologia, a necessidade de controlar, por meio do direito, a hostilidade que se encontra em todo o desenvolvimento das nações. De acordo com Vico:

Esta *Nova Ciência*, ou seja, a metafísica, à luz da divina providência meditando a comum natureza das nações, tendo sido descobertas tais origens das divinas e humanas coisas entre as nações gentílicas, estabelece um sistema do direito natural das gentes, que procede com suma igualdade e constância pelas três idades que os egípcios disseram ter caminhado por todo o tempo do mundo decorrido antes deles, ou seja, a idade dos deuses, na qual os gentios julgaram viver sob divinos governos, e cada coisa ser-lhes comandada com auspícios e oráculos, que são as coisas mais antigas da história profana; - a idade dos heróis, na qual, por toda parte, reinaram em repúblicas aristocráticas, por uma certa por eles reputada diferença de superior natureza àquela de seus plebeus; - e, finalmente, a idade dos homens, na qual todos se reconheceram como iguais em natureza humana, e, por isso mesmo, celebraram primeiramente as repúblicas populares e, finalmente, a monarquias, que são ambas formas de governos humanos ⁷⁸. (VICO, 2007d, p. 438, § 31).

Com a interpretação do frontispício, ressaltamos aqui que o objeto de estudo da ciência nova de Vico é a primeira humanidade gentílica, isto é, os gentios, aqueles que não seguiram a religião do povo hebreu. A história dos hebreus é considerada, por Vico, a história sagrada e, por isso, assim como confirma a Bíblia, é separada da história dos povos gentios. Essa última é a que Vico procura reconstruir: a história profana.

Vico estuda a história profana porque é a única que, seguindo o critério do *verum-factum*, pode ser conhecida, já a história sagrada, contém a verdade revelada por Deus. Para Vico, a história do povo hebreu é a mais antiga, e não as que chegaram

78. "Così questa Nuova Scienza, o sia la metafisica, al lume della provvidenza divina meditando la comune natura delle nazioni, avendo scoperte tali origini delle divini ed umane cose tralle nazioni gentili, che procede un sistema del diritto natural delle genti, che procede con somma egualità e costanza per le tre età che gli egizi ci lasciarono detto aver camminato per tutto il tempo del mondo corso loro dinanzi, cioè: l'età degli dèi, nella quale gli uomini gentili credettero vivere sotto divini governi, e ogni cosa essere loro comandata con gli auspici e con gli oracoli, che sono le più vecchie cose della storia profana; - l'età degli eroi, nella quale dappertutto essi regnarono in repubbliche aristocratiche, per una certa da essi riputata differenza di superior natura a quella de' lor plebei; - e finalmente l'età degli uomini, nella quale tutti si riconobbero esser uguali in natura umana, e perciò vi si celebrarono prima le repubbliche popolari e finalmente le monarchie, le quali entrambe sono forme di governi umani".

por meio da história profana, consequentemente, é também dos hebreus a religião mais antiga, pois as fantasias dos poetas gregos não foram consideradas por alguns estudiosos, impossibilitando o conhecimento da história universal profana.

Destacamos, também, o fato de Vico partir do episódio bíblico do dilúvio universal para reconstruir a história dos povos não hebreus. O mundo das nações antigas dividiu-se entre hebreus e gentes e, com isso, surgiram todas as nações gentílicas.

Afirmamos, portanto, a ideia da obra: que Vico apresenta uma nova arte crítica à medida que postula uma nova orientação, que difere da cartesiana e até mesmo, em partes, da humanista, pois difere de qualquer orientação unilateral. Ele apresenta a relevância da relação entre Filosofia e Filologia e, desse modo, discorda daqueles que, pela obscuridade da Filologia, desprezam a importância do arbítrio humano.

O arbítrio humano norteia toda esta Ciência, à medida que é com base nele que se chega ao conhecimento do *certum*. Por isso mesmo, consideramos esta Ciência como uma filosofia da autoridade, ressaltando o papel fundamental da autoridade do arbítrio humano. De acordo com Vico:

[...]acena-se que, nesta obra, com uma nova arte crítica, até agora inexistente, inicia-se a procura da verdade sobre os autores das nações (nas quais devem decorrer mais de mil anos para poderem chegar os escritores com os quais a crítica até agora se ocupou), motivo pelo qual a filosofia se opõe a examinar a filologia (ou seja, a doutrina de todas as coisas que dependem do humano arbítrio, como são todas as histórias das línguas, dos costumes e dos fatos da paz, da guerra e dos povos), a qual, por sua deplorada obscuridade de razões e quase infinita variedade de efeitos, sentiu [a filosofia] como que um horror em meditá-la; e só a reduz em forma de ciência, ao descobrir nela os delineamentos de uma história ideal eterna, na qual percorrem no tempo a história de todas as nações: de modo que, por este outro principal aspecto, vem esta Ciência a ser uma filosofia da autoridade⁷⁹. (VICO, 2007d, p. 419, §7)

3.2 DOS ELEMENTOS DA NUOVA SCIENZA: SOBRE AS DIGNIDADES

Após a ideia da obra, vamos agora à formulação dos elementos em sua

79 “[...] qui si accenna che ‘n quest’ opera, con una nuova arte critica, che finor há mancato, entrando nella ricerca del vero sopra gli autori delle nazioni medesime (nelle quali deono correre assai più di mille anni per potervi provvenir gli scrittori d’intorno ai quali la critica si è finor occupata), qui la filosofia si pone ad esaminare la filologia (o sia la dottrina di tutte le cose le quali dipendono dall’umano arbitrio, come sono tutte le storie delle lingue, de’ costumi e de’ fatti così della pace come della guerra de’ popoli), la quale, per la di lei deplorata oscurrezza delle cagioni e quase infinita varietà degli effetti, ha ella avuto quase un orrore di ragionarne; e la riduce in forma di scienza, col discovrirvi il disegno di una storia ideal eterna, sopra la quale corrono in tempo le storie di tutte le nazioni: talché, per quest’ altro principale suo aspetto, viene questa Scienza ad esser una filosofia dell’ autorità”.

Ciência Nova, onde Vico apresenta seu pensamento por meio de postulados, axiomas, aos quais ele chama de *dignidades*⁸⁰. De maneira conceitual, Vico demonstra, nessas *dignidades*, aspectos tanto filosóficos quanto filológicos, buscando definir o que está relacionado à natureza comum das nações.

Ele escreve:

Para dar, pois, forma às matérias anteriormente dispostas sobre a Tábua cronológica, propomos agora os seguintes axiomas ou dignidades, tanto, filosóficas como filológicas, algumas poucas, próprias e justas indagações, com outras esclarecedoras definições; assim como o sangue corre pelo corpo animado, deverão elas fluir e animar tudo quanto esta Ciência medita a respeito da comum natureza das nações⁸¹. (VICO, 2007d, p. 494, §119).

A problemática acerca das formas de vaidade aparece como questão logo no início dos *Elementos*. Vico apresenta a vaidade das nações quando estas contam sua própria história. Há também outro tipo de vaidade, a vaidade dos doutos, tendo em vista as interpretações equivocadas ou desatenciosas feitas pelos eruditos acerca da história.

Ambas as vaidades se confirmam como preconceitos que devem ser considerados quando a questão está em analisar os inícios do mundo civil das nações, pois, nem a vaidade das nações, nem a vaidade dos doutos, são dignas de apreço. De acordo com as Dignidades III e IV, Vico afirma:

Da vaidade das nações ouvimos aquela áurea citação de Diodoro sículo: que as nações, ou gregas ou bárbaras, tiveram a seguinte vaidade: de terem descoberto, antes das demais, as comodidades da vida humana e conservado as memórias de suas coisas desde o princípio do mundo. [...] A tal vaidade de nações, se acresce, aqui, a vaidade dos doutos, os quais, tudo o que sabem, querem que seja tão antigo quanto o mundo⁸². (VICO, 2007d, p. 495, §125).

Percebemos que há, no pensamento viquiano, uma conformidade entre conhecimento e interpretação, de tal modo que a vaidade dos doutos se dá justamente

⁸⁰ O sentido do termo dignidade provém da linhagem de Boécio e corresponde à axioma, num sentido de princípio, como os escolásticos assim houveram de traduzir. Giambattista Vico empregará a palavra dignidade com esse mesmo sentido, e com ela edificará sua *Scienza Nuova*.

⁸¹ “Per dar forma adunque alle materie qui innanzi apparecchiate sulla Tavola cronologica, proponiamo ora qui i seguenti assiomi o degnità così filosofiche come filologiche, alcune poche, ragionevoli e discrete domande, con alquante schiarite diffinitioni; le quali, come per lo corpo animato il sangue, così deono per entro accorrervi ed animarla in tutto ciò che questa Scienza ragiona della comune natura delle nazioni”.

⁸² “Della boria delle nazioni udimmo quell’ aureo detto di Diodoro sículo: che le nazioni, o greche o barbare, abbiano avuto tal boria: d’aver esse prima di tutte l’altre ritrovari i comodi della vita umana e conservar le memorie delle loro cose fin dal principio del mondo. [...] A tal boria di nazioni s’aggiugne qui la boria de’ dotti, i quali, ciò ch’essi sanno, vogliono che sai antico quanto che ‘lmondo”.

por que a mente humana não considera tal similaridade e está disposta a interpretar coisas antigas e remotas que ela ignora, com base apenas naquilo que ela conhece e que lhe é mais próximo. A *Scienza Nuova* busca, portanto, discutir tais obstáculos como o da vaidade e reconhecer a limitação da mente humana.

Sobre isso, Antonio José Pereira Filho afirma que:

Ao investigar a história a partir das suas próprias distorções internas, a “nova arte crítica” de Vico é por assim dizer um ajuste de foco em relação à tradição. É por esta via que Vico almeja superar os equívocos do racionalismo triunfante e ensimesmado que permeia a dupla vaidade que atravessa uma época que se apoia num racionalismo incapaz de reconhecer seus próprios limites (PEREIRA FILHO, 2004, p.156).

Esses problemas ocorrem, no geral, pela pretenciosa vontade do ser humano, ignorante, em explicar todas as coisas, mas que acaba por percorrer caminhos mais fáceis nessa busca, ou seja, termina reduzindo todas as coisas à sua própria natureza. Para Vico, a ignorância humana é confirmada justamente quando o ser humano faz de sua mente regra do universo. Sobre isso, ele escreve na Dignidade XXXII que:

Os homens ignorantes das naturezas razões que produzem as coisas, onde quer que não as possam explicar sequer pelas coisas semelhantes, dão às coisas sua própria natureza, assim o vulgo, por exemplo, ao afirmar que o imã está enamorado pelo ferro⁸³. (VICO, 2007d, p. 508, §180).

Tentar, pois, compreender o verdadeiro sentido da Ciência proposta por Vico, requer considerar que a vaidade dos doutos e aquela das nações apresentam equívocos para a compreensão dos primórdios da história. No entanto, alguns aspectos presentes na história da humanidade, tais como a linguagem que, para Vico, segue também o curso da história, devem ser considerados.

Para Vico, os primeiros seres humanos utilizavam uma linguagem poética, pois a linguagem racional sucede à linguagem poética e, desse modo, ele demonstrou que, por meio do estudo da Filologia e da etimologia, poderíamos chegar ao conhecimento dos povos mais antigos e, por meio da linguagem, poderíamos conhecer a origem das nações, do direito natural das gentes e dos limites da mente humana e da história.

A linguagem segue o curso da história e se encontra, de diversas maneiras,

83 “*Gli uomini ignoranti delle naturali cagioni che producon le cose, ove non le possono spiegare nemmeno per cose simili, essi dànno alle cose la loro propia natura, come il volgo, per esempio, dice la calamita esser innamorata del ferro*”.

em diferentes tempos e espaços. No entanto, para Vico, há uma linguagem mental comum a todas as nações, ou seja, assim como a questão do Direito Universal, que é compreendido na universalidade da ideia de direito natural e nas particularidades dos costumes dos povos, assim, há um caráter universal da linguagem, onde os povos, dentro das particularidades de cada língua, possuem, entre si, uma língua ideal comum. Percebemos, portanto, o caráter filológico no sentido de identificar, em meio aos diferentes costumes, algo que pertença ao senso comum das nações.

A Dignidade XXII afirma que:

É necessário que exista na natureza das coisas humanas uma língua mental comum a todas as nações, a qual uniformemente compreenda a substância das coisas possíveis na humana vida social, e a explique mediante tantas diversas modificações quantos sejam os diversos aspectos que possam ter essas coisas[...] Essa língua é própria desta Ciência, com a luz da qual se os doutos das línguas a ela se aplicar, poderão formar um vocábulo mental comum a todas as línguas⁸⁴. (VICO, 2007d, p. 503, §161,162).

Sendo a *Ciência Nova* voltada para a história das nações gentílicas, vale ressaltarmos, mais uma vez, agora como elementos desta ciência, a distinção entre história sagrada e história profana, assim como a questão da poesia primitiva, para compreendermos a problemática do direito natural, exposta nas últimas *Dignidades*. É necessário diferenciarmos, portanto, a história do povo hebreu (sagrada) e a história profana. Vico escreve na Dignidade XXIII que:

A história sagrada é mais antiga do que as mais antigas profanas histórias que chegaram até nós, pois narra tão claramente e por tão longo período, de mais de oitocentos anos, o estado das famílias, sobre os quais, como todos os políticos concordam, surgiram depois os povos e as cidades, de cujo estado a história profana ou nada ou pouco ou muito confusamente narra⁸⁵. (VICO, 2007d, pp. 504, 505, §165).

Como vimos anteriormente na discussão sobre o Direito Universal, a questão seria de como se compreender a relação entre os costumes humanos, ou seja, entre as próprias regras de cada nação e a ideia de um direito natural que pudesse servir

84. "È necessario che vi sia nella natura delle cose umane una lingua mentale comune a tutte le nazioni, la quale uniformemente intenda la sostanza delle cose agibili nell'umana vita socievole, e la spieghi con tante diverse modificazioni per quanti diversi aspetti possan aver esse cose; [...]. Questa lingua è propria di questa Scienza, col lume della quale se i dotti delle lingue v'attenderanno, potranno formar un vocabolario mentale comune a tutte le lingue".

85 "La storia sagra è più antica di tutte le più antiche profane che ci son pervenute, perché narra tanto spiegatamente e per lungo tratto di più di ottocento anni lo stato di natura sotto de' patriarchi, o sai lo stato delle famiglie, sopra le quali tutti i politici convergono che poi sursero i popoli e le città; del quale stato la storia profana ce ne ha o nulla o poco e assai confusamente narrato".

como base para o pensamento de um direito universal.

Como pensar sobre um direito natural antes das sociedades organizadas? Esta foi uma questão primordial no pensamento de Suarez, Grócio, Selden e Pufendorf⁸⁶. Sobre essa questão, Berlin afirma que:

A doutrina que ele atacou com toda a sua força era a das grandes escolas do direito natural. Sua principal acusação contra os mestres famosos do século XVII, Grotius, Selden, Pufendorf (e, no que diz respeito a este ponto, embora não abertamente, também contra os teóricos cristãos medievais), era que todos eles assumiam a existência de uma natureza humana fixa e universal, de cujas necessidades era possível deduzir um só conjunto de princípios de conduta, idênticos em toda parte, para todo o mundo e em qualquer época, que, conseqüentemente, constituíam a base permanente de todas as leis humanas fossem quais fossem as modificações e ajustamentos requeridos pela mudança dos tempos e circunstâncias. (BERLIN, 1982, p.45)

Para Vico, o estado de natureza corresponde à época dos *bestioni*, quando os homens eram "animais inconscientes". Ademais, para Vico, a natureza é caracterizada por sua mudança, por seu progresso. A lei natural não pode ser universal e imutável como pretendiam alguns filósofos, mas sim, está presente particularmente em cada sociedade, dependendo do seu estágio de cultura. Para Vico, não é, portanto, a natureza social do ser humano que o faz dar início ao processo de civilidade, mas a religião, a relação do ser humano com o divino.

Neste momento, devemos atentar para a importância da providência divina quando se fala em direito natural, pois, segundo a Dignidade CV, ela "é a ordenadora do direito natural das gentes, porque ela é a rainha das atividades dos homens"⁸⁷ (VICO, 2007d, p. 536, §312). Na mesma *Dignidade*, percebemos a diferença entre o direito natural, desde os hebreus, passando pelos gentios até o direito natural dos filósofos, correspondendo, assim, a uma análise filológica proposta pela Ciência Nova:

O direito natural das gentes saiu dos costumes das nações, entre si conformes num senso comum humano, sem nenhuma reflexão e sem seguir o exemplo uma da outra[...] Essa mesma [dignidade] estabelece a diferença do direito natural dos **hebreus**, do direito natural das **gentes** e do direito natural dos **filósofos**. Pois que as gentes tiveram apenas os auxílios habituais da providência: já os hebreus dispuseram de auxílios extraordinários do verdadeiro Deus, pelo que todo o mundo das nações era por eles dividido entre hebreus e gentios; e os filósofos julgavam-no mais perfeito do que aquele que costumam as gentes, os quais não aparecem senão dois mil anos

86 Sabe-se que Vico foi leitor de Suarez na juventude e "príncipes" do direito natural" era como Vico gostava de chamar: Grócio, Selden e Pufendorf.

87 "Essere l'ordinatrice del diritto natural delle genti, perch'ella è la regina delle faccende degli uomini".

após a fundação das cidades. Por todas essas três diferenças não observadas, devem cair os três sistemas de Grotius, Selden e Pufendorf⁸⁸. (VICO, 2007d, pp. 536, 537, §311,312,313).

Portanto, *naturale* para Vico, está muito mais próximo da ideia de nascimento e crescimento de uma sociedade, do que de uma ideia fixa e universal. De todo modo, o que há de comum entre os povos regulariza e harmoniza os diferentes costumes dos diferentes povos, à medida que o que há de comum entre eles seja interpretado.

Por isso que confirmamos ser por meio da recorrente relação entre Filologia e Filosofia que podemos pensar esta Ciência, uma vez que a mesma não se limita ao que é particular, nem mesmo ao que é universal, onde não se considera exclusivamente o *certum*, nem exclusivamente o *verum*.

Assim, percebemos uma ruptura com a crítica erudita filológica humanista à medida que se detém ao particular, como também um distanciamento com a crítica dedutiva racional cartesiana que se apresenta como algo puramente racional que, por sua vez, detém-se na universalidade. Sobre isso, Sertório comenta:

Inovando diante dos estreitos limites do racionalismo cartesiano, Vico defendeu que para o estudo da história devemos incidir nosso foco de análise sobre os casos particulares, sobre o homem real e concreto, buscando suas intenções mais profundas e uma possível conformidade entre as ideias que nelas estão envolvidas. A constatação desta uniformidade de ideias entre as várias histórias particulares projeta este estudo num patamar mais elevado: a formulação dos princípios universais que regem o curso histórico, isto é, ao estabelecimento da racionalidade imanente ao agir social e histórico do homem. (SILVA NETO, 2001, p.184).

A nova arte crítica de Vico não aceita unilateralidades, é preciso uma relação de reciprocidade entre Filologia e Filosofia, entre o particular e o universal, entre o *certum* e o *verum*. Na Dignidade X, Vico afirma que "a filosofia contempla a razão, de que precede a ciência do verdadeiro; a filologia observa a autoridade do humano arbítrio, donde se origina a consciência do certo"⁸⁹ (VICO, 2007d, p.498, § 138). Para a melhor compreensão dessa relação entre o particular e o universal, julgamos

88 "Il diritto natural delle genti è uscito coi costumi delle nazioni, tra loro conformi in un senso comune umano, senza alcuna riflessione e senza prender essempro l'una dall'altra. [...] Questa stessa stabilisce la differenza del diritto natural degli ebrei, del diritto natural delle genti e diritto natural de' filosofi. Perchè le genti n'ebbero i soli ordinari aiuti dalla provvidenza; gli ebrei n'ebbero anco aiuti straordinari dal vero Dio, per lo che tutto il mondo delle nazioni era da essi diviso tra ebrei e genti; e i filosofi il ragionano più perfetto di quello che l'cosstuman le genti, i quali non vennero che da un duemila anni dopo esserci fondate le genti. Per tutte le quali tre differenze non osservate, debbon cadere gli tre sistemi di Grozio, di Selden, di Pufendorfio".

89 "La filosofia contempla la ragione, onde viene la scienza del vero; la filologia osserva l'autorità dell' umano arbitrio, onde viene la coscienza dal certo".

importante, nesse momento, a discussão sobre os princípios e método dessa ciência.

3.3 DOS PRINCÍPIOS E DO MÉTODO DA *NUOVA SCIENZA*: SOBRE AS *MODIFICAZIONI*

Após apresentarmos os elementos desta Ciência, neste momento, seguindo a ordem da obra aqui pesquisada, é preciso examinarmos os princípios desta ciência e, posteriormente, o método utilizado para fundamentá-la, tendo em vista que toda ciência necessita de método. Como nos *Elementos*, quando Vico apresenta os *Princípios*, o faz por meio do *more geométrico*, de tal modo a representar uma harmonização entre os elementos, princípios e método. De início, devemos elucidar de que maneira Vico apresenta tais princípios.

De fato, obedece ao princípio do *verum-factum*, segue a noção do verdadeiro como o feito, quando afirma que "este mundo civil foi certamente feito pelos homens, cujos princípios podem, porque devem, ser descobertos dentro das modificações de nossa própria mente humana"⁹⁰. (VICO, 2007d, pp. 541,542, §331).

Com isso, Vico reforça a sua crítica ao descaso dos filósofos com as ciências morais e a inclinação de tais filósofos a refletirem tão somente sobre o mundo natural. Para Vico, isso fortalece a ideia da debilidade da mente humana, uma vez que esta despreza aquilo que realmente pode ter ciência e se debruça, muitas vezes, sobre o que lhe fornece uma conjectura. Vico diz:

A bem refletir sobre tal fato, causa estranheza [verificar] como todos os filósofos seriamente estudaram o modo de obter a ciência deste mundo natural, do qual, pois que Deus o fez, somente ele tem ciência; e deixaram de meditar este mundo das nações, ou seja, o mundo civil, do qual, pois que o fizeram os homens, podiam obter sua ciência os homens⁹¹. (VICO, 2007d, p. 542, §331).

Vico propõe, portanto, examinar aquilo que há de comum entre as várias nações e que podem ser chamados de princípios e, assim, fazer desta investigação uma ciência. Deve haver, conforme Vico, aspectos presentes tanto nas nações primitivas e bárbaras, quanto nas nações humanas e civilizadas, por isso ele propõe que esta seja de fato uma ciência, tendo em vista a possibilidade de se extrair alguns

⁹⁰ "Questo mondo civile egli certamente è stato fatto dagli uomini, onde se ne possono, perché se ne debbono, ritrovare i principi dentro le modificazioni della nostra medesima mente umana".

⁹¹ "Lo che, a chiunque vi rifletta, dee recar maraviglia come tutti i filosofi seriamente si studiarono di conseguire la scienza di questo mondo naturale, del quale, perchè Iddio egli il fece, esso solo ne ha la scienza; e trascurarono di meditare su questo mondo delle nazioni, ossia mondo civile, del quale, perchè l'avevano fatto gli uomini, ne potevano conseguire la scienza gli uomini".

princípios universais e eternos⁹². Vico sustenta:

Ora, visto que este mundo de nações foi feito pelos homens, vejamos quais são as coisas que com perpetuidade concordaram e ainda concordam todos os homens, pois tais coisas poderão dar os princípios universais e eternos, como se requer de toda a ciência, nas quais surgiram e se conservaram todas as nações⁹³. (VICO, 2007d, p. 542, §332).

Vico apresenta, com efeito, três princípios que, pela investigação do mundo das nações, encontram-se presentes mesmo com o passar do tempo e com o curso da história: 1) religião, 2) matrimônio e 3) sepultamento. Na *Scienza Nuova*, Vico afirma que, no que concerne às nações:

[...] todas possuem alguma religião, todas contraem matrimônio solenes, todas sepultam seus mortos; mesmo dentre as nações mais rudes e selvagens, as mais requintadas cerimônias e mais consagradas solenidades residem nas religiões, matrimônios e sepulturas⁹⁴. (VICO, 2007d, p. 542, §333).

Esses três princípios que Vico formula, encontraram-se enunciados na XIII *Dignidade*, pois, quando ele trata da importância do senso comum, o faz de maneira a explicar que, mesmo que os povos sejam desconhecidos entre si, existem ideias comuns entre eles. Com essas *modificazioni*, Vico já sinaliza o alerta do risco de um retorno à ferinidade. Daí Vico sustentar:

Pois, pela dignidade de que “ideias uniformes originadas junto à totalidade dos povos, não conhecidos entre si, devem ter um motivo comum de verdade”, deve ter sido ditada a todas dessas três coisas começou toda a humanidade, e por isso devem ser preservadas de modo sacrossanto, a fim de que o mundo não se volte à ferinidade e não mergulhe na selva⁹⁵. (VICO, 2007d, p.542, §333).

Nos princípios (*principi*), a questão da divina providência também está presente, de modo que Vico duvida da existência de uma sociedade sem qualquer tipo

92 Vico na busca de uma história ideal eterna, busca apresentar alguns princípios comuns às nações. Tais princípios confirmam que em meio à obscuridade do estudo filológico, podem-se considerar, por meio da faculdade do engenho, algo que pertença ao senso comum.

93 “Or, poichè questo mondo di nazioni egli è stato fatto dagli uomini, vediamo in quali cose hanno com perpetuità convenuto e tuttavia vi convengono tutti gli uomini, perchè tali cose ne potranno dare i principi universale ed eterni, quali devon essere d’ogni scienza, sopra i quali tutte sursero e tutte vi si conservano in nazioni”.

94 “Tutte hanno qualche religione, tutte contraggono matrimoni solenni, tutte seppelliscono i loro morti; né tra nazioni, quantunque selvagge e crude, si celebrano azioni umane con più ricercate cerimonie e più consagrate solennità che religioni, matrimoni e seppulture”.

95 “Che, per la Dignità che “idee uniformi, nate tra popoli sconosciuti tra loro, debbon aver un principio comune di vero”, dee essere stato dettato a tutte: che da queste tre cose incominciò appo tutte l’umanità, e per ciò si debbano santissimamente custodire da tutte perchè ‘l mondo non s’inferisca e si rinselvi di nuovo”.

de conhecimento a respeito de Deus. Por isso, o que hoje conhecemos por secularização, ou seja, o processo através do qual a religião perde a sua influência sobre as variadas esferas da vida social, no entender de Vico, não se valida, uma vez que a religião é um dos princípios da humanidade e, sendo assim, é uma constante no processo de civilização.

Ademais, podemos ressaltar que o papel da providência divina se encontra, de algum modo, em todas as nações, de modo a unificar algumas ideias e a definir o senso comum do gênero humano. Sobre esse aspecto, Vico cita, na própria *Scienza Nuova*, alguns autores que equivocadamente acreditaram nesta possibilidade de alguns povos viverem e sobreviverem sem a cognição de Deus. Vico diz:

Não nos acuse de falsidade os modernos viajantes, que narram que os povos do Brasil, de Caíra e de outras nações do mundo novo [...] vivem em sociedade sem nenhuma cognição de Deus; dentre os quais, talvez disso convencido, Bayle afirma no *Tratado dos cometas* que podem os povos sem lume de Deus viver com justiça; tanto não ousou afirmar Políbio, cujo ditado muitos aclamam: que, se existissem no mundo filósofos, que em virtude da razão, e não das leis, vivessem com justiça; não seriam necessárias as religiões. Não passam de histórias de viajantes, que procuravam povoar seus livros com monstruosas notícias⁹⁶. (VICO, 2007d, p.543, §334).

Tal passagem da *Scienza Nuova* possibilita destacar o distanciamento de Vico em relação à teologia aristotélica, tendo em vista que, para Aristóteles, Deus é pura atividade teórica, não é criador nem providência do mundo, atrai as coisas do mundo à sua perfeição, mas não atua sobre o mundo, volta-se para si, é pensamento do pensamento, ou seja, Deus exerce uma atividade de autocontemplação, por isso mesmo, chamado de primeiro motor imóvel. A metafísica de Aristóteles, portanto, não serve de bom exemplo para Vico.

Ora, antes mesmo, em sua *Autobiografia*, Vico já deixa claro que não a tem como modelo, considerando que, na sua opinião, trata-se mais da *physis* do que de problemas metafísicos.

Do mesmo modo, a escolástica enquanto representa uma visão aristotélica na figura de Santo Tomás de Aquino, também não pode ser considerada uma influência

96 "Né ci accusino di falso il primo i moderni viaggiatori, i quali narrano che popoli del Brasile, di Caíra ed altre nazioni del mondo nuovo (e Antonio Arnaldo crede lo stesso degli abitatori dell'isole chiamate Antille) vivano in società senza alcuna cognizione di Dio; da' quali forse persuaso, Bayle affermare nel Trattato delle comete che possano i popoli senza lume di Dio vivere con giustizia; che tanto non osò affermare Polibio, al cui detto da taluni s' acclama: che, se fussero al mondo filosofi, che 'n forza della ragione non delle leggi vivessero con giustizia, al mondo non farebbero uopo religioni. Queste sono novelle di viaggiatori, che procurano smaltimento a'lor libri con mostruosi ragguagli".

para o pensamento de Vico no que concerne à unilateralidade da lógica escolástica, em servir à verdade por si mesma, em utilizar-se das palavras como mero *disputatio*⁹⁷. Desta maneira, observa-se que Vico segue a discordância de alguns humanistas com relação à filosofia escolástica e demonstra a influência ciceroniana de conciliar *sapientia* e *eloquentia*.

Ocorre que, nos *Princípios* de sua *Scienza Nuova*, Vico retoma a Cícero ao considerar a importância da providência divina na vida civil, o que, de fato, alguns autores não consideraram, ou, na concepção de Vico, consideraram de forma errônea. Daí Vico escrever:

[...]nem os epicuristas, que não afirmam mais do que o corpo, e com o corpo o acaso, nem os estoicos que afirmam Deus num infinito corpo, infinita mente sujeita ao fado (que seriam por tal parte spinozistas), puderam raciocinar da república ou tampouco das leis, e Benedictus Spinoza fala de uma república como a sociedade de mercadores⁹⁸. (VICO, 2007d, p. 543,544, §335).

Vico constantemente critica os autores que, a seu ver, não consideraram a vida civil em seu verdadeiro sentido, que em seus sistemas não consideraram o arbítrio humano, não destacaram a importância do senso comum e da providência divina, e terminaram por formar alguns tratados voltados para a política, sem que esses aspectos fossem considerados.

O que de fato Vico apresenta na exposição dos princípios da *Scienza Nuova* é muito mais do que enumerar alguns aspectos comuns e universais das nações, pois demonstra que tais aspectos, por muitas vezes na História da Filosofia, não foram considerados da devida forma.

Quando Vico enumera como princípios: o matrimônio, a religião e o sepultamento, o faz de maneira a ressaltar a relevância desses princípios quando se propõe um estudo filológico (hoje diríamos antropológico ou etnográfico) a respeito dos primórdios da humanidade.

Nesse contexto, quando falamos em uma *Scienza Nuova*, em seus *Elementos* e seus *Princípios*, consideramos, imediatamente, a necessidade de um *Método*.

97 A *disputatio* era uma livre discussão entre o mestre e o discípulo, na qual se aduziam e discutiam argumentos favoráveis e contrários a uma tese.

98 “Né gli epicurei, che non dànno altro che corpo e, col corpo, il caso, né gli stoici, che dànno Dio in infinito corpo infinita mente soggetta al fato (che sarebbero per tal parte gli spinosisti), poterono ragionare di repubblica né di leggi, e Benedetto Spinoza parla di repubblica come d’una società che fusse di mercadanti”.

Desse modo, Vico expõe o método para a compreensão de seu projeto, ou seja, "pelo completo estabelecimento dos princípios, tomados desta Ciência, resta-nos, neste livro, raciocinar sobre o método que esta deve utilizar"⁹⁹ (VICO, 2007d, p. 546, §338).

Com isso, todas as reflexões feitas anteriormente acerca de Deus, da natureza humana, da vontade humana, sobre a vida civil em geral, são consideradas na apresentação do método desta Ciência.

Assim, sobre a relação da religião como um dos princípios citados e a humanidade, destaca-se a seção *Do Método*, que se reporta a XXXI *Dignidade*, onde a religião ou o temor por algum Deus aparece como meio para controlar a humanidade em tempos de fúria, nos tempos em que as leis humanas não mais vigoram e que a liberdade do ser humano se mostra desenfreada.

E devendo nós meditar, quando aqueles começaram humanamente a pensar; — e em sua infame crueldade e desenfreada liberdade bestial, não havendo outro meio para domesticar aquela e refrear esta senão um horrível pensamento de uma certa divindade, cujo temor, como se disse na Dignidades, é o único poderoso meio de reduzir uma ferina liberdade¹⁰⁰. (VICO, 2007d, p. 546, §338).

Desse modo, a reflexão sobre os primeiros humanos se encontra em torno de pensá-los necessitando de alguma força superior a eles, capaz de ordenar o caos que o mundo representava. A providência divina está, portanto, na raiz de toda civilidade. Para Vico:

[...] devemos começar por uma certa cognição de Deus, da qual não estejam privados os homens, conquanto selvagens, ferozes e imanes. Tal cognição demonstramos ser esta: que o homem, decaído na desesperação de todos os socorros da natureza, desejava uma coisa superior que o salvasse. Mas coisa superior à natureza é Deus, e este é o lume que Deus espalhou sobre todos os homens¹⁰¹. (VICO, 2007d, p. 547, §339).

Mais adiante, Vico ainda confirma tal formulação dando exemplos das

99 "Per lo intiero stabilimento de' principi, i quali si sono presi di questa Scienza, ci rimane in questo primo libro di ragionare del metodo che debbe ella usare".

100 "Dovendo noi incominciare a ragionarne da he quelli incominciaron a umanamente pensare; - e, nella loro immane fierezza e sfrenata libertà bestiale, non essendovi altro mezzo, per addimesticar quella ed infrenar questa, ch'uno spaventoso pensiero d'una qualche divinità, il cui timore, come si è detto nelle Dignità, è 'l solo potente mezzo di ridurre in ufizio una libertà inferocita".

101 "Dobbiamo cominciare da una qualche cognizione di Dio, della quale non sieno privi gli uomini, quantunque selvaggi, fieri ed immani. Tal cognizione dimostriamo esser questa: che l'uomo, caduto nella disperazione di tutti i soccorsi della natura, desidera una cosa superiore che lo salvasse. Ma cosa superiore alla natura è Iddio, e questo è il lume ch'Iddio ha sparso sopra tutti gli uomini".

peessoas mais velhas que, por não possuírem mais forças naturais, inclinam-se a se tornarem religiosas. Vale ressaltar que no tempo de sabedoria poética, o ser humano é caracterizado pelo orgulho e liberdade desenfreada. Ana Cláudia Ramalho dos Santos diz:

Por exemplo, estabelecendo uma identidade entre os trovões e Júpiter, o fenômeno natural é explicado e o seu significado é fixado. A partir do momento em que é gerado na mente dos primeiros homens, o signo de Júpiter sobrevive à sensação imediata do corpo (o medo dos trovões) [...] A criação de deuses pela atribuição de sentido a corpos inanimados pode ser vista como uma forma de conferir inteligibilidade à natureza e, simultaneamente, de ordená-la simbólica e linguisticamente (SANTOS, 2008, p.38).

Considera-se, portanto, que os primeiros humanos agiam por impulsos e eram guiados por paixões bestiais, mas com a ação de uma divindade estas paixões foram transformadas em paixões humanas e aqueles humanos ferinos puderam, com a ajuda do *conatus*, passar ao estágio de sábios, tendo em vista que a ação do *conatus* refreia as paixões e tranquiliza a mente em relação às inquietudes do corpo. Sobre isso, Vico diz:

Mas esses primeiros homens, que foram mais tarde os príncipes das nações gentílicas, deviam pensar por fortes impulsos de violentíssimas paixões, que é o pensamento dos animais. Assim, devemos proceder de uma vulgar metafísica [...] e daquela repetir o pensamento assustador de uma certa divindade, que às paixões bestiais destes homens perdidos deu forma e medida e as transformou em paixões humanas. Desse pensamento teve de nascer o conato, que é próprio da humana vontade, de refrear os movimentos impressos à mente pelo corpo, para ou com efeito aquietá-los, que é próprio do homem sábio, ou dar-lhes, ao menos, outra direção para melhores usos, que é próprio do homem civil¹⁰². (VICO, 2007d, p. 547, §340).

Vico apresenta assim, o método desta Ciência, que se refere a considerar as mudanças (*modificazioni*) da mente humana, a retroceder às origens da humanidade por meio da proximidade com a capacidade imaginativa dos primeiros humanos, realizando isto juntamente com uma reflexão acerca destas questões.

Percebe-se tal intenção de Vico quando ele propõe "descer destas nossas

102 "Ma tali primi uomini, che furono poi i principi delle nazioni gentili, dovevano pensare a forti spinte di violentissime passioni, ch'è il pensare da bestie. Quindi dobbiamo andare da una vulgar metafisica (la quale si è avvisata nelle Degnità, e troveremo che fu la teologia de' poeti), e da quelle ripetere il pensiero spaventoso d'una qualche divinità, ch' alle passioni bestiali di tal' uomini perduti pose modo e misura e le rendé passioni umane. Da cotal pensiero dovette nascere il conato, il qual è próprio dell'umana volontà, di tener in freno i moti impressi alla mente dal corpo, per o affatto acquetargli, ch'è dell'uomo sappingente, o almeno dar loro altra direzione ad usi migliori, ch'è dell'uomo civile".

humanas civilizadas naturezas àquelas realmente selvagens e imanes"¹⁰³ (VICO, 2007d, p.546,547, §338).

Desse modo, compreendemos a importância do mito no pensamento viquiano, pois, ao propor uma metafísica do gênero humano, considera o estudo da religiosidade mitológica como fontes históricas dos primeiros povos, que, de um modo ou de outro, refletem a realidade daquele tempo e, por isso, mesmo que fantasiosas (ou por esse motivo), são dotadas de uma verdade histórica.

Uma grande contribuição de Vico dentro de seu estudo da religiosidade mitológica foi sua teoria de que as antigas lendas são portadoras de uma verdade política, sendo assim fontes históricas da vida dos primeiros povos. Dessa forma, as concepções mitológicas não seriam meras criações livres do espírito, mas refletiriam a realidade social, mesmo que de maneira alterada. (SILVEIRA, 2009, p.116).

Devemos, portanto, considerar que os princípios citados anteriormente são tratados como universais por se encontrarem presentes na história da humanidade. Por isso, não podemos menosprezar, como, no entender de Vico, Descartes o fez, as fantasias e os mitos dos humanos primitivos. Berlin afirma sobre essa questão que:

As criações humanas- leis, instituições, religiões, rituais, obras de arte, linguagem, canções, normas de conduta, etc.- não são produtos artificiais criados para agradar, exaltar ou transmitir sabedoria, nem são armas propositadamente inventadas para dominar ou manipular os demais, ou para promover segurança ou estabilidade social, e sim formas naturais de autoexpressão, isto é, de comunicação com outros seres humanos ou com Deus. As fábulas e mitos, as cerimônias e monumentos do homem primitivo, de acordo com o ponto de vista prevalecente na época de Vico, eram fantasias absurdas de homens desamparados ou invenções deliberadas para iludir as massas e assegurar sua obediência às ordens de chefes astutos e inescrupulosos. (BERLIN, 1982, p.09)

Para Vico, não se deve pensar a poesia como algo intencional, mas sim algo da ordem natural, justificando a existência da providência, pois, para os povos primitivos, a poesia tinha caráter divino, uma vez que os sábios não eram filósofos, mas sim poetas que compreendiam as mensagens dos deuses.

O método da *Scienza Nuova* consiste, portanto, em penetrar nestes e nos outros períodos da história de modo a compreender os aspectos individuais de cada ciclo e os aspectos universais que podem ser comparativos, por meio dos rituais, linguagem, artes etc. Berlin afirma que:

103 *"Discendere da queste nostre umane ingentilite nature a quelle affatto fiere ed immani".*

Da mesma maneira que as metáforas antropomorfas da linguagem primigênia, os mitos, fábulas e rituais são, para Vico, outras tantas formas naturais de transmitir uma visão coerente do mundo como era visto e interpretado pelo homem primitivo; do qual se deduz que a maneira de compreender aqueles homens e seus mundos é procurar penetrar nas suas mentes, averiguar o que faziam, estudar as regras e significado de seus métodos de expressão - seus mitos, seus cantos, suas danças, as formas e modismos de suas linguagens, seus casamentos e seus ritos funerários. Para compreender sua história, é necessário compreender aquilo para o qual viviam, e isso somente pode ser descoberto por aqueles que possuem a chave do significado da sua linguagem, artes e rituais. Essa chave é o que a *New Science* de Vico procurou proporcionar. (BERLIN, 1982, p.09)

A importância da fantasia no pensamento viquiano se encontra em conseguir compreender a mudança contínua da história, de modo que o método de conhecer tais *modificazioni*, está articulado ao método do conhecimento. Isso ocorre de tal modo, que se apresenta como um conhecimento que se utiliza da fantasia e da imaginação para reconstituir a história da humanidade e compreender os períodos pelos quais o gênero humano se submeteu, afirmando se tratar de uma metafísica civil e histórica. No entender de Berlin:

Por esses motivos, além das categorias tradicionais do conhecimento-dedutivo a priori e empírico a posteriori, que nos dota de percepção pelo sentido e nos ensina pela revelação- deve agora ser considerada uma nova variedade, a da imaginação reconstrutiva. Esse tipo de conhecimento é adquirido "entrando" na vida mental de outras culturas, e em uma variedade de perspectivas que somente a atividade da "fantasia", ou imaginação, torna possível. A "fantasia" é, para Vico, uma forma de conceber o processo da mudança e desenvolvimento social, correlatando-o com, ou vendo-o de fato transmitido pela mudança paralela ou desenvolvimento do simbolismo através do qual os homens procuram expressá-lo, já que as estruturas simbólicas formam parte e são parcela da realidade que simbolizam e com a qual se alteram. (BERLIN, 1982, p.10)

Portanto, o método apresentado pela *Scienza Nuova* para se compreender os ciclos da história, é o de penetrar em cada período, buscando compreender as verdades históricas que cada um possui e considerando o que permanece comum em todos eles, de tal modo que "tal Ciência deve ser uma demonstração, por assim dizer, de fato histórico da providência"¹⁰⁴ (VICO, 2007d, p. 549), pois, para Vico:

Também sobre a economia das coisas civis, deviam estes raciocinar com toda a propriedade da expressão, com a qual a providência foi chamada "divindade" de "divinare", "adivinhar", ou seja, entender o que está oculto aos homens, que é o futuro, ou o que é oculto dos

¹⁰⁴ "Cotale Scienza dee essere una dimostrazione, per così dire, di fatto storico della provvidenza".

homens, que é a consciência; e é a que propriamente ocupa a primeira e principal parte da matéria da jurisprudência, que são as coisas divinas, de que depende a outra que o cumpre, que são as coisas humanas¹⁰⁵. (VICO, 2007d, p. 549, §).

Assim, a reflexão sobre o direito natural, tantas vezes exposta por Vico em suas obras, está presente na *Scienza Nuova* à medida que a sua metafísica civil busca compreender a natureza das coisas humanas, corresponde a “uma severa análise de pensamentos humanos sobre as humanas necessidades ou utilidades da vida sociável, que são as duas fontes perenes do direito natural das gentes”¹⁰⁶ (VICO, 2007d, p. 551).

Desse modo, vale ressaltar que, para Vico, a ciência não se inicia com o pensamento dos primeiros filósofos sobre as ideias humanas, mas sim, desde que as humanas ideias começaram a existir. Vico diz que:

[...] esta Ciência é uma história das humanas idéias, na qual parece que deva proceder a metafísica da mente humana; a mesma, rainha das ciências, pela dignidade de que “as ciências devem começar quando começam as matérias”, começou desde que os primeiros homens começaram a humanamente pensar, não quando os filósofos começaram a refletir sobre as humanas idéias¹⁰⁷. (VICO, 2007d, p. 551, §347).

Faz-se necessário, portanto, a utilização de uma atividade crítica e metafísica a respeito das *modificazioni* do gênero humano, de modo a considerarmos as expressões humanas, os escritos filológicos sobre as nações e considerarmos a época, os lugares e tudo o mais que interferir na compreensão da história da humanidade, dando a devida importância ao senso comum e à providência divina na realização desta nova ciência. Vico afirma:

E, para determinar os tempos e os lugares de tal história, ou seja, quando e onde esses humanos pensamentos nasceram, e verificá-la com suas próprias cronologia e geografia, por assim dizer, metafísicas, esta Ciência usa uma arte crítica, igualmente metafísica, sobre os autores dessas mesmas nações, dentre os quais devem corre mais de mil anos para poderem chegar os escritores, com os quais a crítica

¹⁰⁵ “E pure sull’economia delle cose civili essi ne dovevano ragionare con tutta la proprietà della voce, con la quale la provvidenza fu appellata <<divinità>> da <<divinari>>, <<indovinare>>, ovvero intendere o ‘l nascosto agli uomini, ch’è l’avvenire, o ‘l nascosto degli uomini, ch’è la coscienza; ed è quella che propriamente occupa la prima e principal parte del subbietto della giurisprudenza, che son le cose divine, dalle quali dipende l’altra che ‘l compie, che sono le cose umane”.

¹⁰⁶ “Severa analisi de’ pensieri umani d’intorno all’umane necessità o utilità della vita socievole, che sono i due fonti perenni del diritto natural delle genti”.

¹⁰⁷ “Questa Scienza è una storia dell’umane idee, sulla quale sembra dover procedere la metafisica della mente umana; la qual regina delle scienze, per la Dignità che <<le scienze debbono incominciare da che n’incominciò la materia>>, cominciò d’allora ch’i primi uomini cominciarono a umanamente pensare, non già da quando i filosofi cominciarono a riflettere sopra l’umane idee”.

filológica até agora se ocupou. E o critério de que serve [...] é aquele, ensinado pela providência divina, comum a todas as nações; que é o sentido comum desse gênero humano, determinado pela necessária conveniência das mesmas humanas coisas, que faz toda a beleza desse mundo civil¹⁰⁸. (VICO, 2007d, pp. 551,552, §348).

Desse modo, nesse momento da exposição, cabe a nós a apresentação sobre a sabedoria poética na ciência nova e o modo como essa questão nos fornece os aspectos principais do projeto viquiano. Esses aspectos são importantes para entendermos em quais características a Ciência Nova se sustenta e como a sabedoria poética é toda como pano de fundo nessa compreensão sobre os princípios dos costumes humanos.

3.4 DA SABEDORIA POÉTICA DA NUOVA SCIENZA: SOBRE OS ASPECTOS PRINCIPAIS DESTA CIÊNCIA

Com base no que vimos até aqui, podemos afirmar algumas características sobre essa Ciência Nova, que é o que Vico faz no Livro II da referida obra, intitulado *Da Sabedoria Poética*, quando apresenta corolários acerca dos aspectos principais desta ciência.

Primeiramente, é importante destacarmos o que seria a Sabedoria Poética, muito embora, anteriormente, tenhamos esboçado algumas questões sobre isso, quando ressaltamos a importância da poesia, da memória, da fantasia e de questões eminentes do gênero humano e da história das nações.

Todavia, nesse momento, vamos nos atentar ao capítulo da Ciência Nova em que Vico dedica um espaço exclusivo a esta temática. De início, Vico já afirma que “os primeiros sábios foram os poetas teólogos”¹⁰⁹ (VICO, 2007d, p. 559, §361) e que por serem estas origens rudes em sua natureza, assim também todas as coisas que nasceram são originadas de uma sabedoria poética.

O que Vico logo afirma, diz respeito a tradicional relação entre os sentidos e o intelecto, quando diz que “quanto mais cedo os poetas perceberam a sabedoria

¹⁰⁸ “E per determinar o tempi e i luoghi a sì fatta istoria, cioè quando e dove essi umani pensieri nacquero, e sì accertala con due sue proprie cronologica e geografica, per dir così, metafisiche, questa Scienza usa un’arte critica, pur metafisica, sopra gli autori d’esse medesime nazioni, tralle quali debbono correre assai più di mille anni per potervi provenir gli scrittori, sopra i quali la critica filologica si è finor occupata. E l’criterio di che si serve, per una Dignità sovrapposta, è quello, insegnato dalla provvidenza divina, comune a tutte le nazioni, ch’è il senso comune d’esso gener umano, determinato dalla necessaria convenevolezza delle medesime umane cose, che fa tutta la bellezza di questo mondo civile”.

¹⁰⁹ “I primi sapienti furon i poeti teologi”.

vulgar, tanto melhor os filósofos compreenderam a sabedoria oculta”¹¹⁰ (VICO, 2007d, p. 560, §363), ou seja, aos poetas cabe os sentidos, aos filósofos cabe o intelecto do gênero humano, ao que afirma, reverenciando Aristóteles e fazendo alusão ao ocasionalismo de Malebranche, que a mente humana não compreende nada que não tenha sido ocasionado pelos sentidos, uma vez que *intelligere* seria o mesmo que dizer sobre o momento em que a razão usa do intelecto para, de alguma coisa sensível, retirar o que não cai sob os sentidos.

Adiante, Vico diz no que consiste essa sabedoria, afirma que “sabedoria é a faculdade que comanda todas as disciplinas, com que se aprendem todas as ciências e as artes que compõem a humanidade”¹¹¹ (VICO, 2007d, pp. 560,561, §364). Lembrando Platão, Vico ainda diz que a sabedoria deve compreender do ser humano, a junção entre o intelecto e a vontade, mas antes o intelecto, depois a vontade, para que, com a mente iluminada ele possa ter conhecimento das coisas que se discutem sobre Deus, as chamadas “divinas” e que, assim, seja conduzido a eleger as coisas ótimas, as que se referem ao “bem do gênero humano”.

Assim, a verdadeira sabedoria diz respeito ao conhecimento das coisas humanas e divinas, para que, com a cognição das divinas coisas, haja a condução ao sumo bem das coisas humanas.

Ora, sendo os primeiros sábios os poetas teólogos e, por isso mesmo, tendo toda a sua origem numa natureza poética e tendo em vista ser a metafísica a ciência sublime, anterior e primeira, a qual distribui suas disciplinas com as demais ciências, Vico afirma que o início da sabedoria poética se dá a partir de uma metafísica também poética, rude, da qual se espalham outros ramos, como: a lógica, a moral, a economia (educação familiar) e a política, segundo Vico, todas poéticas.

Ao longo de outro ramo, igualmente poético, estão a física e as suas subsequentes ramificações: a cosmografia e a astronomia, bem como, a partir dessas, a cronologia e a geografia. Com base nisso, Vico afirma que

esta Ciência vem a ser, ao mesmo tempo, uma história das ideias, costumes e feitos do gênero humano. E de todos os três ver-se-ão sair

¹¹⁰ “Quanto prima avevano sentito d’intorno alla sapienza volgare, tanto intesero poi d’intorno alla sapienza riposta”.

¹¹¹ “È sapienza la facoltà che comanda a tutte le discipline, dalle quali s’apprendono tutte le scienze e l’arti che compiono l’umanità”.

os princípios da história da natureza humana, e esses serem os princípios da história universal¹¹². (VICO, 2007d, pp.564, §368).

Nesse contexto, Vico se reporta aos primeiros humanos das nações gentílicas como poetas, como crianças do gênero humano e, por serem crianças, estão envoltos pela fantasia, daí haver uma diferença entre a criação de Deus e a criação dos primeiros poetas, uma vez que Deus, em sua infinita sabedoria e entendimento das coisas, conhece e conhecendo cria as coisas, já os primeiros poetas, os quais em grego soa como “criadores”, criam as coisas por meio de uma robusta ignorância e sublime fantasia.

Sobre isso, Vico se reporta à Dignidade XXXVII, que dizia:

O mais sublime ofício da poesia é de às coisas inanimadas dar sentido e paixão, sendo propriedade das crianças o tomar coisas inanimadas entre as mãos e, deleitando-se, falar-lhes como se fossem pessoas vivas. Essa dignidade filológico-filosófica confirma que os homens do mundo infantil foram, por natureza, sublimes poetas¹¹³. (VICO, 2007d, p 509, §186).

No entanto, para Vico, é negado a nós, podermos entrar na imaginação tão vasta daqueles primeiros humanos, o que retoma a crítica viquiana ao pensamento puramente racional representado na figura de Descartes.

Aqueles primeiros humanos estavam envoltos por fantasia, imaginação e totalmente submersos nos sentidos, por isso mesmo, Vico afirma que as fábulas divinas dos primeiros poetas teólogos foram fruto disso. Sendo assim, tudo aquilo que viam, imaginavam e faziam era, para eles, Júpiter. Júpiter, portanto, nasceu da poesia, como caráter divino, ou seja, um universal fantástico, porque se reporta à origem do mundo das nações gentílicas considerando sua sabedoria poética e, por isso, todas as nações gentílicas, tiveram de ser, naturalmente, poéticas.

Nesse âmbito, é relevante uma discussão sobre a poesia como fazer [*facere*] humano, à medida que essa se identifica não só com a história, mas na própria história se revela. A poesia, no entanto, não é vista aqui como uma faculdade ou uma mera arte ou gênero artístico, mas como a própria natureza humana mediante seus feitos.

¹¹² “Questa Scienza vien ad essere ad un fiato una storia dell’ idee, costumi e fatti del gener umano. E da tutti e ter si vedranno uscir i principi della storia della natura umana, e questi esser i principi della storia universale”.

¹¹³ “Il più sublime lavoro della poesia è alle cose insensate dare senso e passione, ed è proprietà de’ fanciulli di prender cose inanimate tra mani e, trastullandosi, favellarvi come se fussero, quelle, persone vive. Questa Degrnità filologico-filosofica ne approva che gli uomini del mondo fanciullo, per natura, furono sublimi poeti”

Quando falamos em saber poético na obra viquiana, tratamos, consequentemente, dos princípios das comunidades, dos primeiros homens ou primeiros poetas, da validade das fábulas e dos mitos, de uma história que se apresenta como história ideal eterna, por ser capaz de se mostrar coerente sem que se despreze o verossímil e as incertezas que participam do arbítrio humano, mas valorizando uma filosofia do senso comum e o engenho como uma faculdade importante nessa investigação, quer filosófica quer filológica.

Segundo Badaloni:

É impossível, diz Vico, falar de uma religião ou de um direito, por exemplo, das gentes menores, até aqui esses objetos não se constituíram como tais e não se oferecem, por isso, com a nossa pesquisa. Certamente, Vico aqui se refere aos objetos possíveis das ciências humanas em relação ao *facere* histórico e às transformações que as instituições, as línguas, os direitos sofrem¹¹⁴. (BADALONI, 1984, p.42)

Considerando esse fazer histórico, para Vico, é a partir do temor aos deuses que surgem o princípio da idolatria e o princípio da divinação, bem como, posteriormente, os sacrifícios. Desse modo, esta Ciência começa por esse **primeiro** e principal aspecto, de ser uma **teologia civil raciocinada da providência** que, segundo Vico, “principiou da sabedoria vulgar dos legisladores, que fundaram as nações ao contemplar a Deus pelo atributo de providente, e se cumpriu com a sabedoria oculta dos filósofos que o demonstraram com razões em sua teologia natural”¹¹⁵ (VICO, 2007d, p. 576, §385).

Adiante, Vico reflete sobre o **segundo** aspecto, o de que esta ciência também começa como uma **filosofia da autoridade**. Entendemos autoridade, aqui, no sentido de “propriedade” e, como todos os demais aspectos desta ciência, obedece a ordem das coisas, ou seja, primeiramente foi uma autoridade divina, depois foi uma autoridade humana, caracterizada pelo uso livre da vontade, o que é o mesmo que dizer, pela liberdade do humano arbítrio ou como Vico afirma: “donde aqueles gigantes abandonam o bestial costume de seguir vagando pela grande selva da terra e se

¹¹⁴ “È impossibile, ci dice Vico, parlare di una religione o di un diritto, per esempio, delle genti minori, fino a che questi oggetti non si siano costituiti come tali e non si offrano perciò alla nostra ricerca. Certo Vico riferisce qui a oggetti possibile delle scienze umane in relazione al *facere* storico e alle trasformazioni che le istituzioni, le lingue, i diritti subiscono”.

¹¹⁵ “Cominciò dalla sapienza volgare de’ legislatori che fondarono le nazioni con contemplare Dio per l’attributo di provvedente, e si compì con la sapienza riposta de’ filosofi che ‘l dimostrano con ragioni nella loro teologia naturale”.

habitua a um costume, de todo contrário, de permanecer escondido e imóveis, durante longo tempo, em suas grutas”¹¹⁶ (VICO, 2007d, p. 578, §388).

A essa autoridade da natureza humana, seguiu-se a autoridade do direito natural, uma vez que, ao ficarem escondidos e permanecerem reclusos, tornaram-se senhores e príncipes das gentes “maiores”, o que resultou, com isso, os primeiros reinos e as primeiras cidades.

Ora, essa filosofia da autoridade exprime provas filosóficas desta ciência, somadas às provas teológicas do que, anteriormente, vimos sobre a teologia civil. Ambas proporcionam, no entender de Vico, uma compreensão das provas filológicas desta ciência, uma vez que o humano arbítrio se reduz ao certo e a antiguidade das nações se exprime com um caráter obscuro. A isso, Vico afirma “que é o mesmo que dizer que reduz a filologia à forma de ciência”¹¹⁷ (VICO, 2007d, p. 579, §390).

Partimos, então, para o que Vico nomeia como o **terceiro** grande aspecto desta obra, que é o fato dela ser uma **história de humanas ideias**. Que, seguindo o curso já exposto, também começou pelas ideias divinas ou, deveríamos dizer, pela contemplação das divinas coisas que, no entender de Vico, “terminaram nas coisas abstratas metafísicas e matemáticas”¹¹⁸ (VICO, 2007d, p. 579, §391).

Sendo assim, devemos afirmar que, do mesmo modo que da metafísica poética se seguiram todas as ciências, também, com a mesma natureza poética, dessa história das ideias se resultaram as ciências práticas que educam as nações e as ciências especulativas celebradas pelos doutos.

O **quarto** aspecto sobre essa ciência é quando Vico afirma que se refere a uma **crítica filosófica**, proveniente das ideias citadas anteriormente, diz respeito a julgar a verdade sobre os autores das nações que, segundo Vico, “as quais devem decorrer mais de mil anos, para se originarem os escritores que são a matéria dessa crítica filológica”¹¹⁹ (VICO, 2007d, p. 580, §392).

Essa crítica filosófica, que começa por Júpiter, nos traz como resultado uma teogonia natural, ou seja, desde a geração dos deuses de modo natural na mente dos autores gentílicos, aos quais chamamos de poetas teólogos, assim como os deuses

¹¹⁶ “Onde que’ giganti si ristettero dal vezzo bestiale d’andar vagando per la gran selva della terra e s’avvezzarono ad un costume, tutto contrario, di stare nascosti e fermi lunga età dentro le loro grotte”

¹¹⁷ “Ch’è tanto dire quanto riduce la filologia in forma di scienza”.

¹¹⁸ “Terminarono nelle cose astratte metafisiche e matematiche”.

¹¹⁹ “Nelle quali dee correre da assai più di mille anni per potervi provenir gli scrittori, che sono il subbietto di questa critica filologica”.

das épocas chamadas “maiores”. De forma similar teremos, assim, uma teogonia natural que nos dará uma cronologia raciocinada da história poética.

O **quinto** aspecto é que esta ciência também diz respeito a uma **história ideal eterna**. Para Vico, é onde está a ordem da história das nações no tempo, que se inicia com os humanos ferozes sendo amansados pela religião, prossegue por esta sabedoria poética a qual nos dedicamos aqui, onde também terminam para, em seguida, situarem-se no curso que fazem as nações e, diante disso, estarem sujeitos ao retorno das coisas humanas. Segundo Burke:

Quando usava a expressão “história ideal eterna”, Vico estava afirmando que certas tendências histórias capitais se repetem, dando assim, origem a uma sequência de formas genericamente semelhantes de organização política, direito, mentalidade, literatura etc. Não pretendia que tudo que acontece seja determinado, pelo contrário, ele era veementemente contra essa ideia de “fado”, como a chamava, em nome do livre arbítrio. (BURKE, 1997, p.93)

Ainda sobre o termo utilizado por Vico, Patella, ao fazer uma observação sobre o relato autobiográfico de Vico, o qual vimos no início dessa pesquisa, afirma que este só se torna possível dentro de um modelo de uma história ideal eterna, uma vez que seria como dizer que a individualidade se encontra e se realiza no caminho da universalidade.

Ainda sobre isso, Patella afirma que o termo “história ideal eterna”

Parece quase uma contradição nos termos, compreendida entre os dois polos, da historicidade de um lado e da eternidade do outro, mas isso é aqui entendido, enfatizando o conceito de “ideal”, que é como um termo médio que conjuga os conceitos de história e eterna e os tem contemporaneamente em recíproca tensão dialética. (PATELLA, 2003, p. 187)

Nesse sentido, não há, mesmo que a história se realize dentro desse modelo de ideal eterno, uma determinação inevitável em relação aos fatos, essa tensão dialética garante o movimento da própria história, com uma série de etapas que são compreendidas dentro de um comparativo coerente em relação aos seus cursos.

Ademais, esse modelo ideal eterno é o que garante, dentro da dialética dos fatos, que a história, mesmo que mergulhada no obscurantismo e modificações do gênero humano, não se afogue num amontoado de acontecimentos carentes de algum sentido. Patella diz que

É através de uma capacidade *ideativa*, idealmente criativa da nossa mente, como a história, em suas manifestações, que se abre a dimensão do eterno, do qual se obtém aquela continuidade e

consistência que impedem de reduzir o devir histórico a uma mera acumulação de feitos carentes de significado e consistência. (PATELLA, 2003, p. 187)

O **sexto** aspecto desta ciência diz respeito a ser um **sistema dos direitos naturais das gentes**. Para Vico, a doutrina do direito não começa quando os filósofos, iluminados pela razão, começam a pensar sobre ela, mas quando, de fato, a matéria começa a existir, assim, afirma que o direito das gentes¹²⁰ (dos gentios, ou nações gentílicas ou gentílicas) é o próprio direito natural, ou seja, desde as primeiras nações gentílicas o direito esteve presente, a matéria do direito existe, portanto, antes de ser pensada.

Por isso, Vico utiliza a expressão “direito natural das gentes”, o direito natural é o direito das gentes que, por estar constantemente presente na história, mesmo com as *modificazioni* inerentes à própria, propõe-se universal por ser um direito histórico, onde, em cada idade histórica dividida por Vico, quer dos mitos, dos heróis ou dos homens, sempre esteve presente enquanto matéria.

O **sétimo** e último aspecto é que esta ciência é uma **história universal**. Ora, quando Vico afirma isto, está de acordo em dizer que, diante dos aspectos citados anteriormente, podemos concluir que o mundo civil das nações, objeto de estudo desta ciência, é regido de forma providencial por algo de divino, mas que conta com as modificações históricas provenientes do arbítrio humano e que, dentro dessas modificações ou particularidades de cada povo, há o que podemos chamar de história universal.

A história universal conta com o que chamamos de filosofia da autoridade, conta também com o aspecto que diz respeito a ser uma crítica filosófica, bem como se caracteriza em ser uma história das humanas ideias, além de incluir a discussão referente ao direito natural das gentes para se pensar também num direito que se compreenda como um Direito Universal.

Assim, também, essa discussão não se limita a dizer que esse caráter de universalidade histórica diz respeito a limitar a história e todos esses aspectos inerentes a ela, em um modelo único, estável e pronto para todos os povos, em todos os tempos e espaços, mas sim, diz respeito a conferir um grau comparativo entre todos os povos, em todos os tempos e espaços.

¹²⁰ Vico trata a questão do Direito considerando as distinções entre o povo das nações gentílicas e o povo hebreu, afirmando que não se pode apontar princípios comuns aos dois povos, sem considerar a distinção do povo hebreu (eleito por Deus).

Nesse sentido, é importante sempre ratificar que a Filologia, portanto, trata do particular, de considerar as *modificazioni* do gênero humano, enquanto a Filosofia trata de abstrair o que há de universal nessas *modificazioni*.

Esses aspectos são importantes para compreendermos o processo de civilidade do gênero humano, mediante o percurso de exposição feito por Vico para nomear essas características como os aspectos principais dessa Ciência. Com isso, embasamos a relação entre a importância do processo de civilidade e os riscos que ameaçam a vida civil, como o de uma barbárie. Dito isso, é de suma importância, nesse momento, com base na relação entre o *certum* e o *verum*, direcionarmos o debate para a relevância do senso comum.

3.5 DO CERTUM E DO VERUM NA NUOVA SCIENZA: SOBRE A RELEVÂNCIA DO SENSO COMUM

Diante desta relação estabelecida entre Filologia e Filosofia, que nos proporciona um entendimento dos costumes humanos, aqui trataremos de apresentar como, a partir disso, Vico esboçou na Ciência Nova, alguns aspectos que buscam reverenciar e evidenciar a importância do senso comum para as questões voltadas à vida civil.

Como vimos, a relação entre Filosofia e Filologia decorre exatamente desta distinção entre o que é *verum* e o que é *certum*. Enquanto a Filosofia é uma ciência que revela o *verum*, a Filologia, por sua vez, reporta-se a uma consciência que revela o *certum*, ou seja, enquanto o conhecimento filosófico é pautado pelo verdadeiro como próprio feito, o conhecimento filológico é pautado pelo senso-comum.

A importância do “*sensus communis generis humani*” (senso comum do gênero humano) é, de fato, um dos aspectos essenciais para justificar tal relação entre Filosofia e Filologia, tendo em vista que o senso comum não se encontra como um elemento racional, mas como uma disposição. Com isso, aquilo que decorre do senso comum não participa do campo do *verum*, mas sim do *certum*.

O senso comum não é um dado da razão, fundado no instinto e no costume; é uma disposição, uma estrutura, e as tradições, as leis, as disposições fixadas por sua obra não são verdades filosóficas, *verum*, mas formação consuetudinária, arbitral, *certum*, ou também “autoridade do arbítrio humano”. Esse *certum* é objeto da filologia hermenêutica que se denomina nova arte crítica (SOUZA, 2007, p.303).

Em uma de suas *dignidades*, Vico exprime exatamente a importância do senso comum para a compreensão do mundo civil das nações, quando defende que se trata de algo sentido pelo gênero humano e não de uma reflexão, ou seja, para Vico, "o senso-comum é um juízo despido de qualquer reflexão, comumente sentido por toda uma ordem, por todo um povo, por toda uma nação ou por todo o gênero humano" (VICO, 1999, p.95)

Nesse sentido, além de destacarmos essas passagens sobre o senso comum no pensamento de Vico, tomaremos agora como referência secundária a obra de Giuseppe Modica, intitulada "*La filosofia del senso comune in Giambattista Vico*", de 1983, e de alguns aspectos do senso comum destacados por ele, tais como:

1) O verossímil como verdade do senso comum:

Como já vimos, Vico demonstra, de forma muito recorrente em suas obras, uma preocupação ético-pedagógica com a formação dos jovens e seus estudos e o senso comum age como aquele que promove o verossímil ao estatuto de verdade, no sentido de ser uma verdade própria do senso comum, não no sentido de seguir os critérios postos por Descartes do que seria verdadeiro.

Ora, para Vico, o erro de fundo do cartesianismo é aquele de pôr a primeira verdade [*primum verum*] como anterior, fora e acima de tudo e utilizar o método crítico como única via do conhecimento. Como bem afirmou Vico na sua Autobiografia e de maneira bem específica no *De Ratione*, os jovens são levados a julgarem antes de conhecerem e isto é contra o curso natural da ideia, uma vez que, para Vico, primeiro aprendemos, depois julgamos e, finalmente, raciocinamos sobre algo.

Desse modo, devemos situar de maneira devida a insatisfação de Vico, uma vez que ela não se direciona à crítica como um dos elementos na formação dos jovens, o alerta viquiano demonstra o erro em situar a crítica como elemento anterior, superior e porque não dizer, suficiente na base do conhecimento implantada pelo cartesianismo. Sobre isso, Modica afirma que:

Isso não significa que o papel do tema é suplantado críticas, significa, em vez disso, que o seu papel é ferir os críticos a própria dignidade de seu exercício para que a formação dos jovens seja a mais integral e natural possível. Nem só a Tópica nem só a crítica, portanto, porque o método de discussão da Tópica muitas vezes assume o falso, e aquela da crítica não se aproveita também do verossímil. Por respeito à natureza gradual da natureza humana, Vico contratou a ambos, para que os jovens com o progresso do senso comum na prudência civil e na eloquência, com a fantasia e a memória se fortaleçam nas artes para esses correspondentes, e com a crítica, aprendam por último,

eles julguem por si mesmos sobre o que aprenderam¹²¹. (MODICA, 1983, p. 40,41).

2) A prudência como sapiência do senso comum:

Diante da questão do verdadeiro e do falso, do verossímil e do senso comum como média entre eles, podemos perceber que essa antítese lógica ou esses símbolos opostos, de fato, são considerados como o propósito central da argumentação na qual Vico se reporta à prudência, à ciência e, em consequência disso, à sua respectiva verdade, uma vez que, na prudência se investiga a multiplicidade causal de um fato para, assim, considerar o verdadeiro. Desse modo, a prudência se mostra como régua da vida civil. Uma régua que mede tanto o falso como o verdadeiro, ou seja, que mede a multiplicidade das causas, pois, não se deve tratar do verdadeiro sem considerar o falso, tendo em vista que isso já pode comprometer seu caráter de verdade. Sobre isso, Modica afirma que:

Se pode dizer que, para Vico, não só o falso separado do verdadeiro é um verdadeiro falso, mas também e acima de tudo o verdadeiro separado do falso é um verdadeiro falso, bem como cego e inerte é o ser separado do dever ser, e abstrato e vazio é o dever ser separado do ser¹²². (MODICA, 1983, p. 45).

3) O engenho como a dimensão social do saber no senso comum:

Podemos afirmar que o senso comum age como critério interno e base do método viquiano, considerando a importância dele na articulação entre Filologia e Filosofia, ou seja, entre o certo [*certum*] e o verdadeiro [*verum*], pois tal relação é pressuposto para o projeto de uma nova metafísica,

todavia, se a metafísica a que o senso comum dá origem não é um fim em si mesmo e em vez disso é orientada para a fundação de uma ética das nações, a história como um processo de civilização reside na capacidade das nações de assumir o próprio fundamento normativo na metafísica do senso comum¹²³. (MODICA, 1983, p. 19).

¹²¹ "Ciò non significa che il ruolo della topica sia quello di soppiantare la critica, ma significa, piuttosto, che il suo ruolo è quello di conferire alla critica la dignità stessa del suo esercizio affinché la formazione dei giovani sia la più integrale e naturale possibile. Né solo la topica né solo la critica dunque, ché la ratio disserendi della topica spesso assume il falso, non s'avvale anche del verisimile." Per il rispetto della gradualità della natura umana esse vanno invece per Vico assunte entrambe, affinché i giovani con il senso comune progrediscano nella prudenza civile e nell'eloquenza, con la fantasia e la memoria s'irrobustiscano nelle arti a queste corrispondenti, e con la critica, appresa per ultima, giudichino autonomamente su quanto hanno imparato".

¹²² "Si potrebbe dire che per Vico non solo il falso avulso dal vero è un vero falso, ma anche e soprattutto il vero avulso dal falso è un falso vero, così come cieco e inerte è l'essere avulso dal dover essere, e astratto e vuoto è il dover essere avulso dall'essere".

¹²³ "Tuttavia, se la metafisica cui il senso comune dà luogo non è fine a se stessa ed è invece orientata verso la fondazione di un'etica delle nazioni, la storia come processo di civilizzazione risiede nella capacità delle nazioni di assumere a proprio fondamento normativo la metafisica del senso comune.

Destacamos também a afirmação viquiana de que a formação civil [*institutio civilis*] é algo essencial para a formação humana. Assim, ao compreendermos os costumes das nações, bem como suas modificações históricas, estamos num exercício contínuo de compreendermos a própria natureza humana, tema importante para o pensamento sobre a barbárie. Dentro desse contexto, destacamos a importância do senso comum, quando Vico, em seu *Elementos de Retórica*, afirma:

Por minha parte, eu relacionaria com a natureza a formação civil. Tão grande é a força daquela que, sendo a natureza dos homens como da cera, pelo qual há tanta diversidade de costumes e instituições entre as nações, cabe duvidar se será outra coisa a natureza humana senão essa mesma formação. E que não seja nem severa nem rígida: o gelo é prejudicial para as mudas de terras; e que nem entre suavidade e deferências se ensoberbeça; mas, seja ingênua e liberal, de sorte que se dê conta de que tenha errado e goste de ser corrigido. Portanto, aproveita sobretudo o educar-se entre o conjunto de seus iguais, para que aprenda o senso comum (*sensus communis*), norma de toda prudência e eloquência¹²⁴. (VICO, 2005a, p. 120).

Por conseguinte, a sapiência está voltada para a vida civil, assim como para o bem comum. O ideal pedagógico de Vico é apresentado com base nesses elementos que ele considera essenciais à formação humana. Para Bordogna:

Uma vez que é explicado que o propósito o qual deve comprometer o sábio é o "*commune civium bonum*", pode-se dizer, sem medo de ir contra a palavra de Vico, que o fim último da sapiência e a tarefa mais sublime do homem é de encontrar um nexo capaz de unir todo o conhecimento e todas as disciplinas, em vista do bem comum de todos os cidadãos¹²⁵. (BORDOGNA, 2007, p. 38).

Dentro do contexto viquiano, vimos, anteriormente, que em vez de um conhecimento enciclopédico, os jovens do seu tempo eram levados ao conhecimento unilateral, ocasionando a dificuldade de uma boa formação dos mesmos, uma vez que "os jovens, são transportados antes do tempo à crítica¹²⁶" (BORDOGNA, 2007, p.17).

¹²⁴ "Por mi parte, yo relacionaría con la naturaleza la formación civil. Tan grande es la fuerza de aquella que, siendo la naturaleza de los hombres como de cera, por lo cual hay tal diversidad de costumbres e instituciones entre las naciones, cabe dudar si será otra cosa la naturaleza humana sino la misma formación. Y que no sea ni severa ni rígida: el hielo es dañino para las tiernas plantitas; y que ni entre blandura y deferencias se ensoberbezca: antes bien, sea ingenua y liberal, de suerte que se dé cuenta de que ha errado y guste de ser corregida. Por ello aprovecha sobre todo el educarse entre el conjunto de sus iguales, para que aprenda sentido común [*sensus communis*], norma de toda prudencia y elocuencia".

¹²⁵ "Una volta che si è spiegato che lo scopo a cui deve minare il sábio è il "*commune civium bonum*", si può dire, senza temere di essere smentiti dalle parole di Vico, che il fine ultimo della sapienza ed il compito più sublime dell'uomo è quello di trovare un nesso capace di legare insieme tutte le conoscenze e tutte le discipline, in vista del bene comune di tutti i concittadini".

¹²⁶ "i giovinetti, trasportati innanzi tempo alla critica".

Nesse sentido, tendo em vista a reflexão sobre o saber e o embate entre antigos e modernos que vimos no *De Ratione*, Vico defende que o conhecimento não seja visto por uma via unilateral como ocorreu com o modelo cartesiano. Também vimos que ele rechaça a possibilidade da mente humana conhecer tudo, mas afirma a importância de se conhecer bem antes de se julgar, assim como dar a devida importância ao senso comum. Ao se deleitar somente com a crítica, surge a dificuldade de uma boa formação dos jovens. Em suas palavras:

[...] com relação aos instrumentos da ciência, hoje nós começamos os estudos pela crítica: a qual faz desaparecer a sua verdade primeira, não só de todo o falso, mas inclusive a suspeita de falso, prevê que se expulsa da mente as segundas verdades e o verossímil como se fossem falsos. E isto, sem dúvida, de forma inconveniente: pois os adolescentes devem estar em conformidade quanto antes com o senso comum, para que, no percurso de sua vida, reafirmados pelos anos, não se precipitem para o extraordinário e o incomum. Pois, como a ciência tem sua origem na verdade e o erro no falso, assim do verossímil se engendra o senso comum¹²⁷ (VICO, 2007c, p. 105).

Ora, refletindo sobre essa questão, se sempre foi habitual apontarmos o senso-crítico como algo pertencente a uma parcela mínima de doutos, atualmente, o acesso a um amplo leque informativo, oferece-nos a impressão de conhecimento sobre alguns conceitos e realidades por grande parte da sociedade, isso deveria ser visto como um avanço na formação dos jovens e uma negação à preocupação viquiana com os rumos da vida civil, não fosse pelo fato de: à medida que estamos nos tornando mais racionais, no sentido de reverenciarmos cada vez mais a razão em detrimento de outros aspectos, estamos, também, notoriamente, tornando-nos menos civilizados.

Percebemos que o que está havendo é que parece existir uma relação paradoxal de que quanto mais o senso comum tem acesso à reflexão, mais ele está se distanciando do conhecimento e se voltando à barbárie, pois, continuamos com um exercício raso de julgar antes de conhecer, de reverenciar uma racionalidade desprovida de tempo, memória, história e humanidade.

¹²⁷ “[...] circa gli strumenti delle scienze, noi iniziamo tutti gli studi dalla critica, la quale, per liberare la verità genuina non solo da ogni errore, ma anche da ciò che può suscitare il minimo sospetto di errore, prescrive che siano allontanati dalla mente tutti i secondi veri, ossia i verisimili, al modo stesso che si allontana la falsità. Tuttavia è sbagliato: infatti la prima cosa che va formata negli adolescenti è il senso comune, affinché, giunti con la maturità al tempo dell’azione pratica, non prorompano in azioni strane e inconsuete. Il senso comune si genera dal verosimile come la scienza si genera dal vero e l’errore dal falso”.

De acordo com o que vimos anteriormente, Vico alerta para o seguinte problema: no momento em que a subjetividade racional cartesiana ganha proporções consideráveis no cenário moderno, há o descaso com as ciências morais, uma vez que a vida civil, definitivamente, não pode ser limitada às representações mentais que o sistema de Descartes estabelece como critério de validade, bem como não podemos compreender a vida civil desprezando a importância do verossímil e do senso comum¹²⁸. (GUIDO, 2004, p. 56)

No entanto, convém um detalhe que pensamos ser de muita relevância, se no século XVII, Vico atribuía o descaso com as ciências morais em detrimento a uma moral subjetiva cartesiana, hoje o descaso com as ciências morais se dá em detrimento de uma moral coletiva bárbara, uma vez que não há um mergulho na subjetividade e nas representações mentais do sujeito, tal como Descartes demonstrava, mas há, em contrapartida, um mergulho e afogamento num encontro de subjetividades que, por meio de um pertencimento, formam uma coletividade que tem como premissa reverenciar uma moral perigosa, bárbara e que afeta negativamente todo o sentimento de civilidade construído nesse mar revolto que é a história da humanidade.

Assim, é constante e pertinente a preocupação viquiana com os rumos da vida civil, presente em todas as suas obras, em especial, sua obra magna, a Ciência Nova, onde o mesmo afirma que à medida que a história se apresenta por meio de ciclos comparativos, se em tempos remotos houve a barbárie dos sentidos, em tempos modernos corremos o risco de uma nova barbárie, a barbárie da reflexão. Baseados, portanto, no que discutimos até aqui, chegamos, por fim, ao momento de pensar sobre o modelo viquiano de uma história helicoidal e o alerta viquiano sobre a barbárie.

¹²⁸Sobre isso, Guido comenta: "O *cogito* cartesiano não é eficaz para a investigação social, porque não considera a efetividade da vida prática, operando a distinção somente sobre duas situações admissíveis: a verdade ou a falsidade. A realidade social é muito rica, ela possui um feixe ilimitado de circunstâncias que jamais poderão ser classificadas como imediatamente verdadeiras ou definitivamente falsas". (Cf. GUIDO, 2004, p. 56).

4 SOBRE A HISTÓRIA IDEAL ETERNA EM GIAMBATTISTA VICO: A BARBÁRIE DA REFLEXÃO SE CONCRETIZA?

4.1 DO MODELO VIQUIANO DE UMA HISTÓRIA HELICOIDAL: *CORSI* E *RICORSI*

Consideramos o pensamento viquiano acerca do curso da História e, em particular, de que forma a Filologia, como o estudo do nascimento das nações, e não meramente com o nascimento das línguas, interfere e participa do estudo filosófico e da intenção viquiana em unir o saber humano e o saber divino.

Compreendemos que o estudo da Filologia é, sem dúvida, essencial para o conhecimento das civilizações, pois se trata de compreender a vida dos povos mais antigos, suas fábulas, seus poetas, tanto quanto a ligação entre a linguagem, o conhecimento e a poesia.

.Como muito foi dito até agora, diante de questões pedagógicas, epistemológicas, metafísicas, políticas e de tantas outras, devemos pensar o quanto esta nova ciência oferece muito mais que uma pesquisa histórico-filosófica, mas representa a oportunidade que a mente humana tem de compreender a si mesma, considerando seus aspectos mais variados e obscuros, percebendo seus aspetos mais universais e, dentro de um exercício filológico-filosófico, buscando um conhecimento sobre a história da humanidade e os seus estágios.

Já mencionamos também que a *Scienza Nuova* foi e é considerada uma obra de difícil compreensão, incoerente e obscura, com informações contraditórias e referências desencontradas. No entanto, o conjunto dessas características não desmerece e nem diminui o grau de importância conferido à obra; pelo contrário, uma vez que Vico propõe nos desvincularmos de toda a nossa civilidade para, assim, compreendermos o pensamento primitivo, tal proposta, de forma metodológica, reflete tanto no estilo de sua escrita, quanto em todo o interior de sua obra, a incompreensão, a incoerência e a obscuridade dos tempos ferinos e selvagens.

Sobre isso, Croce diz:

Que a causa da obscuridade, isto é, do erro ou erros de Vico, é a indistinção ou confusão já observada em sua gnosiologia sobre a relação entre filosofia, história e ciência empírica, e não subsistindo menos em seu pensamento real sobre os problemas do espírito e da história humana, resulta da observação de como a filosofia, a história e a ciência empírica são convertidas de vez em quando uma na outra e, prejudicando uma a outra, produzir aquela perplexidade, mal-entendidos, exageros e temeridade, que são usuais incomodar o leitor

da nova Ciência. A filosofia do espírito agora se apresenta ora uma ciência empírica, ora como história; a ciência empírica ora filosofia, ora história; e a proposição histórica adquire a universalidade do princípio filosófico ou a generalidade do esquema empírico. Por exemplo, a filosofia da humanidade pressupõe que determina as formas, categorias ou momentos ideais do espírito em sua sucessão necessária e, a esse respeito, merece o título ou definição de história eterna ideal em que decorrem no tempo as histórias particulares, não podendo conceber qualquer fragmento, por menor que seja, da história real, onde essa história ideal não opera. Mas como uma história ideal também para Vico é a determinação empírica da ordem em que as formas de civilizações, estados, línguas, estilos, poemas se sucedem, acontece que ele concebe a série empírica como idêntica à série ideal¹²⁹. (CROCE, 1922, p.40)

Muito se questiona sobre qual seria, então, essa nova ciência de Vico. O que podemos afirmar, aqui, é que não se trata de uma ciência específica, não há como nomear qual seria essa ciência, uma vez que ela é todo o projeto, em especial metodológico, para tratar das questões referentes ao mundo civil das nações. Portanto, mais que apontar uma ciência particular, podemos destacar que o modelo de ciência ao qual Vico se refere quando apresenta o seu projeto de uma *Nuova Scienza*, é caracterizado por uma ciência que busca dar conta dos liames do mundo social. Sobre isso, Humberto Guido afirma que:

Nas primeiras páginas da *Sn44* Vico afirma que a sua obra introduz uma nova arte crítica para a pesquisa da verdade sobre os fundadores das nações. Não há ciência sem método – este é o consenso entre os modernos, Vico esteve atento ao preceito formulado por Descartes. A nova arte crítica tem função metodológica, pois o seu procedimento exige a associação da postura científica com a atitude filosófica. Ainda nos procedimentos, a arte crítica adentra os domínios da filologia e da filosofia, de modo que o saber resultante da aplicação do método é a síntese de ambas, acarretando a efetivação da filologia como ciência, isto é, promovendo o estudo das coisas humanas à esfera científica, o lugar do qual as disciplinas humanistas haviam sido desalojadas e

¹²⁹ “*Che cagione dell'oscurità, ossia dell'errore o degli errori del Vico, sia l'indistinzione o confusione già notata nella sua gnoseologia circa il rapporto tra filosofia, storia e scienza empirica, e sussistente non meno nel suo effettivo pensiero intorno ai problemi dello' spirito e della storia umana, risulta dall'osservare come filosofia, storia e scienza empirica si convertano a volta a volta presso di lui l'una nell'altra e, danneggiandosi a vicenda, producano quelle perplessità, equivoci, esagerazioni e temerità, che sogliono turbare il lettore della Scienza nuova. La filosofia dello spirito si atteggia ora come scienza empirica ora come storia; la scienza empirica ora come filosofia ora come storia; e la proposizione storica acquista l'universalità del principio filosofico o la generalità dello schema empirico. Per esempio, la filosofia dell'umanità assume di determinare le forme, categorie o momenti ideali dello spirito nella loro successione necessaria, e bene merita per tal rispetto il titolo o la definizione di storia ideale eterna sulla quale corrono nel tempo le storie particolari, non potendosi concepire nessun frammento, per piccolo che sia, di storia reale, dove non operi quella storia ideale. Ma poichè storia ideale è anche per Vico la determinazione empirica dell'ordine in cui si succedono le forme delle civiltà, degli stati, dei linguaggi, degli stili, delle poesie, accade che egli concepisca la serie empirica come identica alla serie ideale*”

postas para fora do espectro da ciência pela mentalidade cientificista do século XVII. (GUIDO, 2002.2, p. 03).

Essa nova arte crítica é a que propõe que, para compreendermos o curso que fazem as nações, é necessária uma adequação à sua própria natureza, um rompimento com processos posteriores e, a partir disso, uma percepção dos cursos e re-cursos em relação à história.

Como vimos, para tentarmos compreender a obra viquiana, é também necessário que consideremos tanto o seu contexto histórico, quanto o seu processo de formação, de modo a ressaltarmos a importância da dinâmica das partes em relação à importância do todo e, como já enunciamos anteriormente, Vico expõe uma tripartição da História. Ao se falar de tempo obscuro, tempo heroico e tempo histórico, admitimos, portanto, as três fases da história. Vico afirma na Dignidade LXV que “a ordem das coisas humanas assim ocorreu: primeiro foram as selvas, depois os tugúrios, em seguida as aldeias, logo as cidades e, finalmente, as academias”¹³⁰ (VICO, 2007d, p.519, §239).

Nesse sentido, como Vico apresenta na Dignidade LIII em sua Ciência Nova que “os homens primeiro sentem sem se aperceber, depois se apercebem com espírito perturbado e comovido, e, finalmente, refletem com mente pura”¹³¹ (VICO, 2007d, p.515, §218).

São, portanto, três espécies de natureza: bestial, heroica e humana, a barbárie seria a quebra, o declínio desses três momentos. Sobre isso e a questão dos riscos da vida civil, Guido afirma que:

O risco da barbárie existia para Vico toda vez que os três momentos singulares da vida do intelecto deixassem de ser respeitados, pois a história da humanidade nos ensina que a razão humana passa necessariamente por três momentos: o primeiro marcado pela sensação, o segundo pela imaginação e o terceiro pelas ideias abstratas. (GUIDO, 1998, p. 284).

No entender de Vico, outra questão que se relaciona diretamente com a tripartição histórica é a questão, já anunciada, do direito natural. De acordo com cada

¹³⁰ “L'ordine delle cose umane procedette: che prima furono le selve, dopo i tuguri, quindi i villaggi, appresso le città, finalmente l'accademie”.

¹³¹ “Gli uomini prima sentono senz'avvertire, dappoi avvertiscono con animo perturbato e commosso, finalmente riflettono con mente pura”.

época, o direito não se apresenta estático e imutável, mas dependente das oscilações e modificações de cada tempo histórico. O Direito, portanto, tem sua concretização na História. Sobre isso, Galeazzi afirma que:

na história ideal eterna se pode ver uma lei histórica que aponta para a "forma" dos acontecimentos, dependente da modalidade típica da mente naquela fase. Há, portanto, uma estreita ligação com a "metafísica da mente" que, estudando precisamente as "modificações" da mente humana permite compreender como da dissolução de certa fase se chega àquela sucessiva¹³². (GALEAZZI, 1993, pp.159-160)

A tripartição também se aplica a pensarmos as espécies de governos. As categorias com as quais Vico procura abranger o movimento histórico são: a aristocracia, a democracia e a monarquia. Um ponto fundamental de sua concepção histórica é o de que, logo que a humanidade deixou a fase pré-estatal ("estado da natureza", segundo os jusnaturalistas), a primeira forma de Estado a surgir foi a república aristocrática, seguida pela república popular e, por fim, a monarquia.

A passagem da fase das famílias para a primeira forma de organização estatal (república aristocrática), deu-se devido à rebelião das pessoas escravizadas. A revolta das pessoas escravizadas obrigou os chefes de família a se unirem para se defenderem e conservarem seu domínio, formando, assim, a república aristocrática. Na república aristocrática, a desigualdade social justifica o domínio dos patrícios sobre os plebeus.

O que justificou a passagem da república aristocrática para a popular foi a revolta dos oprimidos e a sua luta pelo reconhecimento. O fim da república popular para a terceira forma de Estado, a Monarquia, ocorreu com a degeneração da liberdade individual, ou seja, com a guerra civil. Vico vê a monarquia não como uma forma alternativa de Estado, com relação à república popular, mas sim como a própria república popular protegida contra os seus próprios males.

Nesse contexto, a "Era dos Deuses" é monástica, o ser humano primitivo é guiado por divinos governos. A "Era dos heróis" diz respeito à fase das repúblicas aristocráticas, tem esse nome devido ao governo de homens fortes, rudes e violentos.

¹³² *"Nella storia ideale eterna si può vedere una legge storica che addita la "forma" degli eventi, dipendente dalla modalità tipica della mente in quella fase. C'è quindi uno stretto legame con la "metafisica della mente" che, studiando appunto le "modificazioni" della mente umana, permette di capire come dalla dissoluzione di una certa fase si arrivi a quella successiva".*

Por fim, a “Era dos Homens” que corresponde tanto à república popular quanto à monarquia. Para Vico, quando o curso da história chega ao fim, ou seja, quando a monarquia é adotada como forma de governo, a humanidade ingressaria em uma fase de decadência e, posteriormente, o ciclo comparativo continuaria cumprindo seus *corsi e ricorsi*.

Nesse contexto, retornamos à questão da linguagem que, como dissemos, para Vico, segue também o curso da história e está presente em todas as demais discussões. Os primeiros homens utilizavam uma linguagem poética, uma vez que a linguagem racional sucede a linguagem poética.

Desse modo, Vico demonstrou que, por meio do estudo da Filologia e da etimologia, poderíamos chegar ao conhecimento dos povos mais antigos e que, por meio da linguagem e deste conhecimento, poderíamos investigar a origem das nações, do direito natural das gentes e dos limites da mente humana. Para ele:

Com uma similar distorção, concorda-se naqueles dois princípios, embora eminentemente contrários eles: um é de haverem os poetas falado bastante uma outra língua, nas palavras de Cícero, que a popular, e em seguida Homero e ainda Hesíodo, Orfeu, terem falado uma língua toda própria, e não comum às gentes: o outro, terem sido os poetas os primeiros fundadores da comunidade civil. Porque se os poetas reduzissem a sociedade civil àquele vulgo selvagem e ferino; como poderia então, usar uma língua tão distante do vulgar, que depois formou particularmente uma Gramática para declarar as suas locuções? Ora, estas duas verdades, por um lado discrepantes entre elas, por outro eminentemente verdadeiras, me levaram a duvidar seriamente de que a verdadeira origem da poesia ainda permaneça ignorada¹³³. (VICO, 1861, p. 48)

Sobre os heróis da mitologia, vale ressaltarmos o pensamento concreto em Vico, a saber, a defesa de que o mito não deve ser considerado como narrativa sem qualquer valor histórico, mas como parte dos costumes humanos, assim como esses heróis não podem ser vistos como artifícios da linguagem daquela época, que por sua vez não se expressava de forma convencional, mas sim natural, pois, nem mesmo a

¹³³ “Con un simile stravolgimento si accordano in quei due principii pur eminentemente tra loro contrarii; l'uno cioè, aver i poeti parlata ben altra lingua, per dirla con Cicerone, che la popolare; e quindi Omero ancora Esiodo, Orfeo, aver favellato una lingua tutta propria, e non comune alle genti: l'altro, essere stati i poeti i primi fondatori delle civili comunanze. Imperocchè se i poeti ridussero a società civile quel volgo selvatico e ferino; tato d'uopo formarsi particolarmente una Grammatica per dichiarare le altro eminentemente vere, mi dettero a gravemente dubitare che la vera origine della poesia si rimanga tuttora ignorata”.

esses heróis, Vico se reporta como se, de fato, fossem homens reais, mas se reporta como caracteres poéticos (*caratteri poetici*)¹³⁴(BURKE, 1997, p. 59).

Ao tratar da linguagem, Vico remonta ao *Crátilo* de Platão e ao questionamento de ser a linguagem de ordem natural ou convencional. Mesmo remetendo tais questões à divisão das três idades históricas, afirma ser natural aquela forma de linguagem da idade dos deuses, onde a relação de ideia e significado se mostrava de ordem natural e, a partir da idade heroica, houve uma convenção das imagens simbólicas, até ser criado o alfabeto na idade dos homens¹³⁵ (BURKE, 1997, p.53).

Sobre isso, Humberto Guido também afirma que:

A mitologia é composta pelas fábulas dos deuses e dos heróis; ambas são o mais fiel relato do mundo bárbaro, de modo que todas as pesquisas sobre as origens do mundo devem buscar na mitologia o material necessário para a elucidação da verdade sobre os primeiros homens e as suas instituições. A mitologia não guarda em seu interior uma filosofia oculta, somente a filosofia não está contida na consciência mítica, mas todas as outras ciências e artes responsáveis pela humanização do mundo encontram seus germes na consciência ingênua dos primeiros homens. (GUIDO, 2002.2, p. 04).

Vale ainda ressaltarmos o que há de mais característico na teoria da linguagem de Vico, a saber, a reflexão acerca da linguagem dos primeiros seres humanos. Sobre isso, Burke afirma que:

Ainda mais característico era o destaque dado por Vico à natureza concreta da linguagem primitiva e suas analogias com a linguagem dos poetas em outros períodos. Limitada em seu vocabulário, a linguagem dos primeiros homens era, segundo Vico, o que de mais sublime havia na expressão. Este ponto era absolutamente central para o seu sistema. O fato de que "os primeiros povos fossem poetas" era, dizia ele, a "chave mestra" da sua nova ciência. A poesia era mais velha do que a prosa. (BURKE, 1997, p. 55)

Como dissemos, para Vico, há uma linguagem comum a todas as nações. Percebemos, portanto, o caráter filológico no sentido de identificar, em meio aos diferentes costumes, algo que pertença ao senso comum das nações, pois

¹³⁴Sobre isso, Peter Burke afirma que: "[...]não só os deuses como Júpiter e semideuses como Hércules, mas homens como Sólon, Hermes Trismegistus, Rômulo, o lendário fundador de Roma, e o poeta Homero eram todos interpretados por Vico como caracteres poéticos, que os homens inventaram e em que, ao mesmo tempo, acreditaram". (Cf. BURKE, 1997, p. 59).

¹³⁵Sobre isso, Peter Burke comenta: "Quanto a Vico, seu fascínio pelo *Crátilo* de Platão já era visível na Antiga Sabedoria dos italianos, A ciência Nova mostra que ele também estava consciente, ou que se tornara consciente, do recente debate sobre a linguagem natural, inclusive da contribuição feita por outro de seus "quatro autores", Bacon. Vico distinguia três formas principais de comunicação, associadas com as três idades". (Cf. BURKE, 2009, p. 53).

“certamente o senso comum é uma mente e, ou melhor, é a mesma mente humana das nações em que se devem encontrar os princípios do mundo civil e que necessita contemplar para conduzir a Deus como eterna providência”¹³⁶. (MODICA, 1983, p. 16)

É necessário, portanto, em relação a todos esses aspectos, a utilização de uma atividade metafísica a respeito das modificações (*modificazioni*) do gênero humano, de modo a considerarmos as expressões humanas, os escritos filológicos sobre as nações, bem como considerarmos a época, os lugares e tudo o mais que se relacionar à compreensão da história da humanidade, dando a devida importância ao senso comum e à Providência divina na realização dessa nova ciência.

Sobre as fases históricas, Vico, em sua Autobiografia, já afirma que,

com tais princípios tanto de ideias como de línguas, que é o mesmo que dizer com tal filosofia e filologia do gênero humano, desenvolve uma história ideal eterna sobre a ideia da providência, pela qual, como demonstra em toda a obra, está ordenado o direito natural das gentes: sobre cuja história eterna discorrem no tempo todas as histórias particulares das nações com seus nascimentos, progressos, estados, decadências e finais¹³⁷. (VICO, 2007a, p. 56-57)

A *Scienza Nuova* vem, portanto, demonstrar esta relação entre Filologia e Filosofia, pois à medida que Vico toma a história como um processo gradativo de humanização do ser humano, no momento em que divide períodos recorrentes da História nas três fases: "história dos deuses", "história dos heróis" e "história dos homens", seu gênero tópico-retórico é confirmado, pois não se trata de uma história em ciclos isolados, nem tão pouco linear, mas de uma espiral, um modelo helicoidal, ou seja, de períodos comparativos.

Considerando, pois, que o mundo civil foi feito pelos seres humanos, é constantemente necessário situarmos a história nesses conceitos de *verum* e *certum* e, dessa forma, investigarmos os primórdios da humanidade: compreendermos o rompimento do ser humano ferino com o isolamento e como ocorre a criação da sociedade civil.

Por isso destacamos também que não se passa despercebido a crítica viquiana a uma série de interpretações sobre esses tempos poéticos, uma vez que há

¹³⁶ “Certamente il senso comune è una mente e, anzi, è la stessa mente umana delle nazioni dentro cui debbono ritrovarsi i principi del mondo civile e che bisogna contemplare per condurla a Dio come eterna provvidenza”.

¹³⁷ “Con s’fatti principi d’idee come di lingue, che vuol dire con tal filosofia e filologia del gener umano, spiega una storia ideale eterna sull’idea della provvidenza, dalla quale per tutta l’opera dimostra il diritto naturale delle genti ordinato: sulla quale storia eterna corrono in tempo tutte le storie particolari delle nazioni ne’ loro sorgimenti, progressi, stati, decadenze e fini”.

leituras e recepções no decorrer das épocas subseqüente que consideram suas próprias questões ao invés de adentrarem na realidade dos povos primitivos. Ora, quando Vico defende um método filológico-filosófico para descermos das nossas civilizações àquelas selvagens e imanes, Vico se distancia daquilo que propuseram os conservadores e os inovadores, em especial, no que diz respeito a uma questão primordial referente à sabedoria dos antigos, a saber, a elaboração da teoria do direito natural. Sobre isso, Guido afirma que:

Do mesmo modo que a interpretação da poesia antiga era deficiente, também a recepção das notícias advindas do Novo Mundo também era recebida com equívocos. Tais equívocos atestam que tanto os inovadores quanto os conservadores se enganam quando o assunto é o direito natural. Os conservadores se apresentam como os fiéis intérpretes da sabedoria dos antigos, porém o que fazem é transportar para o passado os conhecimentos filosóficos do seu tempo, anulando por completo o modo de vida natural característico das comunidades primitivas. Os inovadores, isto é, os naturalistas do Século das Luzes, tomam o relato da vida natural dos homens do Novo Mundo como a descrição do comportamento de indivíduos isolados, destituídos de laços sociais, e, com esses relatos, transferem suas convicções sobre o que deveria ser o caráter do homem para o comportamento dos habitantes primitivos das novas terras. (GUIDO, 2002.2, p. 05).

Com base nisso, de imediato, a tendência é visualizarmos algumas aproximações e distanciamentos entre Vico e alguns jusnaturalistas e contratualistas, tais como: a forma como cada um enxerga os primeiros seres humanos em seu estado de natureza/ estado ferino e a forma como cada um situa esse ser humano na história. Guido continua seu raciocínio sobre a questão do direito natural e, sobre isso, afirma que:

onde os jusnaturalistas e contratualistas viam um homem natural em estado de natureza, Vico identifica um homem solitário em um estado ferino. A diferença substancial é que o homem solitário está fora da sociedade humana, viveu um período sem história, do qual não há registro. O nascimento da sociedade humana somente foi possível no momento em que o homem primitivo abandona o estado ferino. (GUIDO, 2002.2, p. 06).

Ora, em decorrência dessa afirmativa, podemos questionar se o estado de natureza e o estado ferino não seriam a mesma coisa e, de fato, essa afirmativa é provável. No entanto, Vico nunca afirmaria que, nesse estágio há algum tipo de sociedade, uma vez que um dos princípios da vida civil, como vimos na ideia da obra, é o matrimônio e nem mesmo essa espécie de aliança existia na época dos primeiros humanos. Guido continua sua explanação sobre esse assunto e diz que:

Pode ser que o estado ferino seja o equivalente ao estado de natureza dos contratualistas, porém Vico foi enfático ao negar a existência da sociedade humana em um estado de completa ignorância, no qual sequer uma aliança precária entre um homem e uma mulher fosse plausível, dado o estado de guerra de todos contra todos. Dessa primeira distinção entre Vico e o pensamento do Século das Luzes fica evidente que as bases do direito natural não estão sob os pés de indivíduos isolados, pois somente quando os homens estabelecem laços – mesmo que muito precários – é que têm início os tempos históricos. (GUIDO, 2002.2, p. 06).

A *Scienza Nuova* representa, nesse contexto, uma teologia civil, à medida que entrelaça as coisas humanas e as coisas divinas. Por isso, anteriormente chamamos a metafísica proposta por Vico, de uma nova metafísica, pois não fundamenta a Física, mas sim uma filosofia moral, analisando os primórdios do mundo civil das nações¹³⁸.

Falamos, portanto, de uma metafísica que busca em provas filosóficas o que se trata do universal, ou seja, do *verum*, e em provas filológicas o que se trata do particular, a saber, do *certum*. Desse modo, a relação entre Filologia e Filosofia é sempre exaltada, por ser essencial no projeto viquiano de uma *Nova Ciência*, pois a Filosofia seria o princípio universal que fundamentaria a Filologia, ou seja, a relação entre o universal e o particular fundamentando esta nova metafísica que busca compreender as coisas do mundo civil.

Em Vico, o estudo da humanidade apresenta, portanto, diferenças significativas quando comparado ao projeto do conhecimento proposto por Descartes. Ao se reportar às histórias dos povos, Vico tem o intuito de encontrar uma universalidade humana, ou natureza humana por meio das manifestações históricas. Souza diz que:

Foi igualmente viquiana a intuição de que, do estudo da filologia e da etimologia se pode chegar ao conhecimento da vida espiritual dos povos mais antigos, e das fábulas, dos poetas, da vida da aurora da civilização. A isso ele juntou, por ter discernido um novo nexos entre a linguagem, o conhecimento e a poesia, a possibilidade de conhecer a origem das nações e o direito natural dos povos, além dos limites da história. (SOUZA, 2007, p.300)

Nesse contexto, o projeto viquiano consiste em considerar os fragmentos filológicos, a fim de que estes, mesmo que não ordenados, possam ser vistos pelo caráter civil que possuem. A indefinição, a incoerência, a obscuridade, por vezes

138 Para Vico, por meio da metafísica pode-se compreender o processo gradual da história e captar desde as “mentes tolas” dos fundadores das nações gentias até as mais racionais.

atribuídas à sua *Scienza Nuova*, expressam a fragmentação, a indefinição e a obscuridade da Filologia, por ambas possuírem uma extensão em seu campo.

Dessa forma, mais do que uma solução, o estudo filológico proposto por Vico, representa uma problemática, tendo em vista que a história comum das nações tem a fundamental participação do arbítrio humano, ou seja, estará sempre revestida pela incerteza e distante daquelas ideias claras e distintas. Sendo assim, "tais devem ser os limites da humana razão. E quem dela quiser sair cuide para não sair da humanidade" (VICO, 1999, p.141).

Por isso, o quinto e último livro da *Ciência Nova* se reporta, exclusivamente, a pensar sobre "O retorno das coisas humanas ao renascer das nações", mais especificamente sobre a barbárie retomada, o que significa dizer que, pela corrupta natureza humana, o mundo civil estará sempre suscetível a recair sobre a barbárie.

A respeito disso, Vico alerta que:

Agora, com esse regresso das coisas humanas civis, que particularmente neste livro se meditou, reflita-se acerca dos confrontos que por toda esta obra, num grande número de matérias, fizeram-se acerca dos tempos primeiros e últimos das nações antigas e modernas; e ter-se-á explicada toda a história, não mais particular e nos tempos das leis e dos fatos romanos ou dos gregos, mas (na identidade substancial de compreender a diversidade de seus modos de se expandir) ter-se-á a história ideal das leis eternas, sobre as quais correm os fatos de todas as nações, em seus inícios, progressos, estados, decadências e fins, ainda que (o que é certamente falso) da eternidade, de tempo em tempo, nascessem mundos infinitos¹³⁹. (VICO, 2007d, pp. 956,957, §1096).

Ora, segundo os cursos que fazem as nações, como vimos anteriormente e confirmamos aqui, no entender de Vico, são três as espécies de governos (divinos, heroicos e humanos), onde cada um destes corresponde a um estágio da história (divino, heroico, humano).

Os governos divinos são teocráticos, ou seja, todas as coisas são ordenadas pelos deuses (oráculos). Os governos heroicos são aristocráticos, onde a natureza dos nobres é considerada de origem divina e, por consequência, onde todas as

¹³⁹ "Ora, con tal ricorso di cose umane civili, che particolarmente in questo libro si è ragionato, si rifletta sui confronti che per tutta quest'opera in un gran numero di materie si sono fatti circa i tempi primi e gli ultimi delle nazioni antiche e moderne; e si avrà tutta spiegata la storia, non già particolare ed in tempo delle leggi e de' fatti de' romani o de' greci, ma (sull'identità in sostanza d'intendere e diversità de' modi lor di spiegarsi) si avrà la storia ideale delle leggi eterne, sopra le quali corron i fatti di tutte le nazioni, ne' loro sorgimenti, progressi, stati, decadenze e fini, se ben fusse (lo che è certamente falso) che dall' eternità di tempo in tempo nascessero mondi infiniti".

questões civis são ordens reinantes dos heróis, restando aos plebeus, de origem bestial, vivenciarem os costumes da vida e da natural liberdade. Já os governos humanos são onde todos se igualam com as leis, uma vez que todos nasceram livres e nasceram livres em cidades também livres, esses governos humanos são as repúblicas populares e as monarquias absolutas.

Dito isso, convém pensarmos sobre essa mudança de autoridade, uma vez que, com o nascimento das repúblicas, há uma passagem de uma autoridade de domínio (pais, filhos e fâmulos), para uma autoridade de tutela (democracia). Ora, isso reflete na questão sobre a barbárie retomada. Há de se considerar, então, a relação, nas repúblicas populares, entre o governo e o povo, pois, “nas democracias os povos estão órfãos e devem ser tutelados” (SILVA NETO, 2010, p. 185).

Por isso há uma autoridade de tutela, mas que, em contrapartida, pode causar um desinteresse do povo sobre o que é público o que, conseqüentemente, distancia o governo do povo e resulta numa desigualdade política e privatização do público, ou seja, segundo Sertório:

As democracias estariam fadadas a se tornarem instituições populares a serviço de interesses dos cidadãos poderosos. As liberdades acham-se limitadas pela dominação do aparato republicano, que recia agora, com a capa da democracia, a sociedade aristocrática e desigual, dividida em nobres e ignóbeis. (SILVA NETO, 2010, p.186).

Para Vico, a questão da igualdade social, inserida na discussão sobre os ciclos da história, é de extrema importância para a discussão sobre a vida civil, uma vez que a sociedade civil e o Estado, em seus primórdios, são instituídos por meio da desigualdade social. Sobre isso, Guido nos diz que:

A trajetória da humanidade está em sintonia com o progresso do espírito que arrasta o homem para a realização da sua natureza humana, que implica na igualdade social e na plenitude da razão. Toda vez que essas duas marcas exteriores à natureza humana forem negadas, a humanidade e o indivíduo entram em situações de barbárie. (GUIDO, 1998, pp. 281, 282).

De todo modo, o sentido prático de tal ciência alerta sobre o risco de uma nova barbárie, consequência do primado da razão, uma vez que “o homem por indefinida natureza da mente humana, onde quer que esta se precipite na ignorância, ele faz de si regra do universo”¹⁴⁰ (VICO, 2007d, p. 494, §120).

Sobre isso, podemos nos reportar ao seguinte poema de Carlos Drummond

¹⁴⁰ “L' uomo per l' indiffinita natura della mente umana, ove questa si rovesci nell' ignoranza, egli fa sé regola dell' universo”.

de Andrade, chamado “O homem; as viagens”, onde as conquistas humanas progridem, o conhecimento sobre as coisas se realiza, mas, no meio disso, o humano pode não conhecer a si mesmo e, por consequência disso, não se realizar também no que se refere à convivência humana:

O homem, bicho da terra tão pequeno
 Chateia-se na terra
 Lugar de muita miséria e pouca diversão,
 Faz um foguete, uma cápsula, um módulo
 Toca para a lua
 Desce cauteloso na lua
 Pisa na lua
 Planta bandeirola na lua
 Experimenta a lua
 Coloniza a lua
 Civiliza a lua
 Humaniza a lua.

Lua humanizada: tão igual à terra.
 O homem chateia-se na lua.
 Vamos para marte - ordena a suas máquinas.
 Elas obedecem, o homem desce em marte
 Pisa em marte
 Experimenta
 Coloniza
 Civiliza
 Humaniza marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.
 Vamos a outra parte?
 Claro - diz o engenho
 Sofisticado e dócil.
 Vamos a vênus.
 O homem põe o pé em vênus,
 Vê o visto - é isto?
 Idem
 Idem
 Idem.

O homem funde a cuca se não for a júpiter
 Proclamar justiça junto com injustiça
 Repetir a fossa
 Repetir o inquieto
 Repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.
 O espaço todo vira terra-a-terra.
 O homem chega ao sol ou dá uma volta
 Só para te ver?
 Não-vê que ele inventa
 Roupa insiderável de viver no sol.
 Põe o pé e:
 Mas que chato é o sol, falso touro

Espanhol domado.

Restam outros sistemas fora
Do solar a colonizar.
Ao acabarem todos
Só resta ao homem
(estará equipado?)
A difícilima dangerousíssima viagem
De si a si mesmo:
Pôr o pé no chão
Do seu coração
Experimentar
Colonizar
Civilizar
Humanizar
O homem
Descobrimo em suas próprias inexploradas entranhas
A perene, insuspeitada alegria
De con-viver.
(ANDRADE, 2003, p.718, 719).

Nesse sentido, considerando a história e suas nuances, é sobre os rumos da vida civil e a relação de Vico com a Contemporaneidade, como resultado das questões tratadas nessa pesquisa, que nos dedicaremos agora.

4.2 DA BARBÁRIE DA REFLEXÃO E DOS RUMOS DA VIDA CIVIL: VICO E OS CONTEMPORÂNEOS

Sabemos que nos séculos posteriores a Vico algumas dessas questões foram retomadas, seja no sentido de aproximação com as ideias viquianas, seja no sentido de distanciamento. Começamos por destacar, nessa discussão, por exemplo, o conceito de natureza humana em Karl Marx (1818-1883) que, assim como Vico, rompe com uma concepção abstrata da natureza humana.

Estamos diante de pensadores que, de algum modo, esboçaram a realidade de modo dinâmico e defenderam que, ao se tratar do gênero humano, as questões são sempre envoltas de complexidades, obscuridades, contradições e modificações

Diante disso, de modo muito comum ocorrem alguns equívocos ou dificuldades nas leituras desses autores, o que resulta em diversas interpretações, muitas delas antagônicas e, no pior dos casos, resulta em alguns prejuízos de ordem conceitual, pois, é na tentativa de criar fronteiras e territorializar o pensamento de

autores como Vico e Marx, que muito se perde desse arcabouço formado por um modelo vasto de possibilidades conceituais que nos é fornecido.

É perceptível que quando Vico narra em sua Autobiografia tanto o seu processo de formação intelectual, quanto as mudanças históricas e a trajetória das suas obras, o mesmo nos apresenta o quanto tudo isso está emaranhado nos seus desdobramentos conceituais.

Vimos que a Ciência Nova diz respeito a um projeto de vida, ou seja, os caminhos até essa obra, sofreram interferências internas e externas e, embora a preocupação com a vida civil estivesse sempre presente, o modo de abordagem, a escolha por destacar um aspecto ou outro, ou mesmo o ponto de partida e o de chegada, são expressões evidentes de que o Vico das Orações Inaugurais, do *De Ratione*, do *De Antiquissima*, do Direito Universal traz, em cada um desses momentos, algo novo em suas abordagens, por vezes ressignifica, redireciona, reformula, por vezes abandona, aniquila ou promove ruptura, o fato é que esse movimento interno constituiu o Vico da Ciência Nova.

Percebemos a passagem de um Vico que trata a questão da natureza humana muito mais relacionada à ordem das coisas ou, mais especificamente, à uma fundamentação metafísica do direito eterno, como vimos no Direito Universal, para uma concepção mais ampla que trata da fundação da vida civil, da gênese do mundo das nações, como vimos na Ciência Nova:

o propósito é investigar a gênese e a estrutura da *humanitas* no seu todo e, com isso, construir uma ciência que compreenda a ideia de nação a partir de um núcleo duro (“a natureza comum”) e que, ao mesmo tempo, aponte o sentido de sua historicidade. Assim, se no Direito Universal, especialmente no livro *De uno*, Vico incorpora a concepção jusnaturalista que se fundamenta na sociabilidade natural humana, na Ciência Nova ele indicará que a justificação do direito é inseparável de um estudo das origens, isto é, da sua fundação no mundo civil (PEREIRA FILHO, 2014, p. 159).

É nessa ampliação do campo de análise, que Vico reformula a definição de ‘natureza humana’ e, por meio de sua ‘nova arte crítica’, tenta garantir que as questões relacionadas ao gênero humano considerem unidade e multiplicidade, formando um conjunto do que seja a natureza humana em seus mais variados aspectos e mais variadas demonstrações: o direito, a linguagem, a economia, a política, os costumes.

Sendo assim, se antes existia em Vico uma caracterização metafísica da natureza humana – a natureza fez os homens -, na Ciência Nova o ser humano molda, historicamente, a sua própria natureza – os homens fazem a história-. Percebemos, com isso, que o próprio conceito de natureza humana sofre alterações, como afirma Pereira Filho:

Vico não trabalha mais com a ideia de uma natureza humana atemporal, que pode ser encontrada no indivíduo isolado tomado como ser racional de uma espécie biológica, pois as propriedades mentais, linguísticas, psicológicas, afetivas dos indivíduos devem ser tomadas sempre e em conjunto, como em Marx, a partir das relações sociais que compõem uma totalidade, um modo de ser, a modificação de uma dada época, que não deve ser confundida com outra. (PEREIRA FILHO, 2014, p. 160).

Desse modo, quando Vico relaciona a natureza humana com a história, o caráter abstrato da natureza humana dá lugar a uma perspectiva concreta, no sentido de afirmar que, para cada ciclo histórico, há uma natureza humana correspondente, ou seja, para cada idade histórica há uma natureza distinta.

Não há, aqui, uma tentativa de reivindicar Vico a uma tradição ou distanciá-lo de outras, queremos ressaltar a importância de percebermos algumas das várias nuances do pensamento viquiano. Nesse caso, é perceptível a contribuição viquiana para o Marxismo contemporâneo, em especial, no que diz respeito ao seu caráter materialista. Sobre isso, Vanzulli afirma:

O método de Vico aparece de tipo genético-crítico, não essencialístico, na medida em que resolve a natureza de uma coisa na sua constituição genética, reconduzindo-a ao complexo de condições que tem determinado o seu nascimento. A natureza surge no tempo. A natureza de cada objeto pertence inteiramente à ordem do fenômeno histórico e exclui sua ligação a qualquer outra ordem de significado. A natureza de uma coisa deve ser indagada a partir de seu nascimento e de seu tempo. Qual preceito poderia ser mais claro em seu valor materialista e anti-trans-cendentalista? (VANZULLI, 2005, p. 109).

Nesse contexto, apesar das aproximações entre Marx e Vico, é necessário pontuarmos que o campo de análise em cada um se mostra de acordo com as questões da sua própria época. Em Vico, temos uma concepção de história que se debruça sobre as origens ou princípios da vida civil, em Marx temos uma concepção de história que se baseia na análise e na crítica ao modo de produção capitalista.

Sabemos que n 'O Capital, Marx dedica uma nota de rodapé para chamar atenção ao fato de Vico ser responsável por apresentar os princípios do mundo das nações por um viés histórico e considerando uma realidade concreta. Marx afirma:

Darwin atraiu o interesse para a história da tecnologia natural, isto é, para a formação dos órgãos das plantas e dos animais como instrumentos de produção para a vida. Não mereceria igual atenção a história da formação dos órgãos produtivos do homem social, da base material de toda organização social particular? E não seria ela mais fácil de ser compilada, uma vez que, como diz Vico, a história dos homens se diferencia da história natural pelo fato de fazermos uma e não a outra? (MARX, 2013, p. 669)

Além dessa nota, Marx cita Vico em mais duas cartas de 28 de abril do 1862, a primeira para Lassalle e a segunda para Engels. De todo modo, aqui, pontuamos a contribuição de Vico para a contemporaneidade, a fim de que reconheçamos, no leque de referências, algo bem maior do que apenas reivindicar ou nomear Vico como pertencente a determinada tradição.

De todo modo, reconhecemos que o pensamento viquiano foi associado também a outras tradições, mas, no presente momento, nossa via interpretativa se debruça sobre a influência viquiana para a tradição materialista e, conseqüentemente, para os autores marxistas. Como confirma Vanzulli:

Trotsky, que leu os ensaios de Labriola sobre o materialismo histórico, cita Vico no começo da História da revolução russa, comentando que a teoria elaborada por Vico dos ciclos históricos refere-se à observação das órbitas das antigas civilizações pré-capitalistas e, em parte, das primeiras tentativas do desenvolvimento capitalista. Paul Lafargue dedica a Vico um capítulo de *O determinismo econômico de Karl Marx*. Outros marxistas sobre os quais a obra de Vico exerceu a sua influência foram: na França, Sorel, que chegou a Vico através de Marx: sua tentativa de reforma do socialismo passa através de Vico; na Itália, Labriola: seu marxismo se desenvolveu através da sua leitura de Vico; e Gramsci, que tentou utilizar Vico na sua reforma do marxismo, (porém, é provável que sua leitura de Vico fora mediada pela interpretação idealista de Benedetto Croce). Nos anos trinta e quarenta, na União Soviética, houve publicações sobre Vico (Maksimovskji) e, em 1940, a tradução russa da Ciência Nova (A. Guber). Entre os autores marxistas que escreveram sobre Vico, podemos mencionar também Max Adler, Max Horkheimer e o crítico literário Edmund Wilson. (VANZULLI, 2005, p.108)

A tradição materialista vê como referência essa relação viquiana entre a natureza humana e a história, relação essa que, durante a presente pesquisa, identificamos, em Vico, como a “história ideal eterna”. Vico fala em ciclos históricos ou

“sobre os cursos que fazem as nações”, justamente para indicar uma história fluida que, embora se apresente baseada em momentos comparativos, não se trata de uma história engessada, pois cada período ocorre da sua própria forma, transcorre e percorre mediante suas próprias particularidades, corre por um curso próprio e, portanto, confirma que a história não se repete, mas rima, ou seja, esse movimento das nações nos remete a tempos que se conjugam de acordo com a natureza de cada povo, os ciclos são como rios que se encontram.

Em consonância com a metáfora da música, que demonstramos no início desse trabalho para apresentarmos o arcabouço do pensamento viquiano, (PEREIRA FILHO, 2014, p. 167) afirma algo complementar, quando diz que “esta polifonia acentua que se há similaridade no desdobramento das nações, o ritmo é ora mais lento, ora mais acelerado, mas jamais se confunde com a monotonia da marcha única do espírito Absoluto”, isso porque, para cada ciclo, existe uma natureza humana correspondente. Isaiah Berlin afirma algo próximo a isso, quando escreve que:

as leis que governam a história de cada nação na sua origem, crescimento, desenvolvimento, maturidade, decadência e queda parecem estar baseadas em um símile polifônico, no qual cada nação, cada cultura, cada grupo de instrumentos, toca sua própria harmonia idêntica ou ao menos similares, tocadas em outras escalas e *tempi*, por outros grupos de instrumentos, outras nações e culturas, em outras partes e épocas.(BERLIN, 1982, p.81).

Seguindo esse caminho conceitual, tendo em vista que cada ciclo tem a sua natureza correspondente, a recorrência de cada ciclo, ocorrida em uma nova época e em um novo tempo, terá, portanto, um diferente povo, por isso mesmo, terá também uma natureza humana própria. Sendo assim, a barbárie da reflexão ou barbárie retomada, difere daquela dos sentidos à medida que diferem os povos e as naturezas que os constituem.

Diante disso, veremos como autores posteriores a Vico dialogaram com a questão da barbárie da reflexão, como é o exemplo de Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973) em *Dialética do Esclarecimento* [1947], mas antes julgamos ser importante destacar a obra de Horkheimer, *Origens da Filosofia burguesa da História* [1930], onde este dedicou um capítulo específico para o pensamento viquiano, intitulado *Vico e a Mitologia*; pois convém afirmar que é a partir de um projeto de Filosofia Burguesa que temos como resultado o risco de uma nova

barbárie, expressa na *Dialética do Esclarecimento*, uma vez que esse processo se sustenta pelo desencantamento do mundo diante da ciência moderna e a matematização do espaço.

Horkheimer inicia seu texto com inúmeras qualificações sobre Vico, é certo que algumas são questionáveis e variam conforme as interpretações sobre as obras viquianas, mas, em todo caso, exprimem o reconhecimento de Horkheimer à importância de Vico. Ele afirma que enxerga Vico

não só como um dos maiores filósofos da história, mas igualmente como um sociólogo e psicólogo importante e original. A juntar a tudo isto foi um renovador da filologia, fundou a filosofia da arte e possui um jeito especial para grandes contextos culturais, nunca visto durante toda a sua vida, nem sequer nos séculos que se seguiram. Vico é uma prova de como a ocupação com a história, quando esta tem como meta não um ensaio de aparências superficiais, mas igualmente a descoberta de contextos regulares, pode ser portadora de uma fertilidade universal. (HORKHEIMER, 1970, pp.91,92)

Dito isso, Horkheimer situa Vico no contexto da Modernidade, expondo as divergências viquianas com o modelo de conhecimento dos modernos, questão que já discutimos e que convém destacar, uma vez que confirma, pela exposição de filósofos que se seguiram, o quanto Vico levantou, em sua época, questões que destoavam das discussões que ganhavam notoriedade em seu tempo, mas que, posteriormente, mostraram-se de extrema relevância. Não vamos discutir aqui sobre a polêmica de um Vico precursor, mas, de todo modo, confirmamos o sentimento de atopia viquiano diante do modelo de ciência moderno que privilegiava uma razão meramente matematizada. Horkheimer afirma que

Vico aproveita o princípio do conhecimento exclusivo do realizado por si, tornando-o no fio de prumo da sua filosofia - só que lhe dá um significado completamente diferente e nunca ouvido. Aquilo que os homens criaram eles próprios e aquilo que deve por isso ser o objecto mais nobre do conhecimento - aquelas criações em que a substância da natureza humana e do espírito se manifestam de modo mais evidente - não são as construções fictícias da razão matemática, mas a realidade histórica. (HORKHEIMER, 1970, p.93)

Para Horkheimer, Vico defende que “as ideias espirituais, características de um período, surgem do processo de vida social, no qual a natureza e o homem se encontram em ação recíproca” (HORKHEIMER, 1970, p.101). Dito isto, a figura de Homero é inegavelmente essencial para esse estudo, uma vez que “A descoberta do verdadeiro Homero”, tema no Livro III da *Scienza Nuova*, representa a tentativa prática

viquiana de unir o verdadeiro e o certo para pensar um problema recorrente em toda a história e até hoje discutido, que se trata da veracidade da vida e obra de Homero.

No entanto, Vico parte de uma questão aparentemente específica como “Homero existiu ou não?”, para discutir sobre os universais fantásticos, ou seja, a afirmação de que fantasia é uma forma de cognição. Vico, já em seu tempo, afirmou que Homero não existiu enquanto pessoa física, mas como um universal fantástico.

Quando muito se afirma que Homero jovem escreveu a *Ilíada* e o Homero velho escreveu a *Odisseia*, para Vico, era a jovem Grécia que escrevia a *Ilíada* e a que *Odisseia* foi escrita noutros tempos da Grécia. Homero seria, portanto, um universal fantástico dos povos gregos cantando seus tempos.

Ora, mais de 200 cidades reivindicam a cidadania de Homero e, pelo que há reivindicado, Homero teria, pelo menos 2000 anos de vida. Para Vico, sendo um universal fantástico, tanto Homero nasceu em todas essas cidades, quanto ele teria mais de 2000 anos. Sobre essas características e sobre as particularidades que compõem a *Ilíada* e a *Odisseia*, Burke diz que:

Vico também observou que os costumes descritos na *Odisseia* eram mais refinados do que os da *Ilíada*. Esta discrepância forçou-o à conclusão de que “os dois poemas foram compostos e compilados por várias mãos em épocas sucessivas”. Estavam separados por centenas de anos. Assim, depois de escrever durante anos sobre “Homero” como uma pessoa, Vico mudou de posição e sugeriu, como o fizera D’Aubignac, que o poeta era um mito; não um indivíduo histórico, mas sim “uma ideia ou um caráter heroico” dos gregos. Ele não se projetou acima do povo grego, mas, pelo contrário, estava “perdido na multidão”. (BURKE, 1997, p. 63).

Assim, quando anteriormente afirmamos que, segundo Vico, a sabedoria poética é anterior à sabedoria filosófica, que seria como dizer que os primeiros humanos com suas fábulas, foram os primeiros autores, ou poetas-teólogos da história que narraram, por meio das fábulas, terem fundados as nações gentílicas, dizemos, conseqüentemente, que a mitologia seria o material narrativo que há de mais importante quando consideramos o conhecimento do mundo primitivo.

A história das idéias possibilita o conhecimento da barbárie primitiva, do momento do primeiro pensamento humano, para demonstrar o desenvolvimento desse pensamento na constituição dos primeiros governos humanos, culminando com a filosofia e com o apogeu das nações antigas. Seguiu-se ao apogeu um período de extrema decadência, que para Vico foi a segunda barbárie – ele se referia à vida medieval e aos vínculos vitais entre o homem e a terra. Embora a humanidade tenha conservado as conquistas do período anterior, o comportamento humano recaiu na violência característica da primeira

barbárie, surgiu novamente o sistema servil, a autoridade ilimitada dos pais de família, o desaparecimento do poder real, o declínio das cidades, enfim, a humanidade adentrou em uma nova barbárie. (GUIDO, 2002.2, p. 15).

Com isso, confirmamos, aqui, que o projeto viquiano consiste não só na investigação sobre a gênese do mundo civil das nações mas, a partir disso, mediante os rumos da ciência, representa também o alerta contra uma barbárie da reflexão capaz de comprometer a vida civil e, conseqüentemente, comprometer todas essas questões que a atravessam.

Desse modo, destacamos a aproximação do alerta viquiano com a preocupação exposta na *Dialética do Esclarecimento*. Diante do diagnóstico da Modernidade, Adorno e Horkheimer apresentam o questionamento sobre o porquê da humanidade, em vez de adentrar num estágio verdadeiramente humano, de maneira notória, está decaindo em uma nova espécie de barbárie. O diagnóstico feito sobre o Esclarecimento é, portanto o de que “o pensamento cegamente pragmatizado perde seu carácter superador e, por isso, também sua relação com a verdade”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.3).

Daí o alerta viquiano se direcionar aos cuidados com a vida civil, pois, de acordo com os *corsi e ricorsi* da história ideal eterna, se em tempos remotos houve a barbárie dos sentidos, nestes tempos corre-se o risco de uma barbárie da reflexão. Vico diz que:

Fizeram das cidades selvas e das selvas, covis de homens; e, desse modo, dentro de longos séculos de barbárie vão entorpecer as grosseiras sutilezas dos engenhos maliciosos, que os tornariam feras mais imanes com a barbárie da reflexão, do que não tinham sido na primeira barbárie dos sentidos. Pois aquela revelava uma arrogância generosa, de que se podia defender alguém, sobrevivendo ou defendendo-se; mas esta, com uma ferocidade vil, dentro de lisonjas e abraços, arma ciladas à vida e às fortunas de seus confidentes e amigos¹⁴¹. (VICO, 2007d, p. 967, §1106).

Adorno e Horkheimer demonstram a preocupação com a barbárie e por meio de um pensamento crítico e reflexivo a respeito da sociedade moderna, afirmam que o indivíduo se mostra refém de uma sociedade marcada pelo amplo processo de

¹⁴¹ “*Vadano a fare selve delle città, e delle selve covili d'uomini; e'n cotal guisa, dentro lunghi secoli di barbarie vadano ad irruginire le malnate sottigliezze degl'ingegni maliziosi, che gli avevano resi fiere più immani con la barbarie della riflessione che non era stata la prima barbarie del senso. Perché quella scuopriva una fierezza generosa, dalla quale altri potevan difendersi o campare o guardarsi; ma questa, con la fierezza vile, dentro le lusinghe e gli abbracci, insidia alla vita e alle fortune de' suoi confidenti ed amici*”.

“esclarecimento”. Destacamos que ambos os autores da escola de Frankfurt, viveram no contexto conturbado da Alemanha nazista, fato que reflete nas suas observações, que são o resultado da crítica ao modelo de racionalização apresentado com o Iluminismo.

Para Adorno e Horkheimer, o termo Esclarecimento, sinônimo de Iluminismo ou Ilustração, é utilizado a partir de Kant. Em Vico não encontramos esse conceito. Vico utiliza uma terminologia mais histórica para designar esse momento de esplendor da razão que, para ele, seria, a idade dos homens. É certo que há algumas discordâncias na abordagem viquiana em relação aos autores do Século das Luzes, mas tanto Kant quanto Vico reconhecem o Esclarecimento como o momento em que a razão se mostra em um estágio desenvolvido, caracterizando, assim, a autonomia do intelecto.

Vico se utiliza de aspectos históricos para compreender não só a maioridade do entendimento, mas seus momentos de declínio e queda, aos quais reconhecemos como os momentos de barbárie. É importante destacar que, para Vico, a barbárie não representa o fim da história e nem a degeneração fatal do intelecto, mas a necessidade de se refazer a história e o próprio intelecto.

Para Kant, o esclarecimento liberta o homem do medo da natureza, representando os valores iluministas que separam o homem da natureza e o sujeito do objeto. Essa separação do homem com a natureza se refere a um processo de desmitologização ao longo da história, ocorrendo períodos em que o homem tenta se libertar da força e potência mítica da natureza. No entanto, para Adorno e Horkheimer, o modelo de esclarecimento moderno representa uma armadilha para si, pois

O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objectividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.7).

O “esclarecimento” criticado por Adorno e Horkheimer, diz respeito ao processo de racionalização, que sugere que o gênero humano seja guiado pela lógica do cálculo e da previsibilidade, pela matematização do conhecimento, que considera como válido apenas o conhecimento daquilo que se mostra como claro e distinto, comprovado segundo a lógica racional da ciência moderna, pela alienação do indivíduo, uma vez que o sujeito é dominado por uma técnica racional como verdade, pela intensificação desmedida da técnica, onde somente os métodos baseados na

racionalidade, no cálculo e na disciplina, são considerados válidos.

Diante disso, o diagnóstico, segundo os filósofos de Frankfurt é o de que, portanto, “com a difusão da economia mercantil burguesa, o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol da razão calculadora, sob cujos raios gelados amadurece a sementeira da nova barbárie” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.18).

Ao final da sua *Scienza Nuova*, Vico faz algumas especulações sobre os rumos do iluminado século XVII, apontando os riscos do retorno à barbárie. É certo que, da modernidade para os nossos tempos, a razão vem num processo de desenvolvimento que se confirma, em especial, pelo avanço das ciências e, com isso, da criticidade, algo que, para Vico, só se torna possível na idade dos homens.

Em contrapartida (este é o cerne da crítica viquiana ao cartesianismo), tal progresso e expansão da racionalidade vem acompanhado de uma pretensão de fazê-la compreender todas as coisas, ao passo que descarta e invalida aquilo que não consegue compreender. Isso, no entender de Vico, desconsidera outros aspectos que, são importantes para o gênero humano, que seriam: a imaginação, a memória, a fantasia. Além do que, “a razão para Vico não é uma luz natural e sim uma construção social que se dá a partir do desenvolvimento da mente humana” (GUIDO, 1998, p. 287).

Desse modo, quando Vico fala de uma barbárie da reflexão, reporta-se ao risco desse caráter racional, a aridez do juízo analítico e o esquecimento do caráter poético, tomar proporções tão significativas, a ponto de existir a possibilidade de uma barbárie da reflexão. Segundo Guido, a preocupação de Horkheimer com a barbárie também se fundamenta na crítica ao modelo de ciência da modernidade e ao propósito de dominação da natureza pelo sujeito moderno.

Um dos temas centrais da reflexão de Horkheimer, seja nos escritos da década de trinta, seja nos escritos da segunda metade da década de quarenta, é a dominação da natureza. As consequências de tal dominação se voltam contra o próprio sujeito moderno[...]. A ciência é a verdadeira *práxis* social e a crise da ciência moderna é o sintoma mais visível da crise geral do mundo ocidental- o mundo capitalista. (GUIDO, 2001, p 202)

Para Vico, trata-se de um movimento interno da razão, quando se chega ao excesso de crítica, ao ceticismo e a outras questões que estabelecem um risco para a vida civil, representando sempre um período de crise histórica. É nesse ponto que a

crítica de Horkheimer encontra a tese de Vico de que a subjetividade do ser humano não deve ter como finalidade a dominação da natureza exterior. Sobre isso, Guido ainda afirma que:

Após o término da Segunda Guerra Mundial, ficava evidente, para Horkheimer, que os progressos da ciência dos modernos haviam consolidado uma nova forma de irracionalismo, isto porque a razão instrumental e o Estado administrado reproduzem continuamente a dominação da natureza exterior e interior. (GUIDO, 2001, p. 203)

Ainda sobre isso, destacamos que além desses aspectos citados, a crítica viquiana ao modelo de racionalismo inaugurado por Descartes, como vimos nos capítulos anteriores, também se direciona ao detrimento das ciências morais e enaltecimento das ciências naturais. Convém também ressaltarmos que Vico não alerta sobre os rumos da vida civil e os riscos de uma nova barbárie com pessimismo, pois, como afirma Guido:

O temor da recorrência da barbárie não revela uma forma de pessimismo da filosofia viquiana [...]. Embora sempre muito crítico em relação ao Século das Luzes, Vico foi otimista, porque para ele a história é progresso e, portanto, a barbárie por mais temida que seja é sempre a oportunidade de regeneração do homem, pois os tempos bárbaros são o prenúncio de um novo ciclo de humanização. (GUIDO, 1998, p. 293).

Em Vico, nasce esse alerta, mas, de acordo com o modelo helicoidal, a barbárie aparece no estágio de início e no estágio de decadência e fim para, assim, vislumbrar um recomeço, pois, como afirma Sertório:

tal como o começo do processo histórico, também será o seu fechamento: torpe e baixo. Ou seja, começamos entre Polifemo e a finalizamos entre Calígula e Nero. Tão logo atingimos as maiores comodidades, inicia-se o processo inverso, o da decadência humana. (SILVA NETO, 2010, 185).

Sendo assim, convém pensarmos que os riscos dessa barbárie da reflexão acompanham o alerta da crise da moralidade, de uma decadência moral advinda do progresso de um modelo de racionalidade, de um *cogito* que ao garantir uma existência individual, em contrapartida, não apresenta resquício algum de uma existência social e, conseqüentemente, de uma moral que atenda a essa realidade.

Isso nos leva a pensar que, mesmo com Croce tendo, no início do século XX, promovido uma interpretação idealista do pensamento viquiano, como se o modelo de

uma história ideal e eterna se fundamentasse numa repetição sempre idêntica, podemos lançar nosso olhar para Vico no Historicismo Moderno, tendo em vista que, para Vico, os eventos históricos não se repetem e que há a ideia progressista que, por sua vez, comporta a ideia de queda, de uma nova barbárie.

Por outro lado, Vilén Flusser (1920-1991) não tem essa ideia progressista, o filósofo tcheco-brasileiro decretou que vivenciamos um momento de “pós-história”. Para isso, Flusser tomou como base a crise do conhecimento científico construído nos moldes da modernidade, a cultura de massa, a manipulação das pessoas pelos “aparelhos”, a crise generalizada do sistema e a cultura ocidental capaz de, por exemplo, projetar um acontecimento como Auschwitz, pois, para Flusser:

Tudo o que aconteceu depois [...]. Todos os eventos econômicos, sociais, políticos, técnicos, científicos, artísticos, filosóficos são corroídos por tal pergunta indigesta. A distância que nos separa do evento não mitiga o abismo, escava-o ainda mais. Porque a distância vai dissolvendo a aura de horror que encobre o evento, e vai abrindo a visão da cena. Vai revelando que lá todas as nossas categorias, todos os nossos “modelos”, sofreram naufrágio irreparável. (FLUSSER, 2011, p. 21).

Trazer Flusser à discussão significa muito mais do que confirmar o alerta viquiano sobre o declínio da humanidade, por meio de acontecimentos que o sucederam, como o holocausto e os demais genocídios dos quais temos conhecimento. Flusser amplia o debate. Vico não decreta o fim da história, já que a enxerga de forma progressiva. Por isso, esse contraponto com Flusser é importante para firmarmos nossas possibilidades de interpretações diante da realidade contemporânea. Não há, portanto, um juízo de valor a respeito do pensamento de Vico ou de Flusser mas, se fosse o caso, demarcaríamos que esse leque interpretativo, de todas as formas e por todos os lados, só nos enriquece.

Aqui se configura, portanto, uma tentativa de expandir essa questão a todos e todas que se propõem a pensar sobre os rumos da vida civil e, assim, romper com modelos unilaterais sobre a natureza humana, não reduzindo o ser humano exclusivamente a um caráter racional que se perde em si mesmo à medida que faz de si regra de tudo o que existe, o que comprometeria os rumos da civilidade, esquecendo de considerar todos os demais aspectos referentes ao humano, como a memória, a fantasia e a imaginação.

Diante do que nos foi dito, seja por Vico, seja pelos contemporâneos, nós

sabemos o que nos trouxe até aqui, todavia, precisamos nos dedicar a questões mais urgentes. Quando Flusser fala sobre Auschwitz, chama atenção a isso, ou seja, que precisamos modificar a nossa abordagem metodológica diante da realidade:

Por isto a pergunta diante da qual Auschwitz nos coloca não é: como foi que isto aconteceu? Pouco adianta “explicar” Auschwitz. A pergunta fundamental é: como era possível isto? Porque o que está em questão não é o campo de extermínio, mas o Ocidente. (FLUSSER, 2011, p. 21).

Se tomamos esse exemplo como provocação para algumas questões, somos levados a pensar não só sobre a pergunta “o alerta viquiano sobre uma barbárie da reflexão se concretiza?”, mas, de modo muito mais profundo, pensar sobre “como foi possível que se concretizasse?” ou, mais importante ainda, “como partir desse alerta para ficarmos sempre atentos ao nosso modelo de racionalidade?”.

Afirmar ou negar a concretização do alerta viquiano é algo vago para um sentido maior, pois, ao nosso ver, a importância do alerta viquiano está no próprio exercício de alertar, uma vez que afirmativas e/ou negativas não oferecem progresso no campo de uma filosofia prática. Ora, o que vem depois da afirmativa e/ ou da negativa? O que faremos com essa informação? Nesse sentido, confirmamos que o alerta viquiano a respeito dos riscos de uma barbárie da reflexão é relevante e necessário para que continuemos atentos aos modelos de racionalidade que exercemos no processo de formação da nossa vida civil.

Por isso, pensamos por que falamos em barbárie ao passo que também estamos falando em esclarecimento, em entendimento, em reflexão? Se no auge da racionalidade somos bárbaros, o que esperarmos de nós mesmos? Para onde mais iremos depois disso? Um retorno aos caracteres poéticos representaria um progresso? Ora, ao falarmos em ciclos históricos, a própria história não nos traria, inevitavelmente, para onde estamos? Não estaríamos, portanto, pré-condenados a passarmos por isso? Sendo assim, o modelo viquiano de *corsi* e *ricorsi* pressupõe algo já determinado?

Sabemos que o alerta viquiano foi feito e que nós o recebemos e o consideramos, refletimos sobre o mesmo e, como dissemos, mais do que respondermos se o alerta viquiano de fato se concretizou, propomos, aqui, a necessidade de pensarmos sobre essas questões, de modo que o próprio ato de reflexão, de racionalidade, que noutro momento foi motivo para o alerta de uma

barbárie retomada, converta-se, nesse momento, de forma positiva para a humanidade.

A história, como muito foi dito, não se repete, não é rígida, pois os cursos históricos fluem de acordo com a natureza humana, visto que é produto do fazer humano. Por sua vez, o exercício do pensar não é meramente algo abstrato, pensar a questão é uma prática necessária para que as transformações concretas não sejam meros artifícios. Já o caráter poético, esse pode nos auxiliar a não re-caírmos numa racionalidade engessada e unilateral.

Nomear o que o gênero humano vem sofrendo nos últimos tempos talvez seja o que há de menos urgente, pois, sabemos que, de alguma forma ou de muitas formas, vivenciamos tempos muito difíceis para a humanidade.

Por um lado, se escolhemos um viés pessimista, resta-nos o válido lamento por termos fracassado enquanto gênero humano, por outro lado, se escolhemos um viés otimista, como em parte o viquiano se mostra, convém, então, partirmos do pensamento sobre “Como estarmos em alerta contra a barbárie?”, para pensarmos com urgência em como nos regenerar, como nos reestabelecer, pensarmos em “Como é possível renascermos depois (ou apesar) da barbárie?”.

Assim, se “Vico apontava para uma concepção da história, em que a barbárie não desempenhava somente o papel do início, mas também o do desfecho e de reinício” (SILVA NETO, 2010, 182), cabe a nós entrarmos nesse ritmo histórico dos *corsi* e *ricorsi* e, considerando as modificações da história, enquanto seres sociais que somos, fazermos desse declínio do gênero humano o impulso para um possível e urgente recomeço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que vimos, começamos essa conclusão fazendo um levantamento de todo o percurso exegético desta pesquisa.

Podemos destacar, de início, o quanto a formação intelectual de Vico e os valores defendidos pelo mesmo, refletem a preocupação com a maneira de formação dos jovens e sobre qual o modelo de ciência ideal para que a vida civil seja construída de modo não-unilateral, ou seja, não só guiada pelo analítico-crítico, nem tão somente pelo método tópico-retórico, mas numa concordância entre ambos, a fim de que aos jovens primeiro seja ensinado a tópica, depois a crítica, pois que primeiro precisam aprender sobre as coisas, para depois julgá-las.

Ao passo que ressaltamos a crítica viquiana ao modelo dedutivo cartesiano, destacamos a influência retórica de uma formação humanística. Vico apresenta um ideal de cientificidade que não é indiferente aos propósitos éticos e políticos da tradição retórica, uma vez que tem como objetivo alertar a constante presença de um retorno à barbárie, como risco constante de destruição da humanidade.

Com vimos, a influência do humanismo no pensamento viquiano, impediu um envolvimento absoluto de Vico com a filosofia cartesiana. No entanto, se por um lado o método dedutivo da filosofia cartesiana era, para Vico, insuficiente para o conhecimento dos aspectos culturais, por outro lado a tradição humanista também não era suficientemente apta para o estudo do mundo da cultura. Dessa forma, Vico aparece como alguém que reconhece os ganhos da ciência moderna, mas ressalta a crítica ao modelo matematizante do seu tempo, propondo uma reforma no âmbito do saber, uma constante tentativa de conciliação entre a tradição humanista e os desenvolvimentos da ciência moderna.

O projeto filosófico viquiano, portanto, confirma sua preocupação com um saber que não abandone a vida prático-civil que, embora apresente um fundamento teórico e metafísico, não possua um fim em si mesmo, mas sim, busque reconstituir os fundamentos da própria vida civil.

Por isso, à medida que Vico apresenta a importância do empirismo, uma vez que demonstra a partir daí a presença do engenho humano e da investigação do mundo natural, também reconhece que o conhecimento do mundo social não pode ocorrer por uma via exclusivamente empírica, necessita de bases racionalistas, uma

vez que admite que só o pensamento sendo inato, o encontro do homem racional com o homem ferino se torna possível.

É nessa tentativa de conciliação, que Vico se mostra interessado numa reforma do racionalismo moderno, considerando que a emancipação da razão está não em reconhecer o ato de pensar inserido no formalismo da ciência cartesiana, mas sim, em confirmar o pensamento como algo histórico e social.

Nesse sentido, partimos da questão pedagógica para a questão gnosiológica. O critério do *verum factum*, a partir do qual Vico afirma que o ser humano pode conhecer aquilo do qual for o autor, também é aplicado à Divina Providência. O que nos faz compreender o estudo viquiano como o estudo da história sagrada e profana, considerando a metafísica viquiana pelo viés histórico, ou seja, investigando os princípios da humanidade tendo como pressuposto o importante papel da providência como régua eterna dos costumes humanos. Isso reforça a afirmativa de que a ciência humana quando aplicada à ciência natural é capaz de conhecer somente sua superfície, como é o caso da ciência experimental que, com suas leis, explicam o fenômeno em sua exterioridade, como matéria e movimento.

Esse interesse viquiano numa proposta de reforma do saber que se distanciasse de um direcionamento exclusivamente matematizante, ocorreu quando o mesmo iniciou a discussão sobre o direito natural e o surgimento das nações. Sobre isso, vimos que no *Direito Universal*, proposto por Vico, há uma ideia de Direito comum às nações, que seria o direito natural das gentes, um Direito compreendido em todo tempo e espaço e, por isso mesmo, universal.

Ainda na questão quanto ao Direito, vimos que Vico nos apresentou a Filologia sendo reduzida à ciência, o que deu suporte para a compreensão do ritmo metodológico da Ciência Nova, bem como para a pesquisa sobre a gênese do mundo civil das nações, o que é imprescindível na discussão sobre os rumos da vida civil.

Mais adiante, especificamos algumas características da Ciência Nova, a ideia da obra, que nos permitiu o conhecimento sobre instrumentos importantes para a pesquisa sobre o gênero humano, onde a figura do frontispício nos possibilitou uma leitura metafórica, deixando-nos entender que a linguagem da obra viquiana faz uso da fantasia, da imaginação, da imprecisão, da obscuridade, que são alguns aspectos próprios do objeto tratado pela Ciência Nova, que diz respeito à complexidade do próprio gênero humano.

Posteriormente, vimos a importância dos Elementos (*dignitates*), configurados por *more geométrico*, demonstrando, com isso, que Vico não é contrário ao método em si, mas defende a sua aplicação pontual e não universal. Nesse ponto, Vico nos mostra seus aforismos (dignidades) sobre aspectos importantes para a pesquisa a respeito da vida civil e a descoberta por princípios do mundo civil das nações.

Logo em seguida, tratamos dos Princípios e do Método da Ciência Nova, a fim de destacarmos as afirmativas viquianas sobre a gênese do mundo civil e como, metodologicamente, isso foi possível mediante a relação entre Filologia e Filosofia, com a reciprocidade entre o certo e o verdadeiro. Quando compreendemos que a gênese do mundo civil nos apresenta uma sabedoria poética, entendemos também a importância do senso comum nesse processo.

A partir disso, nosso caminho chega à discussão sobre a História ideal eterna, confirmando que se trata de uma história que versa sobre aquilo que a realidade concreta não sustenta e é eterna no sentido de que os seus ciclos, embora não se repitam, exprimem certa dinâmica. Por meio desses desdobramentos históricos e percurso da pesquisa, chegamos à discussão sobre a barbárie da reflexão como um modelo de racionalidade rígida e engessada que oferece danos à vida civil

Para Vico, o projeto de Modernidade baseado na via estreita de um modelo racional prejudica a vida civil, uma vez que o modelo matemático não deveria ser aplicado a todas as coisas, justamente por não dar conta de todas elas, como também não deveria usar o critério de clareza e distinção para descartar o verossímil. Assim se fundamenta o alerta viquiano sobre os riscos da vida civil.

Por fim, pensamos também junto a autores contemporâneos sobre a importância do alerta viquiano e a necessidade de nos debruçarmos sobre questões relevantes ao tema da barbárie, como a questão da natureza humana e da história. A partir disso, vislumbramos qual o sentido do alerta viquiano, de acordo com o sentido que ele dá à própria história, a saber: a barbárie como declínio do gênero humano, mas também como possibilidade de regeneração que resultará no caráter progressivo da história.

Após o percurso exegético, convém, agora, ressaltarmos nossa justificativa e anseio em confirmarmos a importância desse tema, pois quando resgatamos o alerta viquiano, reportamos-nos para a necessidade de refletirmos sobre o resgate do sentido de comunidade (comum idade), é com isso que devemos nos preocupar e é isso que precisamos modificar. O alerta viquiano sobre a barbárie da reflexão é,

portanto, um alerta sobre o quanto a nossa natureza humana reflete nos rumos da nossa vida civil e o quão grande é a responsabilidade disso.

Da mesma forma que Vico nos propõe que, para pensarmos as vidas dos primeiros seres humanos deveríamos nos deslocar até os seus tempos rudes, em vez de insistirmos em pensar com as nossas mentes mergulhadas numa racionalidade que não se faz suficiente para dar sentido àquelas épocas, para pensarmos os tempos de hoje, não deveríamos carregar a nossa realidade até o encontro do pensamento de grandes autores, mas sim trazer e ressignificar a filosofia até os nossos tempos que, pelo que vimos, tem todos os aspectos de um tempo rude.

Por isso, essas considerações finais soam como um grito de alerta, não mais somente viquiano, mas baseado nele. Essa pesquisa é, portanto, o eco do grito de alerta viquiano, o som que atravessou as paredes da história, chegando até aqui com outros tons, mas, fazendo-nos ouvir o pulsar do que essencialmente foi gritado, somado às modificações do caminho, modificações essas que não corromperam o grito, pelo contrário, historicamente, o grito se tornou cada vez mais encorpado.

Nesse contexto, percebemos que, quando a nossa democracia adoece, de certo modo, adoecemos todos nós ou, no sentido inverso, quando nós adoecemos, a nossa democracia também adoece.

Assim, esse grito de alerta é encorpado porque se constitui de muitos gritos específicos, mais um vez o particular e o universal se mostram numa relação de reciprocidade, sobretudo se, nos dias atuais, pontuarmos as diversas e específicas nuances que constituem o todo, o todo como sendo o comprometimento com a nossa democracia e o caráter de comunidade.

Por isso, nesse momento, lanço meu olhar para algumas questões que eu julgo serem resultantes da reflexão a qual esta pesquisa, de certo modo, também se propõe. Início com a afirmação de que eu sou uma mulher, isso por si só já carrega uma série de lutas travadas historicamente e cotidianamente por mim e por outras mulheres. Mas, mais agravante do que ser mulher, nesse caso, é ser uma mulher que pesquisa filosofia. Mesmo se só passearmos na superfície dessa questão, afirmaremos que a filosofia foi e ainda é, majoritariamente, pensada por homens, que as figuras de mulheres filósofas foram e ainda são pontuais no decorrer da história da Filosofia e que a atualidade ainda carrega resquícios dessa condição. Esse é, por exemplo, um dos sintomas de uma sociedade adoecida.

Não é, portanto, necessário tanto esforço para afirmarmos que, mesmo ocupando mais espaços, continuamos sendo minorias e, muitas vezes, continuamos sendo excluídas de alguns espaços ou corriqueiramente tendo nossos pensamentos diminuídos ou até camuflados pela voz de um interlocutor masculino.

Por isso, julgo ser necessário partir dessa afirmação de que eu, mulher, penso e escrevo sobre filosofia, penso e escrevo especialmente às outras mulheres e que, dentro de nossas particularidades, comungamos nessa condição de ser mulher numa sociedade que retoma moldes ultrapassados, conservadores, doentios e cruéis. Ora, pensarmos, portanto, sobre a barbárie e os seus consequentes riscos à civilidade, não seria um convite a mudarmos esses moldes?

Por isso, escrevo para alertar a mulher idosa que, apesar de ter vivido tempos mais difíceis, hoje sorri timidamente com esperança de que os tempos melhorem; a mulher jovem que sofre diariamente sendo bombardeada por padrões de beleza inalcançáveis e recicláveis; a menina que mal nasce e já tem que se adequar a um modelo de ser; a mulher branca que reconhece os seus privilégios mesmo que esses não a librem de muitos sofrimentos; a mulher negra que é sinônimo de lutas multiplicadas; a mulher bem sucedida que nega as predestinações que a sociedade machista a impõe e segue entre olhares tortos e misóginos; a mulher economicamente vulnerável que, em meio a escassez de bens e recursos, submete-se por acreditar nos condicionamentos que lhes foram ensinados; a mulher que, entre tantos papéis, também é mãe e tem que trabalhar e realizar todas as tarefas como se não fosse e, ao mesmo tempo, tem que ser mãe como se não trabalhasse ou realizasse tantas outras tarefas; a mulher que não é mãe e, nem por isso, é menos realizada; a mulher dona de casa que as vezes não é dona de si, mas pode ser as duas coisas e ainda mais; a mulher que reproduz discursos machistas por não saber ainda o quanto há para se empoderar; a mulher *trans* que clama por reconhecimento; a mulher lésbica que enfrenta a heteronormatividade, os estereótipos e a invisibilidade; a mulher que tem autonomia para decidir sobre o seu corpo; a mulher que se reconhece enquanto um ser desejante, ousando rasgar todos os moldes historicamente costurados. Direciono-me, em especial às mulheres, mas estendo esse alerta também às demais minorias, para que estejamos atentas e atentos e sejamos resistentes.

E, assim, devo ressaltar que o discurso, aqui, tem a pretensão de alcançar a todas e a todos, mas, principalmente, tem a intenção de alertar, em especial, as

minorias, uma vez que, por sempre vivenciarmos certo grau de barbárie, nesses tempos, devemos estar mais atentas.

Essas minorias podem ouvir como algo comum e estático, simplesmente, que as coisas não mudaram, ou que elas sempre foram assim, que o racismo mudou de roupa, mas não de cor, que as mulheres continuam sendo a escória de uma sociedade misógina, que muitas crianças estão ainda em situação de vulnerabilidade, que pessoas pobres morrem antes da vida acabar e tantas outras mazelas continuam e sempre vão continuar acontecendo.

Sim, tudo isso é real e continua acontecendo, tudo isso existe, mas a questão é não nos deixarmos levar por um conformismo diante de uma realidade histórica e não natural, não nos deixarmos paralisar diante de tempos bárbaros, uma vez que isso só resulta em prol daqueles que destilam o ódio por traz dos discursos de bons costumes.

Por isso, resolvi arcar com a responsabilidade de me colocar nessa pesquisa, pois, diante do tema que nos propusemos tratar, ocupar esse espaço é símbolo de resistência. E o que seria mais ameaçador à barbárie do que a resistência?

No início da pesquisa, usamos a metáfora de comparar o sistema viquiano a uma orquestra e, como num *corsi* e *ricorsi* (idas e vindas modificadas da história), voltamos ao assunto ao concluir essa pesquisa, mas agora para falar sobre quem são os músicos. Ora, a vida civil é ritmada por nós, humanos que, tendo ou não conhecimento sobre música, não devemos silenciar. Não somos meros espectadores, nós estamos no palco, somos quem toca e faz a música, em contrapartida também somos plateia, por vezes afetamos, por vezes somos afetados, e mesmo quando afetados, quando somos plateia, nunca somos passivos, nem mesmo quando nos omitimos de qualquer movimento, pois somos atividade pura, constante e pulsante nesse mundo civil.

Se a barbárie da reflexão, por sua vez, tende a se mostrar de forma sutil e silenciosa, a civilidade não, a civilidade ecoa em todos os lugares. Estejamos, então, atentas e atentos, não tapemos os olhos, os ouvidos, nem a boca, agucemos os nossos sentidos para que, por mais desafinada, estranha e desagradável que soe, a música da civilidade não pare de tocar, que nós, definitivamente, não deixemos que essa música dê espaço ao silêncio ensurdecador e potencialmente fatal de uma barbárie, que os gritos da humanidade ecoem por todo o mundo civil das nações e que, finalmente, esses gritos sejam ouvidos e considerados.

A resistência deve, portanto, ser maior do que essa metástase que corrói o seio e o corpo da nossa sociedade e se traveste de bons costumes quando, na verdade, revela que presenciamos uma barbárie velada por atos sofisticados, uma barbárie dissimulada e, por isso mesmo, potencialmente mais perigosa, uma vez que, por vezes se esconde por traz da covardia ou pretensa ignorância daqueles que são massa de manobra, por vezes é mascarada por discursos que tendem a amenizar os perigos que ameaçam a vida civil. Façamos o diagnóstico, mas não o guardemos em gavetas empoeiradas, em vez disso, tratemos essa doença que afeta toda a estrutura do nosso corpo social.

Dito isto, ressaltamos, por fim, que a construção de uma sociedade justa depende de não nos calarmos diante de tantas ameaças ao processo civilizatório, é efetivamente uma tentativa constante de romper com qualquer aparente grau de barbárie, seja acreditando minimamente na consciência dos que escutam esse grito, seja, principalmente, acreditando na insistência e na luta dos que gritam, pois, de acordo com o que vimos Vico afirmar sobre os cursos que fazem as nações, da mesma forma que provavelmente estamos vivenciando a decadência do gênero humano, estamos, potencialmente, aptos a promovermos o seu renascimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS DE VICO:

VICO, Giambattista. ***De Constantia Jurisprudentis Liber Alter*** [1721]. Ed. Francesco Sa. Pomodoro. Nápoles: Morano, 1861.

_____. ***Dell' unico principio e dell'unico fine del diritto universale*** [1721]. Trad: Carlo Sarchi, Ed. Milano: P. Agnelli, 1866.

_____. ***La Scienza Nuova. Introduzione e note di Paolo Rossi***. Ed: Rizzoli, Milan, 1977.

_____. ***Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*** [1728]. In: ***Opere***. Milano: Arnoldo Mondadori, 2007a.

_____. ***Lettere*** [1720-1729]. In: ***Opere***: Milano: Arnoldo Mondadori, 2007b.

_____. ***De nostri temporis studiorum ratione*** [1708], In: ***Opere***. Milano: Arnoldo Mondadori, 2007c.

_____. ***Principi di scienza nuova d'intorno alla comune natura delle nazioni*** [1744]. In: ***Opere***. Milano: Arnoldo Mondadori, 2007d.

-EDIÇÕES DAS OBRAS DE VICO EM OUTROS IDIOMAS:

VICO, G. ***Oración VI*** [1707]. In: ***Obras-Oraciones inaugurales/ La antiquísima sabiduría de los italianos***. Barcelona: Anthropos Editorial, 2002a.

_____. ***La antiquísima sabiduría de los italianos*** [1710]. In: ***Obras-Oraciones inaugurales/ La antiquísima sabiduría de los italianos***. Barcelona: Anthropos Editorial, 2002b.

_____. ***Principi de Oratoria*** [1711-1738]. In: ***Elementos de Retórica***. Madrid: Editorial Trotta, 2005a.

_____. ***Ciência Nova*** [1744]. Trad. port. Jorge Vaz de Carvalho, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005b.

_____. ***Sinopse do Direito Universal*** [1720]. Trad. bras. Humberto Aparecido de Oliveira Guido. In: ***Educação e Filosofia***, v. 23, n. 45. EDUFU: Uberlândia, 2009.

OBRAS SOBRE VICO:

BADALONI, Nicola. ***Introduzione a Vico***. Roma-Bari. Gius. Laterza & Figli, 1984.

BURKE, Peter. ***Vico***. [1985]. Trad. bras. Roberto Leal Ferreira, São Paulo: UNESP, 1997.

BORDOGNA, Alberto. ***Gli idoli del foro. Retorica e mito nel pensiero di Giambattista Vico***. Roma: Aracne, 2007.

BERLIN, I. ***Vico e Herder***. Trad Juan Antônio Gili Sobrinho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, (Coleção *Pensamento Político*, v. 49), 1982.

CROCE, B. ***La filosofia di Giambattista Vico*** [1911]. Bari: Laterza & Figli, 1922.

DAMIANI, Alberto. ***Vico y la estrategia racionalista***. ÉNDOXA: Séries Filosóficas, n.º 13, Madrid, 2000.

PEREIRA FILHO, Antonio José Pereira. **Vico e a fratura moderna: O princípio do verum-factum e a idéia de história na Ciência Nova**. Dissertação não publicada. USP, São Paulo, 2004.

_____. **Linguagem e Práxis: Vico e a crítica à concepção cartesiana de linguagem**. (Tese de Doutorado), São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde01102010112543/publico/2010_AntonioJosePereiraFilho.pdf

_____. **Natureza e História: Notas sobre a crítica à noção abstrata de natureza humana em Marx e Vico**. *Cadernos Espinosanos*, 1(30). Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9012.espinosa.2014.83780>

GALEAZZI, Umberto. **Ermeneutica e storia in Vico. Morale, diritto e società nella "Scienza nuova"**. Japadre. Milano, 1993.

GUIDO, Humberto Aparecido de Oliveira. **Vico e Horkheimer: a idéia de barbárie** [*Educação e Filosofia*], 1998.

_____. **A barbárie da reflexão e a decadência moral: a crítica de Vico à cultura do Iluminismo**. [*Philosophos*], 2002.2.

_____. **Giambattista Vico. A filosofia e a educação da humanidade**. Petrópolis, Vozes, 2004.

LIMA, José Expedito Passos. **A Estética entre Saberes Antigos e Modernos na Nuova Scienza de Giambattista Vico**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2010.

LÓPEZ, Gemma Muñoz-Alonso. *La crítica de Vico a Descartes*. In: **Cuadernos sobre Vico** 2, 1999.

MODICA, Giuseppe. **La filosofia del "senso comune" in Giambattista Vico**. Ed: Caltanissetta: S. Sciascia, 1983.

PATELLA, Giuseppe. *Giambattista Vico, la universidad y el saber: el modelo retórico*. In: **Cuadernos sobre Vico** 7/8, 2003.

SABETTA, Antonio. **Giambattista Vico, Metafisica e Storia**, Ed: Studium, Roma 2011.

SANTOS, Ana Cláudia Ramalho. **Giambattista Vico: Poesia e Ciência Nova**. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2008.

SILVA, Liliâne Severiano. **Do sistema do direito universal a uma nuova scienza da vida civil: a invenção de Giambattista Vico**. 2010. 121f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) -Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.

SILVA NETO, Sertório de Amorim. **As críticas de Vico e Horkheimer ao racionalismo cartesiano: a negação da razão naturalista em nome da filosofia**

humanista. Educação e Filosofia – v. 15 – n. 29, jan/jun. 2001.

_____. **As razões da Política: *humanitas* e barbárie em Giambattista Vico** [Tese de doutorado/USP], São Paulo, 2010.

SILVEIRA, Luís Gustavo Guadalupe. **A concepção da História de Vico: a valorização da sabedoria poética e do pensamento mítico.** POROS, Uberlândia, V. 1, n.2, 2009.

SOUZA, Vilma De Katinszky Barreto de. A história e a filologia na Ciência Nova de Giambattista Vico. *In: Fragmentos*, número 33, p. 293/307 Florianópolis/ jul - dez/ 2007.

VANZULLI, Marco. **A contribuição de Giambattista Vico para o marxismo contemporâneo.** Cadernos cemarx, n2 — 2005.

-OUTROS AUTORES:

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento* (1947). Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1985.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia Completa.** Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S.A., 2003.

ARAUJO, S. X. G. Excelência e glória no mundo antigo e no humanismo religioso de Petrarca. *In: O Que nos Faz Pensar* (PUCRJ), v. 25, p. 157-175, 2009.

BURCKHARDT, J. Ch. **A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio** [1860]. Trad. br: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DELLA MIRANDOLA, Giovanni Pico. **Discurso pela dignidade do homem** [recurso eletrônico] / Giovanni Pico [tradução, organização, introdução e notas Antonio A. Minghetti] -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015. Disponível em: https://3c290742-53df-4d6fb12f6b135a606bc7.filesusr.com/ugd/48d206_3f03f07410a54086b6d605f5c2896907.pdf

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência.** 2ed. -20. Reimpre. – São Paulo: Atlas, 2012.

DESCARTES, René. **Discurso do Método** [1641]. Trad. br: J. Guinsburg e Bento Prado Júnior, 1 edição, Abril S.A Cultural e Industrial, Coleção Os pensadores, São Paulo, 1973.

FLUSSER, Vilém. **Pós-História: vinte instantâneos e um modo de usar.** - São Paulo: Annablume, 2011.

HORKHEIMER, Max. **A origem da filosofia burguesa.** Trad: Maria Margarida Morgado. Editorial Presença, Lisboa, 1970.

KRISTELLER, Paul Oskar. **Tradição clássica e pensamento do Renascimento.**

Lisboa: Edições 70, 1995.

LEÃO, Ryane. **Tudo nela brilha e queima**. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

MARX, Karl. **O capital** [recurso eletrônico]: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital / Karl Marx; [tradução de Rubens Enderle]. - São Paulo: Boitempo, 2013.

PINTO, Fabrina Magalhães; RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. **O Discurso Humanista de Erasmo: uma retórica da interioridade**. Rio de Janeiro, 2006.

ANEXO

(Figura do Frontispício)



Fig. 1 – Sn44, «Dipinturas».